

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
MICAELA PAFUME COELHO

A NOÇÃO DE SISTEMA NA FUNDAÇÃO DA LINGÜÍSTICA MODERNA

Uberlândia – MG

Julho de 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

MICAELA PAFUME COELHO

A NOÇÃO DE SISTEMA NA FUNDAÇÃO DA LINGUÍSTICA MODERNA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Texto e Discurso

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Mara Silveira

Uberlândia – MG

Julho de 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C672n Coelho, Micaela Pafume, 1990-
2015 A noção de sistema na fundação da linguística moderna / Micaela Pafume Coelho. - 2015.
129 f.

Orientadora: Eliane Mara Silveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913 -
Teses. I. Silveira, Eliane Mara. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Em memória de Divina Abadia Pafume e José Pafume, pelo apoio de sempre.

AGRADECIMENTOS

À Eliane, por me orientar, mas, sobretudo, por mostrar que o amor pelo que fazemos é o que nos torna profissionais menos patéticos.

Ao pessoal do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (GP_FdS), pelas trocas, pelas discussões, pelo ensinamento, pelos trabalhos, pelas viagens, pelos materiais, e também pelo companheirismo e pelas conversas de cunho não tão científico.

Ao meu pai, Flávio, pelo apoio extremo e pelo exemplo de perseverança, e à minha mãe, Cicília, por me fazer ver que sempre vale a pena fazer o que amamos, não importam as opiniões contrárias.

Aos meus irmãos, Martina e João Flávio, pelo amor e por serem pessoas que, perto ou longe, de alguma forma me fazem ver que desistir nunca é opção. E à minha irmã de coração, Letícia, por tudo.

À Stefania, por ler e discutir meus trabalhos (desde suas versões mais mequetrefes), e também por me incentivar e por conversar comigo, mesmo que pra isso ela tivesse que fazer chamadas interurbanas ou até mesmo chegar mais cedo em Uberlândia para as reuniões do GP_FdS.

Aos amigos da Equipe Uai Q Dança, por me manterem perto do movimento, da arte, dos palcos e do afeto.

Às meninas do balé, que são as meninas do “lanchinho gostoso”, do videogame, das aulas fora de hora, por me ajudarem a ser sempre o mais feliz que eu consigo. Os momentos com vocês me ajudam a retomar o fôlego.

À Prof^a Dr^a Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro e à Prof^a Dr^a Fernanda Mussalim, por participarem da banca de defesa desta dissertação, contribuindo para o desenvolvimento do meu trabalho.

À Prof^a Dr^a Núbia Faria Becker, à doutoranda Michelle Landim Brazão e, novamente, à Prof^a Dr^a Fernanda Mussalim, pelas contribuições feitas durante a banca de qualificação.

Aos professores e funcionários do ILEEL, por fazerem parte do meu processo de formação, desde a graduação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo auxílio financeiro.

E então, sim, rematou o ministro dos negócios estrangeiros, e não poderemos, com muito mais propriedade falar de cargas de profundidade contra a estabilidade do sistema democrático, não simplesmente, não meramente, num país, neste país, mas em todo o planeta. O ministro do interior sentia que se lhe estava a escapar o papel de figura principal a que os últimos acontecimentos o haviam alcandorado, e, para não perder de todo o pé, depois de ter agradecido e reconhecido com imparcial galhardia a justeza dos comentários do ministro dos negócios estrangeiros, quis mostrar que também ele era capaz das mais extremas subtilezas de interpretação semiológica, É interessante observar, disse, como os significados das palavras se vão modificando sem que nos apercebamos, como tantas vezes as utilizamos para dizer precisamente o contrário do que antes expressavam e que, de certo modo, como um eco que se vai perdendo, continuam ainda a expressar, Esse é um dos efeitos do processo semântico, disse lá do fundo o ministro da cultura,

RESUMO

Nosso trabalho destina-se à investigação da noção saussuriana de sistema. Tal noção consiste em um dos elementos centrais da teorização de Ferdinand de Saussure, uma vez que compõe a própria definição de língua por ele pensada. Essa definição foi crucial na delimitação do objeto de estudo específico da Linguística, e permitiu que se outorgasse a ela seu lugar entre as ciências modernas. No entanto, a noção de sistema não foi criada por Saussure. Tanto na Linguística como em outras áreas do conhecimento, ela já se mostrava presente em estudos muito antigos, confundindo-se com a fixação do homem em sociedade e com o desenvolvimento de suas atividades econômicas e organizacionais. Especificamente no âmbito dos estudos da linguagem, o sistema consiste em uma noção que compôs os trabalhos dos primeiros gramáticos do ocidente, na Grécia Antiga, sendo utilizada também em momentos posteriores, como nos estudos da sinonímia e na análise comparativa de línguas desenvolvidas pelos estudiosos do século XIX. No entanto, em sua teorização, Saussure, cuja formação se deu em meio a esses estudos comparatistas, em Leipzig e Berlim, parece propor uma noção de sistema que, embora possua aspectos em comum com as concepções utilizadas anteriormente, distancia-se delas, apresentando um caráter inovador. Tendo isso em vista, a partir da análise de quatro documentos saussurianos, buscamos apontar os aspectos da noção saussuriana de sistema que permitem o estabelecimento, ao mesmo tempo, de uma relação de continuidade e ruptura com as concepções de sistema utilizadas por estudiosos da linguagem anteriores ou contemporâneos a Saussure. Os documentos alvo de nossa investigação serão o Curso de Linguística Geral, o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, e os conjuntos de manuscritos “Da essência dupla da linguagem” e “Notas para o curso III”.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; Manuscritos; Curso de Linguística Geral; Sistema.

ABSTRACT

This work is intended to investigate the saussurian notion of system. Such a notion is fundamental to Ferdinand de Saussure's theorization, since it composes the definition of "langue", as he thought it. This definition was crucial to the delimitation of linguistics' specific object of study, which granted its place among modern sciences. However, the notion of system was not created by Saussure. Not only in Linguistics, but also in other areas, this notion appeared in very ancient studies, mingling with the establishment of man in society and the development of their economic and organizational activities. Specifically, in the context of language studies, the system consists in a notion that composed the work of the first grammarians in the West, in ancient Greece. Moreover, this notion was also used afterwards, in the synonymy studies and in the comparative analysis of languages, developed by scholars of the nineteenth century. Nevertheless, although Saussure had had his formation in Leipzig and Berlin, amid comparatists studies, his notion of system is an innovation, while is also continuing. In light of this, we aim to highlight the aspects of the saussurian notion of system that allow the establishment of a relationship of continuity and rupture with other conceptions of system. For that, we will investigate four Saussure authored documents: the « *Cours de linguistique générale* », the « *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* », and the two sets of manuscripts « *De l'essence double du langage* » and « *Notes pour le cours III* ».

Keywords: Ferdinand de Saussure; Manuscripts; Course in General Linguistics; System.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – Caminhos e retornos: estratégias de abordagem.....	11
1.1 Introdução.....	11
1.2 A noção de sistema e algumas especificidades das reflexões saussurianas	12
1.2.1 O movimento de Saussure	16
1.3 A epistemologia e a teorização saussuriana	19
1.4 Estratégias de investigação	27
CAPÍTULO 2 – Teoria e crítica da noção de sistema no Curso de Linguística Geral.....	37
2.1 Introdução.....	37
2.2 O sistema e o CLG	38
2.2.1 O sistema e o objeto da Linguística.....	39
2.3 Sistema: estado e funcionamento da língua.....	57
CAPÍTULO 3 – A trajetória de elaboração da noção saussuriana de sistema	60
3.1 Introdução.....	60
3.2 O sistema e o <i>Mémoire</i>	62
3.3 O sistema e a essência dupla da linguagem.....	70
3.4 O sistema e o Terceiro Curso de Linguística Geral.....	81
CAPÍTULO 4 – O sistema em Saussure: continuidade e ruptura	88
4.1 Introdução.....	88
4.2 A noção de sistema nos estudos da linguagem.....	90
4.2.1 “ <i>Traité des systèmes</i> ”: definições e princípios	91
4.2.2 Os estudos da gramática dos séculos XVII e XVIII.....	95
4.2.3 Os frutos da Gramática Comparada.....	99
4.3 A noção de sistema: um paralelo	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	120

Introdução

A teorização de Ferdinand de Saussure consistiu em um marco para os estudos linguísticos, uma vez que foi responsável por conceder o estatuto de ciência moderna à Linguística. Por isso, as noções e os princípios que fundamentam as reflexões do linguista consistem em elementos importantes para a delimitação de um objeto de estudo específico para essa ciência, bem como para o corte epistemológico que demarcou o rigor científico aos estudos da linguagem. Dentre os elementos constituintes desse quadro teórico saussuriano, destacamos a noção de sistema. Tal noção já se apresentava como fundamental desde os primeiros estudos da linguagem desenvolvidos no ocidente.

No entanto, o processo de elaboração da concepção de sistema pensada por Saussure indica que essa noção parece estabelecer, de uma só vez, uma relação de continuidade e ruptura com a concepção de sistema que fundamenta as reflexões sobre a linguagem desenvolvidas por autores dos séculos XVII, XVIII e XIX. Por isso, neste trabalho, dedicar-nos-emos a investigar quais aspectos dessa noção saussuriana fazem com que ela dê prosseguimento à noção de sistema nos estudos da linguagem, ao mesmo tempo em que também rompe com as concepções de sistema pensadas por alguns estudiosos da linguagem contemporâneos e anteriores a Saussure.

No entanto, considerando a especificidade dos documentos e da própria teorização saussuriana, pensamos ser pertinente refletir, antes de tudo, sobre o tratamento dos materiais em que se encontra o legado teórico de Saussure. Por isso, iniciaremos nosso trabalho buscando expor, de antemão, algumas marcas teórico-textuais que podem incidir na leitura e intervir na interpretação dos documentos saussurianos. Além disso, apresentaremos alguns aspectos que devem ser considerados ao tratar do processo de teorização de Saussure.

Após, mostra-se necessário investigar de que forma a noção saussuriana de sistema se constitui no Curso de Linguística Geral – livro que levou a público a teorização do linguista. Com isso, é possível conhecer os aspectos que constituem a noção alvo de nossa investigação em um material em que as elaborações de Saussure acerca da Linguística Geral são apresentadas pela primeira vez, e no formato de um livro publicado. Isso nos dará os primeiros elementos que possibilitarão reflexões a respeito da questão maior de nossa pesquisa, indicando aspectos que indiquem o prosseguimento e a reviravolta cumpridos pela noção saussuriana de sistema.

Em seguida, objetivamos analisar essa mesma noção em três momentos das reflexões de Saussure anteriores à publicação do Curso de Linguística Geral: na ocasião da publicação de seu *“Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes”*, em

1879; no conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem”, datado de 1891; e nas “Notas para o curso III”, de 1910-1911. A partir da análise desses materiais, passaremos a conhecer o processo de elaboração do sistema saussuriano, tanto em seus estudos no âmbito da Gramática Comparada, como em suas reflexões sobre a natureza da língua apresentadas em suas notas manuscritas.

Contudo, para que cumpramos com o objetivo central de nossa pesquisa, torna-se necessário conhecermos também as concepções de sistema adotadas por alguns estudiosos da linguagem anteriores a Saussure. Para que isso ocorra, pautar-nos-emos nos estudos de autores que se dedicaram à gramática e à sinonímia, durante os séculos XVII e XVIII, bem como ao estudo filosófico da linguagem. Além disso, também buscaremos conhecer a noção de sistema em alguns dos trabalhos que se originaram da Gramática Comparada. Feito isso, poderemos estabelecer um paralelo entre a noção saussuriana de sistema e as concepções de sistema que fundamentam o trabalho desses estudiosos da linguagem, de forma a indicar os aspectos que trazem continuidade e inovação a essa noção, tal como pensada por Saussure.

Capítulo 1 - Caminhos e retornos: estratégias de abordagem

O que foi que Saussure trouxe à linguística do seu tempo, e em que agiu sobre a nossa? Para responder a essa questão, poder-se-ia ir de cada um de seus escritos ao seguinte, analisar, comparar, discutir.

(Émile Benveniste)

1.1 Introdução

Neste capítulo, abordaremos alguns aspectos pertinentes ao tratamento dos documentos saussurianos enquanto corpora de análise, bem como da teorização neles apresentada. O projeto teórico de Saussure apresenta uma complexidade, por se tratar de uma teorização que aborda a linguagem a partir de óticas distintas – considerando que o linguista se dedicou à Gramática Comparada, às reflexões sobre linguística geral, e também ao estudo das lendas germânicas e dos anagramas –, mas cujos objetos de investigação estabelecem, de alguma forma, uma relação entre si. Por isso, em nossa perspectiva, a análise dos materiais que apresentam a trajetória de elaboração da teorização saussuriana exige que tomemos como centrais as marcas que indicam o movimento desse processo (cf. SILVEIRA, 2007).

Tendo isso em vista, os itens a seguir serão dedicados a explicitar alguns aspectos do tratamento dos documentos saussurianos e também da própria teorização de Saussure. Além disso, pautados nesses aspectos, apresentaremos, em seguida, as estratégias de abordagem que empregaremos em nosso trabalho, isto é, na análise da noção de sistema nos documentos que compõem nosso corpus de pesquisa.

Para tanto, primeiramente utilizaremos o trabalho de Silveira (2007), para tratar das especificidades encontradas nos materiais que atestam o processo de elaboração de Saussure. O trabalho da autora será também utilizado para tratar do movimento teórico que pode ser observado na teorização do linguista, mostrando uma trajetória de reflexão não linear, que apresenta impasses e tensões, não sendo necessariamente direcionada para um fim específico, como a fundação da Linguística Moderna. Em seguida, trataremos da questão do corte epistemológico possibilitado pela teorização e pelos princípios saussurianos. Para isso, pautar-nos-emos, principalmente, no trabalho de Normand (2011), “Saussure: uma epistemologia da Linguística”; e nas reflexões de Milner, “Introduction à une science du langage”, datado de

1989, e “Le périple structurale”, de 2002, para apresentar os elementos do projeto teórico de Saussure que permitiram que a Linguística se estabelecesse enquanto ciência.

Desse modo, torna-se pertinente apresentar nosso posicionamento, bem como as estratégias de abordagem que serão utilizadas ao longo de nossa pesquisa, estratégias essas que serão pautadas nas reflexões dos autores anteriormente mencionados. Por meio delas, será possível compreender o caminho tomado por nós em cada momento de nosso trabalho, de modo que, ao final, seja possível apresentar caminhos para refletir a respeito de nossa questão primordial: “De que modo a noção saussuriana de sistema estabelece, ao mesmo tempo, uma relação de continuidade e ruptura com as concepções de sistema utilizadas pelos estudiosos da linguagem anteriores e contemporâneos a Saussure?”

1.2 Algumas especificidades dos documentos saussurianos

Nas elaborações de Saussure, a noção de sistema consiste em um elemento de importância fundamental não apenas em seus trabalhos referentes à Linguística Geral. Como mostraremos nos capítulos seguintes, o sistema constitui uma peça-chave nas reflexões que consagraram o linguista no âmbito da Gramática Comparada, e mostra-se como um componente primordial, tanto no processo de transição de suas reflexões como em suas elaborações sobre Linguística Geral. Essa persistência da noção de sistema nos diferentes trabalhos de Saussure, os quais partem de pontos de vista distintos, apesar de se enquadrarem, sem exceção, nos estudos da linguagem, indica alguns aspectos notáveis da trajetória de elaboração de sua teorização.

Ademais, o fato de essa noção ser um elemento componente das diferentes reflexões saussurianas faz com que seja necessário um cuidado com o modo de abordagem dessa noção em cada trabalho do linguista. Isso porque essas diferentes teorizações são expostas em materiais de cunhos distintos, cada um dos quais apresenta especificidades. Tomemos os quatro documentos saussurianos que consistem no objeto de análise desta dissertação: o “*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*”, o conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem”, as “Notas para o curso III” e o Curso de Linguística Geral (CLG). Trata-se de materiais de naturezas distintas, os quais possuíam, na época em que foram escritos, diferentes finalidades e até mesmo diferentes óticas de abordagem do objeto de investigação.

O *Mémoire* foi o único livro publicado por Saussure em vida e apresenta um estudo comparativo de algumas línguas indo-europeias, a fim de propor um sistema que considerasse a existência de quatro vogais “a”, e não três, como outros estudiosos do final do século XIX afirmavam. Os outros três materiais, apesar de tratarem de temas referentes à Linguística Geral, possuem aspectos que os diferem entre si. O conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem”, datado de 1891, configura-se, em sua estrutura, como escritos de um suposto livro sobre Linguística Geral que Saussure nunca chegou a terminar, muito menos a publicar. Seu conteúdo apresenta a teorização do linguista especificamente sobre a língua e seus princípios em um primeiro momento.

As “Notas para o curso III”, dos anos de 1910-1911, são anotações efetuadas pelo linguista para preparar o terceiro curso que ministrou na Universidade de Genebra, e têm como conteúdo aspectos referentes tanto à Linguística geográfica como à língua enquanto objeto de estudo. O CLG, por fim, é uma obra póstuma (publicada em 1916), de autoria concedida a Saussure, e elaborada por dois de seus discípulos: C. Bally e A. Sechehaye – com a colaboração de A. Riedlinger, um aluno de seus cursos. Ele é dedicado a apresentar a contribuição original de Saussure acerca da Linguística Geral, bem como algumas considerações do linguista sobre as línguas, as quais contribuíram para o processo de elaboração de suas reflexões.

Embora sejam materiais cujos propósitos se distanciam ou que até mesmo que se enquadram em áreas distintas dos estudos da linguagem – como é o caso do *Mémoire* frente aos outros documentos, visto que consiste em uma obra fruto da Gramática Comparada –, a noção saussuriana de sistema apresenta, em todos eles, características comuns, além de se mostrar como um elemento de importância central em cada um dos documentos. Contudo, para que esses aspectos sejam mostrados, é preciso que cada documento seja analisado considerando seus caracteres formais e o propósito para o qual foram elaborados.

Nesse sentido, apesar da amplitude das reflexões expostas nesses materiais, é pertinente ressaltar que a teorização de Saussure não consiste em um todo completo e acabado. Trata-se de reflexões permeadas, segundo Silveira (2007, p. 17), por “marcas” que indicam um pensamento não linear e não direcionado a um fim determinado. Segundo a autora, “essas marcas concretas – rasuras, repetições, reformulações e incisos – também assinalam o movimento particular de um sujeito, isto é, os seus passos e os seus impasses” (SILVEIRA, 2007, p. 17). Dessa forma, é importante destacar que há também algumas marcas que mostram a trajetória do movimento de Saussure para além daquelas presentes exclusivamente nos manuscritos.

No *Mémoire*, por exemplo, a falta de uma definição direta de noções que são centrais para o trabalho, como a de sistema e a de valor, pode incidir como uma marca de movimento da teorização saussuriana. Isso porque essa falta não compromete o entendimento da forma como essas noções contribuem para a tese do linguista, mas, apesar disso, deixa em aberto um caminho para a procura de caracterizações e definições dessas noções, procura esta que funciona, a nosso ver, como um combustível para a trajetória de elaboração das reflexões de Saussure. Essa falta, contudo, não é uma característica exclusiva do *Mémoire*. Como será possível ver nos capítulos seguintes, tanto o CLG como os conjuntos de manuscritos também se abstêm de uma definição direta de alguns conceitos.

Além disso, enquanto nos manuscritos há rasuras, incisos, reincidências e outras marcas textuais que, segundo Silveira (2007), podem indicar uma reelaboração dos conceitos, reassaltando o movimento da teorização saussuriana, no *Mémoire*, a nosso ver, existem outros aspectos – compatíveis com um texto publicado – que funcionam de modo semelhante. Segundo Joseph (2012, p. 221), o projeto inicial do *Mémoire* pensado por Saussure previa um trabalho de, em média, 60 páginas. No entanto, o resultado foi um livro de mais de 300 páginas. Tal fato ocasionou algumas marcas no texto de Saussure, uma vez que ele “aprendia com os erros que cometia” ao longo de sua escrita (JOSEPH, 2012, p. 222).

Essas marcas consistem, por exemplo, em trechos que são dedicados a indicar mudanças de posicionamento acerca do que havia sido dito nas primeiras páginas do trabalho. Isso porque, de acordo com Joseph (2012),

Trechos impressos do trabalho, à medida que ele [Saussure] os produzia, indicavam que não havia possibilidade de efetuar correções a posteriori, ou de revisar o prefácio, a fim de expor uma visão mais ampla de quais eram as possíveis conclusões. Uma vez que nunca havia experimentado um projeto tão extenso, ele aprendia com seus erros. Houve um ponto em que Saussure foi obrigado a anunciar uma mudança sobre uma afirmação que havia sido feita cem páginas antes. Pouco depois, no início do capítulo “Papel gramatical dos diferentes tipos de *a*”, ele tenta prever o que os leitores pensarão ser mero desleixo de sua escrita. (JOSEPH, 2012, p. 222, tradução nossa).¹

No que tange às elaborações sobre Linguística Geral, acreditamos ser pertinente destacar a flutuação terminológica enquanto elemento que demarca o movimento da trajetória

¹ “Printing portions of the work as he produced them meant that there was no going back for corrections, or revising the preface to give a fuller view of what the conclusions would be. Never having attempted a project of anything like such a length, he was learning by the mistakes he made. At one point he is obliged to announce a change of mind from a statement he had made a hundred pages earlier. Shortly after, at the start of the chapter on the ‘Grammatical role of the different types of *a*’, he attempts to rationalize what readers might take to be mere sloppiness of composition on his part”.

de Saussure. Seja nos manuscritos do final do século XIX, nas notas preparatórias para os cursos, ou mesmo no CLG, a terminologia flutuante incide na teorização saussuriana, mostrando que, de fato, as reflexões do linguista não podem ser dadas como prontas e acabadas. Afirmamos isso, pois essa imprecisão referente à terminologia não perpassa apenas a escolha de “nomeação” dos conceitos, mas também a própria conceituação e delimitação dos elementos que sustentam e fundamentam a teorização saussuriana. Se, por exemplo, tomamos a língua como um “sistema de signos e ideias” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 18), tal como é exposto no CLG, o termo “signo” passa a ser compreendido como um elemento associado às ideias, e não como uma unidade composta por significante e significado². Há, nesse trecho, uma flutuação terminológica passível de incidir no próprio entendimento da reflexão de Saussure.

Tendo isso em mente, é possível levantar a hipótese de que a noção de sistema, enquanto elemento componente dessa teorização, compartilha das mesmas características que possui a própria teorização de Saussure. Dito de outro modo, tendo como base as reflexões de Silveira (2007), não acreditamos que seja possível afirmar que tal noção possua uma trajetória linear, cujo caminho se inicia nos estudos da Gramática Comparada e chega, finalizado, aos estudos sobre a Linguística Geral. Nessa linha de raciocínio, consideramos pertinente pensar que o sistema esteja sob os mesmos efeitos de toda a reflexão de Saussure. Assim, presumimos que sua trajetória de elaboração seja não linear, não direcionada e demarcada por passos, impasses e pelas marcas dos textos de suas elaborações, as quais indicam a existência de um movimento dessa trajetória.

Entretanto, essa hipótese não contradiz o estatuto da noção de sistema como um dos elementos centrais das elaborações saussurianas. Ao contrário, a possibilidade de existência de reelaborações, questões e reincidências acerca dessa noção nos diferentes trabalhos de Saussure, a nosso ver, consiste, na verdade, em um fator que reforça a importância desse elemento no seio das reflexões do linguista. Tendo isso em vista, no item a seguir, traremos alguns aspectos discutidos em Silveira (2007) acerca do movimento da teorização saussuriana na fundação da Linguística. As reflexões da autora fundamentam a nossa hipótese de que os aspectos que indicam um movimento nas elaborações saussurianas podem ser válidos tanto para a teorização saussuriana como um todo, como para as noções e princípios que a constituem.

1.2.1 O movimento de Saussure

² Trataremos sobre essa questão mais de maneira mais detalhada no próximo capítulo.

Tomar a teorização de Saussure como corpus de análise de um trabalho não constitui tarefa simples, em virtude das peculiaridades que compõem não só o seu processo de elaboração, mas também os próprios documentos de autoria do linguista que levaram a público tal teorização. Não importa qual documento se tenha em mente, o conteúdo que o compõe apresenta, em sua grande maioria, aspectos que evidenciam, assim como apontado por Silveira (2007), uma trajetória de elaboração teórica que não segue uma ordem cronológica e nem mesmo se desenrola necessariamente em direção à fundação de uma ciência. Apesar disso, é inegável que tal teorização seja considerada como aquela que oferecera reflexões que possibilitaram a fundação da Linguística enquanto ciência moderna.

Por isso, a esse respeito, consideramos importante ressaltar o posicionamento de Silveira (2007), que opta por suspender momentaneamente as qualificações da elaboração saussuriana como “fundadoras de uma ciência”. Isso porque, segundo a autora,

Em primeiro lugar, [...] essas qualificações nomeiam um efeito retroativo desse movimento [de Saussure], dando-lhe um sentido em duas acepções do termo sentido, isto é, significado e direção. Em segundo lugar, porque esses sentidos cernem desse movimento apenas o seu produto, isto é, o que se presume como a elaboração final de Saussure que culminou no “acontecimento editorial”: *Cours de Linguistique Générale* [...]. É, portanto, necessário um passo atrás, ou seja, a suspensão dessas qualificações para surpreender o movimento (SILVEIRA, 2007, p. 80).

O processo que é denominado pela autora como “movimento de Saussure”, nesse mesmo sentido, importa mais do que o produto que se pôde retirar das elaborações saussurianas retroativamente. Isso porque, a partir da observação desse movimento, é possível identificar de que forma a noção de sistema é constituída nos documentos saussurianos selecionados como corpora de nossas análises. Sendo assim, em vez de analisar um conceito da teorização saussuriana de forma enrijecida, priorizaremos a trajetória de elaboração do conceito.

Desse modo, torna-se necessário ao pesquisador um posicionamento que considere o processo de elaboração da teorização saussuriana, tomando seus documentos – sejam eles livros publicados ou manuscritos – não como obras prontas e acabadas, mas como elementos que atestam a produtividade das asserções menos categóricas presentes nas reflexões do linguista. Isso porque, tal como afirma Silveira (2007), trata-se de materiais marcados por impasses e que não seguem necessariamente uma linearidade. Tal fato pode ser notado, por exemplo, ao observarmos que, mesmo no *Mémoire*, Saussure já apresenta aspectos teóricos que viriam a compor de forma central suas reflexões sobre Linguística Geral, como é o caso da noção de sistema e de outras noções componentes do quadro teórico pensado pelo linguista.

Nesse sentido, destacamos a afirmação de Silveira (2007):

é preciso considerar que as elaborações de Saussure, que lhe renderam o título de fundador da linguística, não são sem relação com sua formação que está totalmente ancorada na gramática comparativa do século XIX [...]. (SILVEIRA, 2007, p. 47).

Há, portanto, uma relação entre a formação de Saussure em meio aos estudos comparatistas da segunda metade do século XIX e suas reflexões acerca da língua enquanto objeto de estudo da Linguística, as quais foram consagradas, em um primeiro momento, pelos cursos ministrados na Universidade de Genebra e, depois, pelo CLG e pela descoberta dos manuscritos do linguista. Porém, apesar de o linguista identificar a necessidade de se reformarem a terminologia e os métodos da pesquisa feita em linguagem, além de clamar pela delimitação de um objeto de estudo que fosse, ao mesmo tempo, concreto e integral aos estudos linguísticos, o caminho percorrido por ele para alcançar as passagens a tais necessidades perpassa por dúvidas, impasses e questionamentos. E esses aspectos se concretizam na trajetória de elaboração dos conceitos e princípios que fundamentam as reflexões de Saussure.

A tese defendida pelo linguista em seu *Mémoire*, por exemplo, baseia-se em uma ótica pautada na **relação** e na análise dos elementos fônicos a partir de um **sistema**. E, apesar desses princípios – relação e sistema – não possuírem uma definição conclusiva no momento em questão, eles indicavam, desde já, um redirecionamento do modo como se dava a abordagem das pesquisas realizadas nesse âmbito. Isso porque, embora a noção de sistema estivesse, desde muito cedo, presente nos estudos da linguagem, ela é reconfigurada nas reflexões saussurianas. A esse respeito, destacamos a afirmação de Ducrot (1968), de que

se esse conceito [de estrutura ou sistema] não se impôs, se foi quase abandonado (até que Saussure o ressuscite, acrescentando-lhe certas determinações originais), foi porque não logrou resistir a uma descoberta feita na mesma época: a da transformação das línguas. (DUCROT, 1968, p. 42-43).

Ora, a principal vertente de pesquisas no âmbito da linguagem no século XIX foi a da Gramática Comparada, que se dedicava ao estudo e à reconstituição das famílias de língua, com o propósito principal de encontrar a chamada “língua-mãe”. No entanto, o que Ducrot (1968) destaca é que o estudo das transformações das línguas tomou o lugar da delimitação de conceitos gerais que embasavam essas transformações, como é o caso da noção de sistema. Isso foi também questionado por Saussure em suas cartas e conversas com seus contemporâneos³:

³ Saussure afirma, por exemplo, em uma carta a Meillet, que estava insatisfeito com a “inépcia da terminologia corrente” (SAUSSURE apud BENVENISTE, 1965).

qual seria a razão de se buscar tais reconstituições, se as reformas na terminologia e no método de pesquisa da época eram, no ponto de vista de Saussure, necessidades primordiais e evidentes?

A definição de um objeto de estudo e a proposta de uma metodologia para o estudo desse objeto, a qual propõe abordagens diferentes para cada ponto de vista, são aspectos que foram, de fato, cruciais para a fundação da Linguística. No entanto, não podemos considerar nem a anterioridade de intenção dessa fundação nem a existência de uma hierarquia dos princípios ou mesmo dos diferentes pontos de vista que fundamentam as reflexões de Saussure.

É isso que propõe Silveira (2007), ao realizar sua análise do movimento da elaboração saussuriana sob a ótica da psicanálise. Segundo a autora, é possível “dizer sobre um movimento marcado pelos anagramas, o indo-europeu e a teoria do valor sem ordená-los ou hierarquizá-los” (SILVEIRA, 2007, p. 82). Explicando de forma sucinta, o que Silveira (2007) faz é estabelecer uma analogia entre o vínculo que sustenta os conceitos de Real, Simbólico e Imaginário de Lacan, chamado de nó borromeano, e o vínculo que entrelaça as reflexões de Saussure que partem de pontos de vista distintos do mesmo objeto de estudo⁴. Tal nó, segundo a autora, consiste em “uma certa maneira de nodular elos” (GRANON-LAFORD, 1986, p. 28 apud SILVEIRA, 2007, p. 81). Nesse sentido,

O caráter borromeano desses registros [Real, Simbólico e Imaginário] implica que eles sejam nodulados de uma forma específica, tal que, ao soltar um, nenhum dos outros continua enlaçado [...]. Essa homogeneização dos registros na forma do nó evita uma hierarquização, embora não desfça a distinção entre eles, mesmo a partir da nodulação. (SILVEIRA, 2007, p. 84).

Segundo a autora, podemos considerar que, assim como o laço entre Real, Simbólico e Imaginário é sustentado de forma tal que, se rompermos o enlace de apenas um dos elementos, desfaz-se a relação entre os três, dessa mesma forma se dá o vínculo entre os diferentes estudos de Saussure. Dito de outro modo, a procura pelos anagramas nas poesias gregas e latinas, os estudos comparatistas, que tinham como objetivo maior a busca pela língua-mãe, e as reflexões sobre a Teoria do Valor e o funcionamento da língua enquanto sistema, entre outros⁵, são produções que parecem se fundamentar de alguma forma. Apesar de cada uma dessas reflexões ter sua direção delimitada por óticas distintas do objeto “língua”, suas trajetórias apresentam intersecções que permitem a existência de um movimento nas elaborações saussurianas como um todo.

⁴ A autora trata, especificamente, dos estudos sobre os anagramas, o indo-europeu e o funcionamento da língua.

⁵ Como mais tarde comprovaram as pesquisas de Souza (2012) e Henriques (2014).

Nesse sentido, não consideramos adequada uma tomada de posição que considere uma hierarquização desses diferentes estudos, muito embora haja autores que se posicionem de tal forma (cf. ZILBERBERG, 1993). Além disso, é importante ressaltar que algumas das reflexões de Saussure não se deram em épocas concomitantes; pelo contrário, estabeleceram-se em momentos e cenários bastante distintos, como já afirmamos anteriormente. Entretanto, mesmo existindo tais fatores, ainda assim é necessário abstermo-nos de considerar uma anterioridade ou uma classificação hierárquica dos princípios e estudos saussurianos. A possível relação entre eles foi o que permitiu o empenho de Saussure em uma trajetória de reflexão que concedeu à Linguística seu lugar dentre as ciências, mesmo que postumamente.

Tendo isso em vista, no item a seguir trataremos da questão da epistemologia na Linguística e buscaremos compreender de que modo as elaborações saussurianas permitiram a tomada de um novo método de abordagem e de uma epistemologia para os estudos linguísticos.

1.3 A epistemologia e a teorização saussuriana

Tanto no CLG como também em outros documentos saussurianos, é possível notar a busca de Saussure pela natureza do objeto ao qual os estudos linguísticos deveriam se dedicar. Essa busca encontrou caminhos não só por Saussure delimitar a língua como alvo de investigação, mas principalmente por fazê-lo de modo a definir tal objeto e a distingui-lo dos demais aos quais estava, muito comumente, vinculado. Assim, temos que a língua, objeto de estudo “ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística” (cf. Saussure, [1916] 2006, p. 15) consiste em um “sistema de signos”, e é distinta da linguagem e da fala (cf. SAUSSURE, [1916] 2006, p. 24).

É notável que a noção de sistema é um elemento central na definição desse objeto e, por conseguinte, mostra-se também como um elemento imprescindível para a fundação da Linguística Moderna. No entanto, o sistema se configura como um elemento componente das reflexões de autores dos estudos da linguagem no ocidente desde muito cedo. Desse modo, tendo em vista que a noção de sistema é anterior à teorização saussuriana, em nosso trabalho, pensamos ser pertinente investigar quais aspectos dessa noção, tal como foi pensada por Saussure, fazem-na estabelecer, ao mesmo tempo, uma relação de continuidade e ruptura com a noção de sistema utilizada por outros estudiosos da linguagem, de forma a outorgar à Linguística seu lugar dentre as ciências modernas. É este o objetivo principal de nossa pesquisa.

Porém, antes de nos atermos a essa questão particular, é necessário abordar alguns aspectos referentes às noções de ciência e epistemologia, especificamente no que tange aos estudos da linguagem. Segundo Normand (2011, p. 13), embora Saussure não utilize em seus escritos a palavra “epistemologia”, ele “manifesta uma exigência dessa ordem em todos seus textos, ainda que seu pensamento não deva ser reduzido a isso”. A autora ainda ressalta que a contribuição teórica e metodológica do linguista tratava-se de

desvincular a pesquisa Linguística da simples coleta empirista de dados, assim como das generalizações vazias sobre a linguagem (instrumento do pensamento, ferramenta de comunicação etc.) ou da evidência de que a Linguística era o “estudo científico da linguagem”, visto que não havia nenhuma precisão sobre os critérios dessa afirmação (NORMAND, 2011, p. 14)

A pesquisa em Linguística, para Saussure, era falha em apresentar um estatuto científico em razão da falta de definições, de critérios precisos e de uma metodologia que retirasse consequências teóricas da “simples coleta empirista de dados”. Era, pois, desprovida de um caráter epistemológico. Isto é, a pesquisa, tal como era feita antes e contemporaneamente a Saussure, não seguia as exigências de uma epistemologia, ou, nas palavras de Normand (2011), de

uma teoria normativa da Ciência que pretende reger o discurso científico em geral e avaliar, segundo critérios rigorosos, as produções que se apresentam como fazendo parte dele, tendo como modelo as ciências naturais (NORMAND, 2011. p. 14)

A esse respeito, ressaltamos também o trabalho de Milner (1989), que é dedicado a tratar dos aspectos responsáveis por outorgar a uma disciplina o estatuto de ciência. Segundo o autor, deve-se entender por **ciência** “uma configuração discursiva que tomou forma com Galileu e não parou de funcionar desde então”⁶ (MILNER, 1989, p. 23, tradução nossa). Nesse mesmo sentido, Milner (1989) afirma que Koyré caracteriza a ciência fundada por Galileu por meio de dois traços principais: i) a matematização do empírico e ii) a constituição de uma relação com a técnica. Desse modo, a **técnica** é tida como a “aplicação prática da ciência”, e a ciência, por sua vez, é definida como a “teoria da técnica” (MILNER, 1989, p. 23). Contudo, para entendermos o conceito de ciência explicitado por Milner (1989), mais do que definir a técnica, é preciso que nos atenhamos às definições de alguns outros conceitos.

Iniciemos pelo conceito de **configuração discursiva**. Uma configuração discursiva deve ser entendida como um conjunto de proposições. Assim, qualquer disciplina, para que seja

⁶ « une configuration discursive que a pris forme avec Galilé et n’a pas cessé de fonctionner depuis ».

considerada ciência, deve ser “constituída de proposições, cuja maior parte reunirá as três características de ser matematizável, de manter uma relação com o empírico e de ser falseável.” (MILNER, 1989, p. 24).

A respeito dessa primeira característica, a **matematização**, ressaltamos que ela não se refere à quantificação ou medida. Está relacionada, na verdade, ao caráter literal da matemática, isto é, ao uso de “símbolos que podem e devem ser tomados literalmente, sem levar em conta o que eles designam eventualmente” e ao uso “desses símbolos unicamente em virtude de suas regras próprias” (MILNER, 1989, p. 24). Ou seja, a matematização é pautada no uso vazio dos símbolos, não lhes restringindo daquilo que eles se encarregam de representar vez ou outra. Trata-se do que Milner (1989, p. 24) chama de um “funcionamento cego”; e é justamente esse funcionamento que possibilita o manejo adequado dos símbolos. Segundo o autor,

Por esse caráter cego, e apenas devido a ele, é assegurada a transmissibilidade integral, a qual repousa sobre o fato de que todos, cientes das regras de manipulação das letras, manejam-nas da mesma forma: é o que se pode chamar de reprodutibilidade de demonstrações⁷ (MILNER, 1989, p. 24, tradução nossa).

Essa reprodutibilidade de demonstrações, possibilitada pelo caráter cego da matematização que caracteriza o conceito de ciência, afasta-a [a ciência] do ponto de vista de que a toda ciência se relaciona à quantificação. Mais do que isso, Milner (1989, p. 24) afirma que “só há ciência matematizável e só há matematização se houver literalização⁸ e funcionamento cego”. Assim, temos que os aspectos matemáticos (princípios e proposições) governam a literalidade de uma ciência e, portanto, devem ser passíveis de serem explicitados.

Acerca da segunda característica ressaltada por Milner (1989), isto é, a necessidade da ciência de **manter uma relação com o empírico**, consideramos pertinente esclarecer o conceito de empírico tomado pelo autor. Para ele, entende-se por empírico o “conjunto daquilo que é representável no espaço e no tempo” (MILNER, 1989, p. 25); ou seja, a ideia de representação perpassa a noção de empírico, a qual é necessária para a definição de ciência defendida por Milner (1989). Além disso, para que uma ciência seja empírica, ainda segundo o autor, é preciso que ela forneça uma série de proposições falseáveis. Esta condição nos leva, então, a tratar da terceira característica exposta pelo autor como fundamental para que uma disciplina seja tratada como ciência: **a possibilidade de ser falseável**.

⁷ « Par ce caractère aveugle, et par lui seul, est assurée la transmissibilité intégrale, laquelle repose sur le fait que tout un chacun, informé des règles du maniement des lettres, les maniera de la même manière : c'est ce qu'on peut appeler la reproductibilité des démonstrations ».

⁸ O termo deve ser entendido como a escrita dessa ciência.

Uma proposição falseável, segundo Milner (1989, p. 25), é “uma proposição tal que se pode construir a priori uma conjunção finita de proposições empíricas que as contradizem”. As proposições empíricas, por sua vez, são aquelas cujo referente é passível de ser representado diretamente no tempo e no espaço. O conceito de proposição, especificamente, é tido como uma “asserção completa e autônoma”, que pode ser retirada da oposição entre verdadeiro e falso (MILNER, 1989, p. 27). No que diz respeito à Linguística, em particular, é importante destacar a seguinte proposição, colocada, segundo Milner, pela escola de Cambridge, em virtude das pesquisas realizadas com a linguagem no âmbito da Gramática Comparada: “Se a Linguística é uma ciência, ela é uma ciência empírica”⁹ (MILNER, 1989, p. 38, tradução nossa).

Tomando como base o conceito de empírico colocado por Milner (1989, p. 25), temos que, se a Linguística é uma ciência empírica, então, ela é uma ciência que lida com algo que pode ser representado no tempo e no espaço. As pesquisas de caráter comparativo, realizadas ao longo do século XIX, mostraram, a partir das análises de diferentes línguas em busca da língua-mãe, que elas podem ser concebidas no espaço – tendo em vista o estudo das semelhanças entre o grego, o latim, o sânscrito etc. – e também no tempo – dadas as observações dessas diferentes línguas ao longo dos anos.

Tendo isso em vista, é válido ressaltar que, segundo Milner (2002),

A Linguística, aos olhos de Saussure, assim como aos olhos de todos seus contemporâneos, tem como núcleo rígido a gramática comparada. Seu programa tem um princípio simples: explicar as semelhanças constatadas entre diversas línguas, a partir da relação com um protótipo linguístico comum”¹⁰. (MILNER, 2002, p. 21, tradução nossa).

O tipo de pesquisa feito pelos comparatistas possibilitou que Saussure, para além de suas análises comparativas das línguas, pensasse em uma distinção entre a abordagem da língua a partir de um ponto de vista histórico – denominado por ele como diacrônico – e a partir da ótica de um momento dado – denominado como sincrônico. Acerca do ponto de vista histórico, no qual se enquadravam os estudos comparativos das línguas, Milner (2002, p. 24) afirma existir dois grandes âmbitos metodológicos: o protótipo de análise pode ser observável ou conjectural.

Entretanto, segundo o autor, essa distinção não se mostrou significativa para Saussure. Isso porque um protótipo hipotético que seja alvo de análise será sempre uma língua e, sendo

⁹ « Si la linguistique est une science, elle est une science empirique ».

¹⁰ « La linguistique, aux yeux de Saussure, comme de tous ses contemporains, a pour noyau dur la grammaire comparée ».

assim, terá as mesmas propriedades que as línguas observáveis. Desse modo, torna-se notável que

o protótipo não é nada além nem aquém de uma língua; a língua é distinguida por seu estatuto na comparação, mas suas propriedades são as propriedades de todas as línguas. Em suma, deve-se colocar três afirmações: 1) a Linguística dita histórica é apenas uma comparação entre línguas (ou de estados de língua) atestadas em diferentes datas; ela nada mais é que uma linguística comparativa. 2) Uma língua não muda de propriedades, tanto que pode ser considerada por ela mesma ou em uma comparação. A linguística comparativa é, portanto, somente um ramo da Linguística Geral; daí o nome “Linguística Geral” que Saussure escolheu promover. 3) Uma língua não muda de propriedades, tanto que ela é atestada por documentos, e que ela se situa para além da observação direta¹¹ (MILNER, 2002, p. 24-25, tradução nossa).

Portanto, a Gramática Comparada, enquanto um ramo da Linguística Geral, deve lidar com línguas, sejam elas protótipos ou não. Porém, é preciso que sejam definidas as propriedades gerais compartilhadas por todas elas, a fim de que seja possível tomar um modelo hipotético e colocá-lo sob as mesmas condições de uma dada língua. Foi justamente a busca por essas propriedades gerais que levou Saussure à sua procura incessante por uma estrutura subjacente às línguas, estrutura esta que foi, aos poucos, tomando forma, até que fosse determinada como o objeto de estudo da Linguística Geral. Trata-se da língua.

Assim, mesmo que a teorização saussuriana apresente uma trajetória de elaboração que não seja necessariamente direcionada à fundação de uma ciência, é inegável, tal como afirma Normand (2011, p. 14), que Saussure desejava “desvincular a pesquisa Linguística da simples coleta empirista de dados”, não se atendo, contudo, à explicitação dos aspectos que definem uma teoria científica (MILNER, 2002, p. 25). No entanto, de acordo com Normand (2011, p. 16), existem, na teorização saussuriana, alguns princípios epistemológicos que fundamentam o olhar de Saussure, o qual “marcou tudo o que se chama atualmente de ‘as ciências da linguagem’”. Torna-se, então, pertinente o tratamento desses princípios em nosso trabalho.

Antes de nos atermos a eles, contudo, consideramos importante destacar que, pelo termo “princípios epistemológicos”, a autora designa

¹¹ « [...] le prototype n'est rien de plus et rien de moins qu'une langue ; cette langue est distinguée par son statut dans la comparaison, mais ses propriétés sont les propriétés de tout langue. En résumé, il faut poser trois affirmations : 1) La linguistique dite historique n'est rien de plus qu'une comparaison entre des langues (ou, ce qui revient au même, des états de langue) attestées à des dates différentes ; elle n'est donc rien de plus qu'une linguistique comparative. 2) Une langue ne change pas de propriétés, suivant qu'on l'envisage pour elle-même ou qu'on l'envisage dans une comparaison. La linguistique comparative est donc seulement une branche de la linguistique en *générale* que Saussure a choisi de promouvoir. 3) Une langue ne change pas de propriétés, suivant qu'elle est attestée par des documents ou qu'elle se situe au-delà de la observation directe ».

certo número de proposições fundamentais que ele [Saussure] constrói explicitamente para si, à medida de sua reflexão, assim como tantas regras imperativas para pensar e analisar os fenômenos observáveis. Essas proposições, enunciadas em várias oportunidades no Curso e em seus manuscritos, constituem base teórica a partir da qual são elaborados os conceitos e o método, em sua novidade radical (NORMAND, 2011, p. 16-17).

Os princípios epistemológicos¹² tratados por Normand (2011) são, pois, os aspectos que fundamentam o processo de elaboração dos conceitos e da metodologia de abordagem linguística pensada por Saussure. O **primeiro** deles, segundo a autora, é “o que domina todos os outros”, e trata-se da máxima “é o ponto de vista que cria o objeto”. Esse princípio vem, nas reflexões de Saussure, como uma forma de mudar os horizontes dos estudos da linguagem que, na época, estavam fechados pelo modo comparativo de análise das línguas. O que incita Saussure a determinar esse princípio, de acordo com Normand, é a questão: “*Unde exoriar?*” ou, em português, “De onde partir?”, explicitamente colocada nos manuscritos (NORMAND, 2011, p. 17). E a resposta consiste justamente na possibilidade de se considerar diferentes óticas de abordagem do mesmo objeto.

Normand (2011, p. 17) afirma que, embora essas óticas não devam ser hierarquizadas – assim como a própria teorização saussuriana e seus conceitos – torna-se necessário que haja, deliberadamente, uma tomada de posição, para que se possa “obter um método de descrição” na escolha de cada ponto de vista. Ademais, essa tomada de posição se mostra ainda mais indispensável pelo fato de que “não há fenômenos linguísticos independentes do ponto de vista que se tome sobre eles” (NORMAND, 2011, p. 17).

Esse primeiro princípio (“O ponto de vista que cria o objeto”) é importante para o corte epistemológico estabelecido por Saussure, visto que desvencilha tanto o estudo histórico do estudo sincrônico, como também distingue a abordagem das diferentes categorias linguísticas (fonemas, morfemas etc.). No entanto, ele possibilita que seja feito esse desvencilhamento, sem desqualificar as categorias que não são tomadas como alvo de um determinado estudo ou de uma determinada reflexão. Desse modo, ao propor que se considere a língua do ponto de vista sincrônico, Saussure propõe uma abordagem do objeto que visa à retirada de princípios gerais subjacentes a todas as línguas, ou seja, ele busca os princípios que regem o funcionamento desse objeto. Nesse sentido, de acordo com Normand (2011),

Essa idealização, [...] separando a língua da fala, fica evidenciada pela hipótese do **sistema**, segundo um ponto de vista particularmente abstrato que, se opondo ao fracionamento dos resultados da gramática comparada, vê a

¹² É importante não confundir aqui a numeração ordinal dos princípios epistemológicos feita por Normand (2011) com uma hierarquização dos conceitos saussurianos. Para nós, trata-se de coisas distintas.

língua como um jogo de relações mútuas, de correspondências, de valores sem referência a uma positividade (NORMAND, 2011, p. 19, grifo da autora).

Nota-se, portanto, já no primeiro princípio epistemológico apontado por Normand (2011), que a noção de sistema é um elemento importante no movimento de Saussure que propiciou o estatuto de ciência à Linguística. Além disso, vemos que tal noção se mostra relacionada ao ponto de vista sincrônico, bem como está intimamente ligada ao mecanismo de funcionamento da língua¹³.

Passemos ao **segundo princípio** exposto pela autora, o qual, diferentemente do primeiro, caminha em direção a um elemento exterior ao sistema linguístico: o sentimento do sujeito falante. Trata-se da condição de que “tudo que está no sentimento dos sujeitos falantes é fenômeno real” (NORMAND, 2011, p. 20); ou seja, “o que é real, em um determinado estado da linguagem, é aquilo de que os sujeitos falantes têm consciência” (ENGLER, 1974, p. 18-19 apud NORMAND, 2011, p. 21). Desse modo, temos que aquilo que existe em um determinado estado de língua só existe porque está no sentimento do sujeito falante, isto é, o que é real, no que concerne à língua, são apenas as coisas reconhecidas pelos seus falantes.

Para Normand (2011), nesse princípio opera uma

inversão decisiva na orientação da pesquisa linguística: ao lado do trabalho produtivo e bem institucionalizado da gramática comparada e da Linguística histórica [...], pode surgir uma Linguística que procura seus dados diretamente nos locutores [...]. (NORMAND, 2011, p. 21).

Nesse sentido, o conhecimento do passado da língua não importa, pois é possível que se conheça o mecanismo linguístico apenas pela observação dos fatos de um estado de língua presente ou determinado. Assim, para que se conheça um estado de língua, a diacronia deve ser ignorada, pois só se pode “penetrar na consciência dos sujeitos falantes suprimindo o passado” (NORMAND, 2011, p. 21).

O **terceiro princípio** epistemológico da teorização saussuriana é o que permitiu ver a língua para além de um instrumento de etiquetagem: “A língua não é uma nomenclatura, pois é uma forma e não uma substância” (NORMAND, 2011, p. 24). Pensar a língua como forma, e não como substância, permitiu que Saussure se distanciasse das concepções de língua – muito comuns nos estudos da linguagem¹⁴ – que a consideravam como representação do pensamento ou como instrumento de comunicação. Na concepção de Saussure, a língua funcionaria como

¹³ A relação da noção de sistema com o caráter sincrônico da língua e com seu modo de funcionamento será abordada de forma mais específica nos capítulos seguintes.

¹⁴ Trataremos dessas concepções especificamente no capítulo quarto.

uma intermediadora entre o pensamento e o som, delimitando unidades significativas, por meio das relações estabelecidas de acordo com o funcionamento do sistema linguístico.

Nesse princípio, operam os elementos da língua – signo, significante e significado –, submetidos às relações e aos princípios do valor e da arbitrariedade: “o próprio termo **forma**, oriundo diretamente da tradição filosófica, somente adquire seu sentido saussuriano desenvolvido pelos conceitos de **valor** e de **arbitrário**” (NORMAND, 2011, p. 24, grifos da autora). Assim, logicamente, a noção de sistema se destaca, mostrando-se novamente como um princípio fundamental para o corte epistemológico efetivado pela teorização saussuriana.

Por fim, o **quarto princípio** apresentado pela autora consiste no seguinte: “O que é absoluto é o princípio do movimento da língua no tempo” (NORMAND, 2011, p. 26). Para esse princípio, existem, segundo Normand (2011), duas condições: i) a natureza social da língua; e ii) a natureza arbitrária dos signos. Por ser social, a língua constitui, para cada geração, uma herança da geração anterior. Portanto, tem a tendência de se manter, apresentando uma continuidade. Por outro lado, a arbitrariedade intrínseca aos signos linguísticos faz com que a língua apresente uma tendência a se alterar, apresentando, paradoxalmente, um caráter mutável.

Essa característica da língua de mostrar-se, ao mesmo tempo, como uma continuidade e como uma mudança é o que é apresentado no CLG sob o nome de mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico. O movimento da língua, que consiste no aspecto central deste último princípio exposto por Normand (2011), só existe em razão da noção de sistema e, consequentemente, de todo o quadro teórico saussuriano¹⁵. O funcionamento dos elementos da língua, de acordo com os princípios e relações ressaltados pela teorização saussuriana, só é possível porque esses princípios e relações foram pensados pelo linguista a partir de um sistema. Sendo assim, torna-se notável que a noção em questão, ou seja, o sistema, destaca-se mais uma vez como um componente indispensável para reflexões de Saussure e também para a Linguística enquanto ciência.

Tendo isso em vista, e considerando toda a discussão acerca do movimento da trajetória das elaborações saussurianas, do tratamento dos documentos do linguista e dos aspectos epistemológicos encontrados em suas reflexões, no tópico seguir explicitaremos nosso posicionamento e nossas estratégias de abordagem perante os documentos fontes de nossa investigação. Essas estratégias serão a via que nos levará a buscar caminhos para refletir acerca da nossa questão de pesquisa: “Quais aspectos da noção saussuriana de sistema permitem que

¹⁵ O quadro teórico em que a noção de sistema se insere será tratado ao longo das análises efetuadas nos próximos capítulos.

ela estabeleça, ao mesmo tempo, uma relação de continuidade e ruptura com as concepções de sistema utilizadas por estudiosos da linguagem anteriores ou contemporâneos a Saussure?”.

1.4 Estratégias de investigação

Para cumprir com os objetivos aos quais nos propomos em nosso trabalho, realizamos uma pesquisa de caráter bibliográfico, a qual requereu a leitura, a análise e a interpretação da bibliografia e dos documentos selecionados¹⁶ de acordo com o tema a ser pesquisado. Sendo assim, em nosso trabalho, lidamos especificamente com dois tipos de documentos: i) livros e textos que apresentam as teorias que correspondem ou tangenciam o nosso tema central, ou seja, a noção de sistema na teorização de Saussure; ii) os documentos saussurianos que constituem nosso corpus de investigação – os quais foram apresentados no tópico 1.2 e que serão retomados a seguir.

O primeiro tipo de documento abrange, pois, todas as fontes bibliográficas que fundamentaram a pesquisa acerca da noção de sistema e que não correspondem aos documentos saussurianos em si. São os trabalhos de autores que se dedicam a propor ou a comentar teorias dos estudos da linguagem desenvolvidas em torno ou a partir da noção de sistema. Os documentos saussurianos, por sua vez, consistem nos materiais que apresentam a teorização elaborada pelo próprio Saussure. Utilizamos, em nosso trabalho, documentos saussurianos de quatro naturezas distintas: i) um livro escrito pelo linguista e publicado em vida – o “*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*”; ii) dois conjuntos de manuscritos escritos por Saussure e catalogados após a sua morte, os quais se encontram na Biblioteca de Genebra (BGE); iii) as edições das anotações dos alunos que estiveram nos cursos por ele ministrados na Universidade de Genebra; iv) o Curso de Linguística Geral (CLG), livro postumamente publicado, de autoria concedida ao linguista, e suas edições críticas.

Considerando que nosso objetivo consiste em mostrar, nas reflexões de Saussure, de que forma o sistema estabelece, ao mesmo tempo, uma relação de continuidade e ruptura com as concepções de sistema encontradas nos trabalhos de estudiosos da linguagem anteriores ou contemporâneos a Saussure, foi de fundamental importância a análise das condições que propiciaram a efetivação do corte epistemológico¹⁷ estabelecido pelo linguista, e não apenas o

¹⁶ O critério de seleção dos textos que auxiliam na análise de nossas fontes é pautado na relevância dos textos para o tema ou assunto tratado em cada tópico de cada capítulo.

¹⁷ Trataremos desse corte epistemológico de maneira mais específica no próximo item deste capítulo.

corte em si, tomado como um feito isolado. Contudo, isso só ocorrerá se, assim como Silveira (2007, p. 80), levarmos em conta que “esse corte, que a edição [do CLG] não desmente, aconteceu logicamente antes da edição”. Nesse sentido, interessou-nos mais analisar a trajetória de elaboração do conceito, do que o conceito tomado isoladamente.

Todavia, saber que a epistemologia saussuriana é anterior ao CLG não implica desconsiderar a edição. Ao contrário, significa tomá-la enquanto uma fonte de análise que permite conhecer a trajetória de elaboração da teorização saussuriana. Como mostramos nos itens anteriores a partir das reflexões de Silveira (2007), o CLG, por mais que se apresente como um livro publicado, possui marcas do processo de teorização de Saussure. Entretanto, ele é, de fato, o livro responsável por levar a público as reflexões que concederam o estatuto de ciência à Linguística, sendo, até hoje, a principal fonte, quando se trata de conhecer a teorização do linguista.

É por isso que optamos por iniciar nossa busca pela noção de sistema no próprio CLG¹⁸. Assim, considerando nossa principal questão de pesquisa, propomos uma subquestão que guiou as análises efetuadas nesse primeiro momento da pesquisa. Trata-se da seguinte: “De que forma a noção de sistema é exposta no Curso de Linguística Geral, e qual sua importância para a delimitação de outras noções saussurianas?”. Esse questionamento nos auxiliou na busca por reflexões acerca da questão maior que norteia nossa pesquisa, indicando caminhos para compreensão dos aspectos da noção saussuriana de sistema que fizeram com que ela tivesse uma importância central no corte epistemológico estabelecido por Saussure.

Ainda nesse primeiro momento, objetivamos expor o modo como a noção em questão é apresentada em um instante específico das elaborações de Saussure: aquele em que suas contribuições originais acerca da língua vieram a público, a partir da edição e consequente publicação do CLG. Para que isso fosse efetivado, buscamos primeiramente, por meio de uma leitura atenta, as ocasiões do CLG em que a noção de sistema foi caracterizada, bem como aquelas em que essa mesma noção foi utilizada como caracterizadora de outros princípios e noções do quadro teórico saussuriano. Feito isso, passamos à análise propriamente dita.

Antes de expormos as estratégias que foram utilizadas nessa análise, consideramos importante rememorar que o CLG consiste em uma obra póstuma, que foi elaborada por dois editores – Charles Bally e Albert Sechehaye – a partir, principalmente, das anotações dos alunos que estiveram presentes nos cursos ministrados por Saussure entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra. Por isso, tal livro possui características que se diferem daquelas presentes nos

¹⁸ Essa busca é explicitada ao longo do segundo capítulo, intitulado “Teoria e crítica da noção de sistema no Curso de Linguística Geral”.

outros documentos saussurianos, uma vez que, apesar de seu conteúdo apresentar, de fato, as reflexões de Saussure, seu processo de elaboração foi efetuado por meio de uma reconstituição de anotações tomadas a partir do que foi exposto oralmente durante as aulas do linguista. Tendo isso em vista, utilizamos como auxílio à nossa análise da noção de sistema no CLG, duas edições críticas do livro, bem como as edições das anotações de alguns dos alunos que estiveram presentes nos cursos de Saussure.

A edição crítica de De Mauro (1967) apresenta o conteúdo do CLG na íntegra e, além disso, mantém os aspectos da edição convencional, tais como a linearidade do texto, a separação dos capítulos e parágrafos e, inclusive, os prefácios dos editores. Todavia, a edição vai além, uma vez que apresenta, em partes adicionais, 305 notas, identificadas no corpo do texto do CLG, que consistem em comentários tanto a respeito do próprio conteúdo do livro, como também de autores que tratam deste conteúdo e, ainda, de seu processo de elaboração. São essas notas e comentários que cumprirão a função de auxiliar em nossa análise dos fragmentos do livro em que a noção de sistema se mostra como elemento central.

Engler (1968), por outro lado, é responsável pela realização de uma edição crítica organizada em seis colunas. Embora essa edição também apresente integralmente o texto do CLG, tal texto é dividido em fragmentos, que são numerados, a fim de que possam ser referidos em cada trecho correspondente apresentado nas outras colunas. Essas colunas, por sua vez, são dispostas da seguinte maneira: na primeira, há o texto do CLG; nas quatro colunas que seguem, há partes das anotações dos alunos dos cursos que correspondem a cada parte do texto do CLG¹⁹; na sexta coluna, há as notas pessoais de Saussure que, segundo Engler (1968, p. XII), possuem relação direta com o CLG. Essa indicação de correspondência entre os trechos do livro de Saussure e os fragmentos das anotações dos alunos nos ajudará a identificar alguns aspectos, tais como as flutuações terminológicas e conceituais, que podem ser encontrados nos trechos que serão analisados.

Todavia, uma vez que, na edição crítica de Engler, há apenas partes dessas anotações, consideramos pertinente destacar também as edições de E. Komatsu dos cadernos de alguns dos alunos dos cursos ministrados por Saussure. A primeira edição ocorreu em 1993, elaborada por Komatsu e Harris, e teve como fonte as anotações de Émile Constantin²⁰ acerca do terceiro

¹⁹ É importante notar que as anotações utilizadas nessas quatro colunas não condizem, necessariamente, com as anotações utilizadas como fontes na elaboração do CLG. Os cadernos de P. Regard, que foram utilizados no CLG, não se encontram na edição crítica de Engler. Por outro lado, Engler apresenta as anotações de F. Bouchardy, acerca do segundo curso, e também as anotações de E. Contantin, acerca dos dois últimos cursos, as quais não estiveram dentre as fontes utilizadas no desenvolvimento do CLG.

²⁰ Émile Constantin, de acordo com Mejía (2005), participou dos dois últimos cursos de Saussure.

curso, as quais não estiveram dentre as fontes utilizadas na elaboração do CLG. Após transcritas e editadas, essas anotações originaram o livro “Terceiro curso de Linguística Geral - dos Cadernos de Émile Constantin” (TCLG).

Em 1996, Komatsu e Wolf publicaram o “Primeiro curso de Linguística Geral – dos cadernos de Albert Riedlinger” (PCLG). Albert Riedlinger colaborou com Bally e Sechehaye, participando do processo de elaboração do CLG, além de ter cedido aos editores seus cadernos de anotações dos dois primeiros cursos de Saussure, nos quais esteve presente. Por isso, em 1997, Komatsu e Wolf utilizaram as anotações de A. Riedlinger referentes ao segundo curso, em conjunto com as anotações do também aluno de Saussure, Charles Patois, para publicarem a edição “Segundo Curso de Linguística Geral- dos cadernos de Albert Riedlinger e Charles Patois” (SCLG).

Tendo o auxílio dessas edições em nossa análise, será possível, a partir da indicação de correspondência do trabalho de Engler, conhecer não só as anotações dos alunos que correspondem a cada momento do CLG, mas também todo o conteúdo antecedente e procedente aos trechos indicados na edição crítica. Uma vez apresentados os materiais auxiliares utilizados no primeiro momento da análise da noção saussuriana de sistema, é importante destacar, contudo, que nem todos eles são necessariamente citados ao longo do trabalho, muito embora tenham sido utilizados, de fato, como fontes de pesquisa.

Com o uso desses documentos auxiliares, efetuamos a análise de como a noção de sistema é caracterizada nas partes selecionadas do CLG, buscando ressaltar de que modo ela pode ser interpretada, tal como é exposta na edição. Além disso, buscamos entender de que forma tal noção contribui para que as outras noções e princípios da teorização de Saussure sejam estabelecidos. Assim, foi possível refletir acerca da primeira subquestão que orienta as investigações do nosso trabalho: “De que forma a noção de sistema é exposta no CLG, e qual sua importância para a delimitação de outras noções saussurianas?”.

O segundo momento²¹ de nossas análises foi dedicado a buscar de que modo essa noção é estabelecida em algumas reflexões de Saussure anteriores à publicação do CLG. Teve, então, como norte a seguinte subquestão: “Como a noção saussuriana de sistema é apresentada por Saussure em momentos anteriores à publicação do Curso de Linguística Geral?”.

Esse questionamento é pautado justamente no fato de que, embora a publicação dessa edição tenha sido fundamental para outorgar à Linguística o estatuto de ciência moderna, as reflexões de Saussure sobre a língua não se limitam apenas ao conteúdo nela apresentado.

²¹ Esse momento consiste no terceiro capítulo de nosso trabalho, chamado “A trajetória de elaboração da noção saussuriana de sistema”.

Assim como afirma Silveira (2007, p. 80), o corte epistemológico e toda a teorização que levou a ele “aconteceu antes da edição”, muito embora ela não o desminta. Dessa forma, tanto seus trabalhos publicados em vida como os manuscritos que permaneceram inéditos podem evidenciar o processo de elaboração dos princípios que compõem a teorização acerca da língua realizada pelo linguista.

Tendo isso em mente, para a realização de nosso terceiro capítulo, foi efetuada a análise de três documentos saussurianos: i) o “*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*”, datado de 1879; ii) o conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem”, cuja escrita foi iniciada em 1891; iii) e as “Notas para o curso III”, escritas por Saussure durante os anos de 1910 e 1911. Tal como já afirmamos, trata-se de materiais de naturezas distintas e que foram escritos por Saussure visando a diferentes finalidades.

Nesse mesmo sentido, considerando a amplitude de todos esses materiais, é importante ressaltar que foi necessário estabelecer um recorte específico de cada um desses documentos, a fim de efetuar nossas análises. Esse recorte foi delimitado pela seleção das partes de cada material que possibilitaram que fossem estabelecidas, de alguma forma, relações com as partes selecionadas dos outros documentos. Dito de outro modo, priorizamos, em nossa seleção, os momentos do *Mémoire*, dos dois conjuntos de manuscritos e do CLG que apresentassem alguma ligação entre si, de modo que pudessem ser correlacionados, indicando caminhos para pensarmos acerca da trajetória de elaboração da noção de sistema.

Tendo isso em vista, rememoramos que o *Mémoire* consiste no único livro publicado por Saussure de caráter não póstumo, e apresenta as reflexões do linguista acerca da hipotética existência de uma quarta vogal “a” no sistema primitivo das vogais das línguas indo-europeias. O acesso a essa obra será feito, portanto, por meio do “*Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*”, trabalho elaborado por C. Bally e R. Godel que reúne as publicações de Saussure em vida, datado de 1922. Além disso, dada a dificuldade de se analisar um material cuja complexidade é admitida mesmo por alguns dos estudiosos que se dedicam ao âmbito dos estudos da linguagem em que ele se enquadra, utilizamos como auxílio à nossa análise do *Mémoire* o trabalho de E. Buyssens “*Origine de la Linguistique synchronique de Saussure*”, de 1961.

Uma vez efetuada essa etapa, passamos à análise dos conjuntos de manuscritos escolhidos para compor nosso corpus de investigação: “Da essência dupla da linguagem” e

"Notas para o curso III". Ambos encontram-se arquivados na BGE²², sendo identificados, respectivamente, pelos códigos AdeS 372 e Ms.fr. 3951/23.

O primeiro conjunto de manuscritos analisado foi o “Da essência dupla da linguagem”. Para efetuar sua análise, destacamos alguns momentos do material em que a noção de sistema se mostra como um aspecto central do processo de elaboração da teorização saussuriana. Assim, ao efetuar a análise dos momentos selecionados, buscamos evidenciar o movimento ocorrido no processo de teorização da noção de sistema no conjunto de manuscritos em questão, tendo em vista a concepção de sistema apresentada por Saussure no *Mémoire* e no CLG. Dito de outro modo, efetuamos nossa análise da noção de sistema no conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem” a partir de uma ótica que coloca em relação o modo como a noção em questão é exposta neste documento e também a forma como ela é encontrada no *Mémoire* e no CLG, permitindo, assim, que evidenciássemos uma possível trajetória de elaboração de nosso objeto de estudo.

Feito isso, passamos à investigação na noção de sistema nas “Notas para o curso III”. A estratégia utilizada nessa investigação não foi significativamente diferente daquela que fundamentou a análise do conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem”. Assim, selecionamos os trechos em que a noção de sistema apresenta um caráter central, para que, após essa etapa, passássemos à análise do modo como essa noção é apresentada por Saussure na ocasião dos cursos que ministrou na Universidade de Genebra²³. Ao tecermos nossas observações, buscamos também ter em mente e retomar o modo como a noção de sistema é apresentada em cada seleção dos documentos saussurianos analisados anteriormente, a fim de ressaltar a trajetória de elaboração da caracterização dessa noção no seio da teorização de Saussure sobre a língua.

É importante ressaltar que apresentamos nossa própria transcrição²⁴ e tradução dos fragmentos selecionados. Nossos critérios para a transcrição desses trechos foram os seguintes: indicamos as rasuras com o uso de ~~tachado~~; indicamos os incisos no corpo do texto por meio da utilização do ^{superíndice} quando os incisos vêm acima, e do _{subíndice} quando os incisos vêm abaixo; os incisos na margem foram indicados por meio de [chaves], e os brancos por meio de chaves vazias []; as palavras sublinhadas foram mantidas sublinhadas, as palavras em letras

²² Tivemos acesso a esses dois conjuntos de manuscritos por meio da Profª Drª Eliane Silveira, que os reproduziu durante sua estadia em Genebra.

²³ Saussure ministrou, entre 1907 e 1911, três cursos de Linguística Geral na universidade de Genebra.

²⁴ Embora tenhamos, inicialmente, recorrido a algumas transcrições dos conjuntos de manuscritos, como as de Bouquet e Engler (2002), Amacker (2011) e Gambarara e Mejía Quijano (2005), optamos por utilizar nossos próprios critérios de transcrição, uma vez que optamos por manter alguns aspectos formais que ou não apresentados na transcrição, ou o são de maneira que não contribuem muito fortemente para nossas análises.

maiúsculas foram escritas em CAIXA ALTA, e os trechos ilegíveis foram indicados pela letra x.

Além disso, optamos por apresentar em anexo as imagens originais desses fragmentos dos manuscritos, juntamente com sua transcrição em francês. Cada imagem é acompanhada de suas devidas referências e na ordem em que aparecem no decorrer de nosso trabalho, de forma que seja possível relacionar os trechos mencionados no corpo do texto a suas respectivas imagens. Optamos por proceder dessa forma, a fim de que seja propiciada uma fluidez na leitura dos trechos e das análises que os seguem, priorizando a compreensão dos pontos de vista defendidos em nosso trabalho.

Assim, cremos que as análises efetuadas nesses dois momentos iniciais de nossa investigação mostraram a trajetória de elaboração da noção saussuriana de sistema em diferentes momentos e a partir de distintas óticas de suas reflexões. Isso porque, considerando que nosso objetivo consiste em indicar de que forma o sistema, nas reflexões de Saussure, estabelece, ao mesmo tempo, uma relação de continuidade e ruptura com as concepções de sistema encontradas nos trabalhos de estudiosos da linguagem anteriores ou contemporâneos ao linguista, é de fundamental importância que analisemos as condições que propiciaram a efetivação do corte epistemológico por ele estabelecido, e não apenas o corte em si, tomado como um feito isolado. Assim, nessas análises, interessou-nos mais analisar a trajetória de elaboração da noção de sistema e dos conceitos a ela relacionados, do que a noção tomada de forma fechada.

Desse modo, torna-se essencial que passemos à estratégia utilizada no último²⁵ momento de nosso trabalho. A primeira grande parte desse momento final foi dedicada à investigação das concepções de sistema utilizadas nas reflexões dos estudiosos da linguagem anteriores ou contemporâneos a Saussure. Isso porque, para que seja possível indicar, de fato, caminhos para refletir sobre a grande questão de nosso trabalho, torna-se necessário que abordemos algumas dessas reflexões, para as quais a noção de sistema se mostrava como peça chave. Assim, à luz das análises dos documentos saussurianos, buscamos mostrar algumas relações existentes entre noção de sistema pensada por Saussure e as concepções tomadas pelos outros estudiosos da linguagem.

Tendo isso em vista, a segunda parte desse momento final teve como objetivo discutir e indicar essas relações existentes entre as reflexões originadas das análises efetuadas com base em cada subquestão proposta, a fim de indicar caminhos para refletir acerca da questão

²⁵ Esse momento compõe o capítulo quarto, intitulado “O sistema em Saussure: continuidade e ruptura”.

norteadora de nosso trabalho. Desse modo, foi possível estabelecer um paralelo entre a noção saussuriana de sistema e as concepções dessa mesma noção encontradas nos trabalhos dos estudiosos da linguagem abordados em nossa pesquisa.

Sendo assim, destacamos que o ponto de partida da primeira grande parte do momento final de nossa pesquisa consiste na seguinte subquestão: “De que forma a noção de sistema se apresenta nos estudos da linguagem anteriores a Saussure?”. Essa investigação das concepções de sistema nos estudos da linguagem foi efetuada em materiais que registram tais reflexões em três ocasiões distintas: i) nos estudos realizados pelo filósofo Étienne Bonnot Condillac ao longo do século XVIII; ii) nos estudos da gramática e da sinonímia desenvolvidos durante os séculos XVII e XVIII; iii) nos trabalhos frutos da Gramática Comparada, feitos, sobretudo, durante o século XIX.

Nossa escolha pela efetuação da análise nesses três momentos se justifica pelo fato de que são períodos em que a produção teórica a respeito da linguagem proporcionou a elaboração de trabalhos notáveis. Tendo isso em vista, como estratégia para buscar a noção de sistema nos estudos realizados em cada um desses momentos histórico-conceituais, foram analisadas algumas das obras representativas das reflexões acerca da linguagem nesses três períodos.

A respeito da noção de sistema nos estudos de Condillac, tivemos como fonte de análise o trabalho do filósofo intitulado “*Traité des systèmes*”, de 1798. Nele, Condillac visa expor e classificar os tipos de sistema que fundamentavam as reflexões filosóficas anteriores à sua época, a partir dos princípios que originam cada um dos tipos de sistema defendidos por ele. Além disso, pautamo-nos nas reflexões de Angenot (1971) presentes no trabalho “*Condillac et le Cours de linguistique générale*”, a fim de mostrar as relações existentes entre a teorização saussuriana e as ideias de Condillac, principalmente no que diz respeito à caracterização da noção de sistema.

No que tange à investigação dessa mesma noção nas reflexões referentes aos estudos gramaticais efetuados durante os séculos XVII e XVIII, foram utilizados, principalmente, a Gramática de Port-Royal, desenvolvida por Antoine Arnauld e Claude Lancelot, em 1660, e o “*Dictionnaire universel des synonymes de la langue française*”, datado de 1810²⁶, que apresenta os métodos utilizados pelos pesquisadores da época para delimitarem os sinônimos de uma dada língua. Essas fontes permitiram investigar a noção de sistema tanto nos estudos gramaticais como nas reflexões acerca da sinonímia, ambos efetuados entre o final do século XVII e o início do XVIII.

²⁶ Embora seja um trabalho publicado no início do século XIX, ele atesta as reflexões que marcaram a segunda metade do século XVIII.

Acerca dos trabalhos no âmbito da Gramática Comparada, nossa investigação foi pautada principalmente nas obras de dois autores: Wilhelm Von Humboldt e William Dwight Whitney. Mais especificamente, foram utilizados o trabalho “Forma da língua”, de Humboldt, de data não informada (embora se estime que ele seja datado do início do século XIX), e o livro “A vida da linguagem”, de Whitney, publicado em 1875. Além de utilizarmos os próprios trabalhos desses autores consagrados por seus estudos sobre as línguas, lançamos mão também de um texto auxiliar: o livro “Estruturalismo e Linguística”, de Oswald Ducrot, o qual trata diretamente das teorias linguísticas que lidam com a noção de sistema enquanto estrutura, e pode nos auxiliar na compreensão da noção de sistema nos estudos da linguagem.

Feito isso, foi possível passar à segunda grande parte do momento final de nosso trabalho. Nela, como já afirmamos, procuramos colocar em relação o que foi encontrado sobre a noção saussuriana de sistema e sobre as concepções de sistema que fundamentam o trabalho de outros estudiosos da linguagem. Assim, foi possível estabelecer uma reflexão que nos permitiu pensar diretamente a respeito da principal questão de nosso trabalho: quais aspectos da noção saussuriana de sistema permitem que ela estabeleça, ao mesmo tempo, uma relação de continuidade e ruptura com as concepções de sistema utilizadas por estudiosos da linguagem anteriores ou contemporâneos a Saussure?

Uma vez explicitados o posicionamento e as estratégias de abordagem que guiam a nossa pesquisa, passaremos, a seguir, à efetivação das propostas apresentadas. Nossa investigação foi efetuada, primeiramente, no CLG, visto que se trata do livro que, há cem anos, é responsável por levar a público a teorização de Saussure, constituindo-se como leitura essencial para aqueles que se dedicam aos estudos linguísticos e, também, ao tratamento da noção de sistema nos estudos da linguagem. Essa importância da edição pode ser atestada pelas suas traduções para diversas línguas²⁷ e pelo caráter atual que compõe as discussões realizadas ainda hoje em torno do CLG, as quais indicam a existência de uma tradição inaugurada pelo livro.

²⁷ Cf. Lima, 2014.

Capítulo 2 – Teoria e crítica da noção de sistema no Curso de Linguística Geral

“The main text that inspired, and was constantly cited by this movement was Saussure’s *Cours de linguistique générale*, interpreted as a blueprint for describing how the structures of our social and cultural life are constituted, and the way in which once constituted they function as a system of signs.”

(Carol Sanders)

2.1 Introdução

O Curso de Linguística Geral (CLG) teve sua primeira publicação em 1916, isto é, cinco anos após o término do terceiro curso de Saussure e três anos após a sua morte. O conteúdo apresentado na edição repercutiu mundialmente, principalmente a partir da década de 1950, após o final da segunda guerra mundial. A edição foi, então, reconhecida por conceder à Linguística seu objeto de estudo (a língua), dando a ela, conseqüentemente, seu lugar entre as ciências modernas. A publicação do CLG foi revolucionária no âmbito da Linguística, não somente em virtude da importância dos princípios nela expostos, mas também por possibilitar que se iniciasse uma tradição de trabalhos em torno da teorização e dos documentos saussurianos.

Nesse sentido, ressaltamos que o estatuto do CLG enquanto livro fundador da Linguística Moderna não é questionado por nós. No entanto, como afirmamos no capítulo anterior, não nos ateremos muito fortemente a essa questão, pois, como afirma Silveira (2007, p. 80), para que consigamos vislumbrar a trajetória de elaboração da teorização saussuriana, torna-se necessário pautar-nos em uma ótica anterior ao “acontecimento editorial”. Tal posicionamento não implica, contudo, abandonar as análises do CLG, mas sim tomá-lo como um livro que pode indicar a existência de um movimento das reflexões de Saussure, assim como o fazem os outros documentos saussurianos, uma vez que a própria teorização do linguista não se dá, em momento algum, como um projeto terminado.

Nesse sentido, é importante destacar que a noção de sistema consiste em um elemento central para a compreensão do processo de teorização de Saussure, visto que é necessária para a própria definição do objeto de estudo da Linguística: “a língua é um sistema de signos”

(SAUSSURE, [1916] 2006, p. 24). Tendo isso em vista, e considerando a importância dessa noção saussuriana, neste capítulo visamos analisá-la, a fim de expor de que modo ela contribui para estabelecer um dos elementos que sustentam o laço interdependente entre os conceitos presentes nas reflexões saussurianas, contribuindo para que ocorresse o corte epistemológico efetivado por Saussure nos estudos linguísticos.

Para tanto, além do CLG, utilizaremos também em nossa análise algumas edições paralelas ao livro. São elas as edições críticas de Tullio de Mauro (1967) e Rudolf Engler (1968), e as edições das anotações de alguns alunos que estiveram presentes nos cursos ministrados por Saussure em Genebra, a saber, o “Primeiro curso de linguística geral – dos cadernos de A. Riedlinger” (PCLG), o “Segundo curso de linguística geral – dos cadernos de A. Riedlinger e C. Patois” (SCLG), e o “terceiro curso de linguística geral – dos cadernos de E. Constantin” (TCLG).

2.2 O sistema e o CLG

Assim como ocorre com a própria reflexão saussuriana tomada de modo geral²⁸, a noção de sistema no CLG – principal material de análise deste capítulo – é exposta de forma interdependente e relacionada a outros princípios e noções saussurianas. Mais especificamente, a partir de uma análise atenta da edição, é possível notar que o sistema constitui o conteúdo do CLG em quatro principais momentos: i) nos trechos que visam apresentar a definição de língua e, conseqüentemente, também uma diferenciação entre os termos “língua”, “linguagem” e “fala”; ii) no tratamento do princípio da arbitrariedade; iii) na constituição do princípio do valor linguístico; e iv) nas elaborações acerca das abordagens sincrônica e diacrônica da língua.

Os três primeiros momentos, ou seja, a definição de língua, bem como os princípios da arbitrariedade e do valor linguístico, consistem em aspectos intimamente relacionados ao modo de funcionamento da língua e são, ao mesmo tempo, dependentes e imprescindíveis para que a noção de sistema exista. Nesse sentido, consideramos válido afirmar que a noção de sistema é um elemento central para que o mecanismo de funcionamento da língua proceda conforme pensado por Saussure. Por outro lado, as reflexões do linguista que fundamentam a distinção entre os aspectos sincrônicos e diacrônicos da língua, apresentadas no CLG, indicam que a

²⁸ Tal como defende Silveira (2007), a partir da concepção psicanalítica de nó borromeano.

noção de sistema parece não se diferir daquela de sincronia. Isto é, um sistema de língua nada mais é que um estado de uma língua.

Tendo isso em vista, no item a seguir, buscamos ressaltar a importância da noção de sistema nas reflexões apresentadas no CLG. Além disso, procuramos indicar que, na edição, é possível entender a noção de sistema de outro modo que não como o mecanismo de funcionamento da língua, isto é, como elemento que permite que as outras noções e conceitos que compõem a língua estabeleçam relações entre si, formando um arcabouço, cujo funcionamento se dá sempre do mesmo modo. É também possível entender o sistema como os estados de língua que existem quando se analisa a língua sincronicamente, os quais apresentam, portanto, mudanças, quando comparados entre si.

Essas duas formas de considerar a noção de sistema no conteúdo do livro, embora sejam distintas, a nosso ver, não se anulam. Por isso, nos tópicos a seguir explicitamos e analisamos trechos do CLG que evidenciam esses dois modos de entender a noção de sistema, a fim de indicarmos que, na verdade, trata-se de maneiras complementares de se considerar uma mesma noção saussuriana. Com isso, e também com as análises efetuadas nos capítulos seguintes, será possível compreendermos alguns caminhos tomados na trajetória de elaboração das reflexões do linguista. Isso nos permitirá indicar possibilidades de pensarmos de que modo a noção saussuriana de sistema estabelece, de uma vez, uma relação de ruptura e continuidade com as noções de sistema utilizadas pelos estudiosos da linguagem anteriores ou contemporâneos a Saussure.

2.2.1 O sistema e o objeto da Linguística

Ao analisarmos o “Curso de Linguística Geral” (CLG), livro responsável por levar a público as reflexões de Saussure que direcionaram os estudos linguísticos realizados a partir do século XX, percebemos que o sistema consiste em uma das ferramentas fundamentais para que opere o princípio do valor linguístico. Por isso, é válido notar que tal noção se mostra claramente relacionada ao modo de funcionamento da língua, ou seja, ao fato de que as unidades linguísticas não são dadas de antemão; elas, na verdade, emanam das relações de valor, oposição e negatividade estabelecidas no interior do sistema linguístico.

Nesse sentido, destacamos que, em uma das primeiras menções ao termo “sistema” encontradas na edição, especificamente no capítulo “Objeto da Linguística”, é possível observar

que ele compõe justamente a definição de língua, visando distingui-la do conceito de linguagem:

poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 18).

A língua, cuja constituição é apresentada como uma faculdade natural do homem, é definida, então, como um “sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas”. Já nesse trecho, é notável que a noção de sistema se mostra como um elemento constituinte da definição de língua, apresentando-se de imediato, como um elemento indispensável para se pensar o objeto de estudo da Linguística.

Para além disso, consideramos importante voltar nosso olhar para a terminologia utilizada no fragmento. A língua não é apresentada apenas como um sistema de signos, uma vez que esses diferentes signos que compõem o sistema são correspondentes a ideias distintas, as quais também consistem, por conseguinte, em componentes do sistema. Temos, então, signos e ideias enquanto elementos que estabelecem uma associação, de forma a compor o sistema de língua. Logo, de acordo com esse raciocínio, a língua seria um sistema de **signos e ideias**. Ademais, uma vez que é o signo que estabelece uma relação de correspondência ou de associação com a ideia, questionamos: qual seria, então, o lugar ocupado pela imagem acústica?

Esse questionamento é pautado no fato de que, em outros trechos da edição, os signos linguísticos são apresentados como unidades compostas por dois elementos: o conceito – ou significado – e a imagem acústica – ou significante. Isso nos leva, então, a crer que o termo “signos” designa, na verdade, as imagens acústicas, e o termo “ideias” designa os conceitos. Nesse sentido, acreditamos que essa questão seja, mais uma vez, um aspecto da terminologia flutuante que envolve os componentes do signo linguístico. A flutuação terminológica, a nosso ver, indica, ao longo de toda a teorização saussuriana, uma marca do seu processo de elaboração. A incerteza concernente à terminologia utilizada nos conceitos e na explicação das reflexões de Saussure evidencia a não linearidade desse processo, além de ser um aspecto que indica que tal processo não é necessariamente direcionado à fundação de uma ciência.

Essa flutuação terminológica incide em grande parte do texto do CLG, e ganha destaque quando é apresentada uma proposta de solução para a inconsistência que caracteriza a denominação do signo linguístico e de seus elementos componentes. Essa proposta encontra-se em um dos capítulos iniciais da obra, intitulado “Natureza do signo linguístico”, e ocorre da seguinte forma:

Chamamos **signo** a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra (*arbor* etc.). Esquece-se que se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito de “árvore”, de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total.

A ambiguidade desapareceria se designássemos as três noções aqui presentes por nomes que se relacionem entre si, ao mesmo tempo que se opõem. Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir **conceito** e **imagem acústica** respectivamente por **significado** e **significante**; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. Quanto a **signo**, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não sugerir a língua usual nenhum outro (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 80, grifos do autor).

A proposta de adequação da terminologia referente ao signo e a seus componentes parece, portanto, explicar que a língua não se trata de um sistema de signos e ideias. No entanto, embora delimitada, a questão em torno da flutuação da terminologia não cessa, uma vez que há trechos do livro em que as unidades linguísticas são denominadas em desacordo ao que foi delimitado no trecho acima.

Ademais, juntamente com essa proposta de demarcação da terminologia, parece haver também um percurso teórico, mesmo que a inconsistência terminológica seja ainda reincidente ao longo do CLG. Isso porque delimitar que o signo designa a totalidade, ou seja, uma unidade que engloba seus elementos componentes, significa dizer que a língua consiste, na verdade, em um sistema de signos, os quais, por sua vez, são constituídos pelos significantes (que, devido à flutuação terminológica, são também chamados de signos) e pelos significados (ou ideias). Desse modo, de acordo com a proposta de delimitação terminológica, se se quisesse enfatizar os componentes do signo, poder-se-ia dizer que a língua é um sistema de significantes e significados, e não defini-la como um sistema de signos e ideias, como está posto no primeiro trecho do CLG apresentado.

Nesse mesmo sentido, considerando a existência de flutuações terminológicas, na extensão do CLG, como marcas que evidenciam uma trajetória conceitual, não podemos deixar de considerar o que é afirmado na sentença ressaltada no trecho a seguir:

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias²⁹, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 24, grifo nosso).

²⁹ Destacamos aqui o trabalho da Prof^a Dr^a Maria Francisca Lier-Devitto, apresentado no ENANPOLL 2014, que evidencia um percurso de elaboração teórica da noção de sistema no CLG, justificado pela diferença conceitual existente entre a noção de língua como algo que exprime ideias e a noção de língua enquanto um sistema de signos.

A afirmação “a língua é um sistema de signos” é a máxima saussuriana que apresenta uma delimitação do objeto de estudo da Linguística. No entanto, dizer que os signos que compõem esse sistema “exprimem ideias” significa alegar que existe uma relação de representação entre os componentes do signo linguístico. Isso porque, quando se afirma que o signo (ou significante, se considerarmos a flutuação terminológica) exprime uma ideia, parece haver tanto conceitos como imagens acústicas que preexistem a qualquer relação sistêmica entre esses dois elementos.

Todavia, se compararmos esse trecho com os fragmentos correspondentes dos cadernos dos alunos indicados na edição crítica de Engler, veremos que, embora a terminologia também seja flutuante, a relação entre os elementos do signo é apresentada como uma associação, e não como representação:

Dégallier: *Língua é um sistema de signos* que repousa sobre imagem acústica. **Associação** de uma ideia com um signo, é o que faz a essência da língua.

Mme. Secheyay: A **associação** de uma ideia com um signo é a essência da língua.

Joseph: É um sistema de signos que repousa sobre uma imagem acústica. É a **associação** de uma ideia com um signo arbitrário que é a essência de uma língua.

Constantin: É um sistema de signos que repousam sobre imagens acústicas. <**Associação** de uma ideia com um signo, é o que faz a essência da língua.> Outros sistemas de signos: a escrita, os sinais marítimos, língua dos surdos-mudos (ENGLER, 1968, p. 46, grifo do autor em itálico, grifos nossos em negrito, tradução nossa).³⁰

Nota-se que há, de fato, uma relação de associação, e não de representação entre os componentes do signo linguístico. Consideramos, então, que essa questão dúbia que se instaura a partir da leitura do CLG em comparação aos trechos dos cadernos dos alunos trata-se de uma flutuação terminológica concernente ao tipo de relação que o conceito e a imagem acústica estabelecem no sistema. Isso evidencia, mais uma vez, a existência de um processo que demarca o movimento de Saussure na trajetória de elaboração de sua teorização. A esse respeito, ressaltamos que a presença dessas marcas no CLG é importante para salientar o caráter aberto do projeto saussuriano, mesmo no livro ao qual é concedido o estatuto de fundador da Linguística Moderna.

³⁰ « **Dégallier:** Langue est un système de signes reposant sur image acoustique. Association d'une idée avec un signe, c'est qui fait l'essence de la langue. **Mme. Secheyay :** L'association d'une idée avec signe est l'essence de la langue. **Joseph :** C'est un système de signes reposant sur une image acoustique. C'est l'association d'une idée avec un signe arbitraire qui est l'essence d'une langue. **Constantin :** C'est un système de signes reposant sur des images acoustiques. <Association d'une idée avec un signe, c'est ce qui fait l'essence de la langue> D'autres systèmes de signes : ceux de l'écriture, signaux maritimes, langue des sourds-muets ».

Essa flutuação terminológica que, no caso em questão, concerne especificamente à delimitação do signo linguístico e de seus componentes, mostra-se ainda mais relevante pelo fato do signo ser, de acordo com Milner (2002, p. 29), “o conceito primitivo do *Curso*”, relacionando-se intimamente à noção de sistema. Apesar de haver uma problemática em torno da adequação terminológica referentes às unidades linguísticas, segundo Milner, Saussure não busca uma definição para o signo:

Saussure não se pergunta o que é um signo; o conceito é tratado como um termo primitivo que não é definido; mais do que colocar uma questão a esse propósito, é ele que permite responder à questão: “O que é um elemento linguístico?” Eis porque não há tipologia de signos, eis porque Saussure fala sistematicamente não de um signo em geral, mas de um signo **linguístico**, eis porque a definição por ele apresentada configura-se mais como uma descrição do que como uma definição, senão como uma convenção terminológica: “o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces (...) chamamos **signo** a combinação do conceito à imagem acústica” (CLG, I, I, f I). Na verdade, toda a abordagem deriva do axioma “a língua é um sistema de signo” (ou “o elemento linguístico é um signo”)³¹ (MILNER, 2002, p. 29, grifo do autor, tradução nossa).

Há, portanto, uma busca pela descrição do **signo linguístico**, mais do que pela definição do conceito de signo. Nesse sentido, torna-se plausível considerar que as flutuações terminológicas presentes nos trechos do CLG anteriormente citados fazem parte desse processo de descrição do signo linguístico, uma vez que, como afirma Milner (2002, p. 29), essa descrição consiste mais em uma convenção da terminologia do que em uma delimitação do conceito. A proposta de uma adequação terminológica, no entanto, surge como uma extensão da conceituação que circunda o objeto de estudo da Linguística, ou seja, a língua. Por isso, assim como é evidenciado desde no primeiro trecho mencionado, a delimitação do conceito de língua, em conjunto com a problemática da terminologia concernente às unidades linguísticas, consiste em elementos que parecem depender da noção de sistema, ao mesmo tempo em que também permitem que tal noção apresente um processo de caracterização;

Assim, dando prosseguimento à nossa análise a respeito dessa relação entre os elementos componentes do signo e a noção de sistema, destacamos mais um trecho que parece

³¹ « Saussure ne se demande pas ce qu'est un signe ; le concept est traité comme un terme primitif qu'on ne définit pas ; bien loin qu'on pose une question à son propos, c'est lui qui permet de répondre à la question : « Qu'est-ce qu'un élément linguistique ? » Voilà pourquoi il n'y a pas de typologie des signes, voilà pourquoi Saussure parle systématiquement non du signe en général, mais du signe **linguistique**, voilà pourquoi il présente comme définition ce qui n'en est pas une, mais plutôt une description sinon une convention terminologique : « le signe linguistique est une entité psychique à deux faces (...) nous appelons **signes** la combinaison du concept et de l'image acoustique » (CLG, I, I, f I). En vérité, toute la démarche dérive de l'axiome « la langue est un système de signes » (ou « l'élément linguistique est un signe ») ».

apresentar, dessa vez, uma terminologia coesa àquela proposta no capítulo “Natureza do signo linguístico”:

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde essas duas partes do signo são igualmente psíquicas (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 23).

A língua, portanto, é um “sistema de signos” cuja essência se pauta na união das duas partes, igualmente psíquicas, do signo linguístico: o sentido e a imagem acústica. Ou seja, o que há de essencial no sistema da língua é o que existe naquilo que compõe seu funcionamento interno: o signo, seus elementos componentes e, principalmente, as relações estabelecidas em seu sistema, que permitem a associação entre sentido e imagem acústica. Desse modo, tudo que não compõe esse sistema, conseqüentemente, também não pode compor diretamente o objeto “língua”, tal como ele foi delimitado, até agora, no CLG. Isso é ainda reforçado pelo seguinte trecho: “Nossa definição de língua supõe que eliminemos dela tudo que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo ‘Linguística externa’”. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 29).

Logo, a definição de língua proposta engloba os aspectos constituintes do sistema linguístico e parece desconsiderar qualquer fator externo a ele. Por isso, uma vez que os constituintes do signo consistem ambos em elementos psíquicos, é válido notar que tudo que envolve a produção dos sons de uma determinada língua não entra em jogo, quando se trata da delimitação do objeto de estudo da Linguística. O funcionamento da língua pode ocorrer normalmente, como mesmo afirma Saussure ([1916] 2006, p. 80), sem que pronunciemos sequer uma palavra em voz alta, uma vez que é possível, apenas mentalmente, falar consigo mesmo e recitar poemas ou qualquer outro tipo de texto.

Tendo isso em vista, Saussure ressalta, ainda, que os movimentos fonatórios nem mesmo teriam utilidade se a língua não existisse, visto que eles não a constituem. Portanto, como as próprias línguas de sinais comprovam, não é necessário que haja produção de sons para que haja língua:

Sem dúvida, não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica, em nada se esclareceu o problema da língua. Esta constitui um sistema baseado na oposição psíquica dessas impressões acústicas, do mesmo modo que um tapete é uma obra de arte produzida pela oposição visual de fios de cores diferentes; ora, o que importa, para a análise, é o **jogo dessas oposições** e não os processos pelos quais as cores foram obtidas (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 43, grifo nosso).

Mais do que negar que a língua seja constituída pelos movimentos fonatórios, o trecho acima esclarece um dos aspectos do funcionamento da língua enquanto sistema: a oposição. Para tanto, é utilizada uma metáfora entre as oposições psíquicas das impressões acústicas e as impressões visuais causadas pela sobreposição dos fios de diferentes cores que são utilizados na fabricação de um tapete. O essencial para esses dois tipos de oposição é, na verdade, a combinação gerada entre seus elementos componentes, e não os processos pelos quais se obtêm os elementos primários. Assim, para o sujeito falante, o que importa não é saber como os elementos linguísticos estabelecem relações entre si, mas sim reconhecer psiquicamente as oposições entre esses elementos, fazendo com que eles sejam passíveis às relações de valor. Dito de outro modo, o que importa é o que emana das relações que ocorrem no sistema.

É por isso que considerar a língua enquanto um sistema permite que haja a transição de alguns termos entre línguas distintas, sem que tais termos permaneçam indecifráveis pelos falantes. A esse respeito, no CLG é afirmado que

Existem, em certos vales retirados, dialetos que jamais admitiram, por assim dizer, um só termo artificial vindo de fora. Dir-se-á que esses idiomas estão fora das condições regulares da linguagem, incapazes de dar-nos uma ideia da mesma, e que exigem um estudo “teratológico” por não terem jamais sofrido uma mistura? **Cumprido, sobretudo, notar que o termo emprestado não é considerado mais como tal desde que seja estudado no seio do sistema; ele existe somente por sua relação e oposição com as palavras que lhes estão associadas, da mesma forma que qualquer outro signo autóctone** (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 31, grifo nosso).

Os termos considerados como empréstimos, de acordo com o que é exposto no trecho em questão, passam a fazer parte da língua que os toma emprestados a partir do momento em que são analisados no seio do sistema. Assim, não importa, por exemplo, que “*mouse*” seja uma palavra que foi tomada emprestada da língua inglesa pela língua portuguesa, visto que, uma vez inserida no sistema linguístico, este termo estabelecerá relações e oposições com os outros termos, adquirindo, assim, valor linguístico.

Nesse sentido, assim como no trecho anterior, vemos também que, junto da noção de sistema, mostram-se relevantes duas noções também centrais do quadro teórico de Saussure, para além dos conceitos de língua e de signo linguístico: as noções de relação e de oposição. Desse modo, nota-se que a análise do CLG evidencia ser digna de nota a utilização dos termos “relação”, “oposição”, “língua” e “signo” de forma relacionada ao sistema, tendo em vista que eles consistem nos aspectos que caracterizam tal noção - cuja importância nas elaborações de Saussure é inegável - ao mesmo tempo em que são também caracterizadas pela noção de

sistema. Desse modo, julgamos pertinente destacar outra noção também relacionada ao sistema no CLG, e que consiste em um elemento imprescindível para a delimitação do objeto da Linguística: o princípio da arbitrariedade.

Embora esse princípio seja constituinte dessa noção saussuriana, ele não outorga ao falante o pleno domínio do sistema da língua, como seria possível supor. Dito de outro modo, apesar de o arbitrário linguístico ser um princípio que caracteriza os signos do sistema, isto é, apesar de os signos linguísticos serem arbitrários, os falantes não possuem, sozinhos, o poder de delimitar as convenções que os determinam ou de interferir em sua mutabilidade. Para que esses aspectos sejam estabelecidos, é necessário que haja também a ação do tempo. Assim, o caráter arbitrário do signo se revela um princípio que concede uma liberdade relativa à massa falante, uma vez que é somente quando combinada à ação do tempo que a força social pode, de certa forma, intervir no sistema da língua. A esse respeito, Saussure afirma que

Como o signo linguístico é arbitrário, pareceria que a língua, assim definida, é um sistema livre, organizável à vontade, dependendo unicamente de um princípio racional. Seu caráter social, considerado em si mesmo, não se opõe precisamente a esse ponto de vista. Sem dúvida, a psicologia coletiva não opera sobre uma matéria puramente lógica; cumpriria levar em conta tudo quanto faz ceder a razão nas relações práticas de indivíduo para indivíduo. E, todavia, não é isso que nos impede de ver a língua como uma simples convenção modificável conforme o arbítrio dos interessados, é a ação do tempo que se combina com a da força social; fora do tempo, a realidade linguística não é completa e nenhuma conclusão se faz possível (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 92).

Vemos que, nesse trecho, o caráter arbitrário do signo permite a caracterização da língua como um sistema de caráter lógico, ou seja, um sistema racional, que pode ser pensado pelo indivíduo. No entanto, embora seja lógica, a língua não é livre à escolha do falante, visto que, como já afirmamos anteriormente, ela não pode ser modificada unicamente por meio de decretos estabelecidos socialmente ou pela simples vontade da massa falante.

Assim, rememoramos que, para Saussure, por mais que a língua seja uma instituição social, ela não se iguala a todas as outras, devido, principalmente, ao fato de que a massa não poder intervir diretamente em seu sistema. Isso evidencia, portanto, a existência de uma **ordem própria da língua**. Nesse sentido, nota-se que a noção de sistema, em conjunto com as outras noções até agora mencionadas, principalmente a de arbitrariedade, mostra-se essencial para que a língua seja constituída como um objeto que, apesar de seu caráter social, possui uma ordem própria. Essa ordem própria é ainda atestada no fragmento a seguir:

3. – O caráter demasiado complexo do sistema. Uma língua constitui um sistema. Se [...] esse é o lado pelo qual a língua não é completamente arbitrária,

e onde impera uma razão relativa, é o ponto onde avulta a incompetência da massa para transformá-la. Pois tal sistema é um mecanismo complexo; só se pode compreendê-lo pela reflexão; mesmo aqueles que dele fazem uso cotidiano, ignoram-no profundamente (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 87, grifo original).

O sistema é caracterizado, portanto, como um “mecanismo complexo”, cuja arbitrariedade relativa ocasiona a incapacidade da massa falante de transformá-lo. Além disso, essa complexidade assinalada ao sistema da língua faz com que a experiência, por si só, não permita que a língua seja conhecida por completo. Só se pode conhecê-la, então, por meio da reflexão, ou seja, tomando-a como objeto e buscando compreender seu funcionamento e seus fundamentos.

A partir disso, destacamos, ainda, que a ordem própria da língua pode ser também evidenciada pelo fato de que, mesmo os signos que aparentam apresentar algo de motivado em suas imagens acústicas não escapam, contudo, às leis que regem o funcionamento da língua. No CLG, as onomatopeias são destacadas como elementos que parecem apresentar algo de motivado em sua constituição, mas que, mesmo assim, fogem dessa concepção devido a diferentes aspectos, que são mencionados no fragmento a seguir:

O contraditor se poderia apoiar nas onomatopeias para dizer que a escolha do significante nem sempre é arbitrária. Mas elas não são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico. Seu número, além disso, é bem menor do que se crê. Palavras francesas como **fouet** (“chicote”) ou **glas** (“dobre de sinos”) podem impressionar certos ouvidos por sua sonoridade sugestiva; mas para ver que não têm tal caráter desde a origem, basta remontar às suas formas latinas (**fouet** derivado de **fagūs**, “faia”, **glas** = **classicum**); a qualidade de seus sons atuais, ou melhor, aquela que se lhes atribui, é resultado fortuito da evolução fonética.

Quanto às onomatopeias autênticas (aquelas do tipo **glu-glu**, **tic-tac** etc.), não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos (compare-se o francês **ouaoua** e o alemão **wauwau**) (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 83, grifo original).

Como é possível observar, as onomatopeias são classificadas por Saussure como elementos inorgânicos³² do sistema linguístico, ao que parece, pelo fato de apresentarem um caráter, de certo modo, motivado. Nesse sentido, há evidências para se acreditar que a motivação do signo linguístico, mesmo que relativa, consiste em um fator que foge, de alguma forma, à ordem própria da língua, fazendo com que os elementos que possuem esse caráter não possam ser considerados como organicamente pertencentes ao sistema. Contudo, esse caráter

³² Ao utilizarmos o termo “inorgânico”, remetemo-nos à citação do CLG, e não a uma concepção organicista de língua, vinculada ao Darwinismo.

de certo modo inorgânico das onomatopeias – que é ocasionado pela motivação – não as impede de se inserirem no funcionamento do sistema. Então, a organicidade do sistema, a nosso ver, está pautada justamente na arbitrariedade ou na não motivação do laço que une o conceito à imagem acústica.

Desse modo, mesmo as onomatopeias, que se configuram como signos constituídos por certa motivação, ao serem inseridas no sistema linguístico, são submetidas às evoluções fonéticas, às diferenças entre as línguas, e mesmo aos mecanismos linguísticos de criação, como a analogia. Afirmamos isso, uma vez que, a partir delas, é possível criar verbos como “tiquetaquear” – derivado de “tic-tac” – que indica a ação do relógio de fazer ruídos. Assim, do mesmo modo que a arbitrariedade consiste em um princípio que caracteriza o sistema linguístico, ela, ao mesmo tempo, é um elemento que o distingue de outros sistemas semelhantes, também pelo fato de contribuir para a existência de uma ordem própria da língua.

Ainda tendo em vista a questão da motivação na composição das unidades linguísticas, destacamos que o funcionamento do sistema de símbolos³³, por exemplo, difere do funcionamento do sistema linguístico pelo fato de, neste sistema, não haver motivação na relação de união entre os elementos componentes do signo. Assim, segundo Saussure, não há, na língua, uma relação racional entre significante e significado, enquanto que, no sistema de símbolos, o significado estabelece uma relação racional com o elemento ao qual se une:

Poder-se-ia, também, discutir um sistema de símbolos, pois que o símbolo tem uma relação racional com o significado; mas para a língua, **sistema de signos arbitrários**, falta essa base, e com ela desaparece todo terreno sólido de discussão; não existe motivo algum para preferir *soeur* a *sister*, ou a irmã, *ochs* a *boeuf* ou boi (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 87, grifo nosso).

A nosso ver, o motivo pelo qual os elementos da língua não estabelecem uma relação lógica entre si é justamente o fato de a língua ser um sistema de signos arbitrários. Isso significa que não há motivo para se preferir que uma determinada imagem acústica, como *soeur*, e não outra, como irmã ou *sister*, vincule-se a um determinado significado. No sistema de símbolos, por outro lado, há certa motivação entre seus elementos.

A balança, por exemplo, pode ser utilizada como símbolo da justiça, pois foi convencionalizado que a referência ao elemento “balança”, quando vinculado ao contexto em questão, designaria uma equidade entre o castigo e a culpa (CIRLOT, 1984, p.112). Para que

³³ Apesar de o símbolo ser considerado como motivado no CLG e, dessa forma, se distinguir do signo, no estudo que Saussure realiza sobre as lendas germânicas, o símbolo equipara-se ao signo no sentido de ser arbitrário e estar submetido às mesmas leis (cf. HENRIQUES, 2014).

os dois pratos componentes de uma balança estabeleçam um equilíbrio, é necessário que a soma da massa dos objetos colocados em um dos pratos seja igual à massa suportada pelo outro prato; caso contrário, haverá um desequilíbrio, causado pela diferença entre as massas destinadas a cada prato. Há, portanto, uma relação metafórica entre a função da balança de permitir que se conheça o equilíbrio de massa de dois conjuntos de objetos, e a função da justiça de julgar a gravidade de cada situação, a fim de estabelecer a pena apropriada aos devidos infratores, estabelecendo, assim, um equilíbrio entre castigo e culpa.

Todavia, embora a arbitrariedade – ou o caráter imotivado – seja um aspecto fundamental no funcionamento do sistema linguístico, Saussure afirma que ela nem sempre é alvo de estudo, por parte dos linguistas, como é possível notar no trecho abaixo:

Tudo que se refira à língua enquanto sistema exige, a nosso ver, que a abordemos desse ponto de vista, de que pouco cuidam os linguistas: a limitação do arbitrário. É a melhor base possível. Com efeito, todo sistema da língua repousa no princípio irracional da arbitrariedade do signo, que, aplicado sem restrições, conduziria à complicação suprema; o espírito, porém, logra introduzir um princípio de ordem e de regularidade em certas partes da massa dos signos, e esse é o papel do relativamente motivado. Se o mecanismo da língua fosse inteiramente racional, poderíamos estudá-lo em si mesmo; mas como não passa de uma correção parcial de um sistema naturalmente caótico, adota-se o ponto de vista imposto pela natureza mesma da língua, estudando esse mecanismo como uma limitação do arbitrário (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 153-154).

Saussure, então, delimita a condição do princípio da arbitrariedade na língua. Assim, tem-se que, pelo fato de a língua ser fundada sobre esse princípio, ela adquire um caráter, de certo modo, irracional; isto é, por se fundamentar no arbitrário, a língua não pode ser completamente pensada em si mesma pelos indivíduos – estabelecendo, assim, um paradoxo com o que havia sido afirmado anteriormente a respeito da relação entre o arbitrário e o caráter lógico da língua. No entanto, essa irracionalidade é restringida pelo caráter relativamente motivado de alguns signos linguísticos, que faz com que o mecanismo linguístico seja uma “correção parcial de um sistema naturalmente caótico”. Desse modo, vemos, novamente, evidências da existência de uma ordem própria da língua, uma vez que, para que se possa estudá-la, é necessário fazê-lo a partir de uma ótica imposta pela própria natureza da língua.

O princípio da arbitrariedade, contudo, não pode, **sozinho**, propiciar que a língua seja um mecanismo que funcione a partir de sua própria ordem. Prova disso são as outras noções do quadro teórico saussuriano que se vinculam à noção de sistema – até agora, as de relação e oposição e os conceitos de língua e de signo linguístico – caracterizando-a e delimitando-a, ao

mesmo tempo em que são também caracterizados e delimitados por ela. Por isso, destacaremos a seguir outra noção relacionada à noção de sistema: o valor.

Saussure destaca o valor como princípio indispensável a todas as ciências em que se vê a necessidade de se estudar seu objeto sob os dois seguintes eixos: i) o das simultaneidades, representado verticalmente, “concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui”; e ii) o das sucessões, representado horizontalmente, “sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações” (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 95). Assim, o linguista considera que:

Para as ciências que trabalham com valores, tal distinção se torna uma necessidade prática e, em certos casos, uma necessidade absoluta. Nesse domínio, pode-se lançar aos estudiosos o desafio de organizarem suas pesquisas de modo rigoroso, sem levar em conta os dois eixos, sem distinguir o sistema de valores considerados em si, desses mesmos valores considerados em função do tempo (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 95).

Nessa consideração de Saussure, que compõe o capítulo “A Linguística estática e a Linguística evolutiva”, a noção de sistema é diretamente caracterizada pela noção de valor, o que pode ser notado pela utilização da expressão “sistema de valores”. Assim, se considerarmos as ocorrências do termo “sistema” mostradas nos trechos anteriores, torna-se possível destacar que, até agora, tal termo se mostra predominantemente vinculado ao adjetivo “linguístico” e à expressão adjetiva “signos” – ou seja, quase não se fala do conceito de sistema em si, visto que predomina, especificamente, o tratamento do sistema linguístico ou do sistema de signos. A nosso ver, falar de um “sistema de valores” implica, então, considerar a língua e os signos de forma diretamente relacionada à noção de valor. No entanto, não se pode desconsiderar o sistema como o “lugar” que permite a interdependência não só desses três elementos entre si, mas também deles com as outras noções e conceitos que compõem o quadro teórico de Saussure. Há, portanto, um mecanismo da língua que só funciona pelo sistema linguístico.

Contudo, o fragmento apresentado acima evidencia também o vínculo existente entre essa noção e aquela de **estado de língua**. A afirmação de Saussure de que, para as ciências que trabalham com valores, há a necessidade teórica de se distinguir o estudo de seu objeto de acordo com duas óticas faz com que consideremos o estudo do objeto em si como sincrônico, ou seja, como um estado. Ademais, vemos que tal método de análise está diretamente relacionado à noção de sistema. Como afirma Gadet: “Um sistema é um equilíbrio em um

momento dado de evolução de uma língua, um ‘estado de língua’ em que entre em jogo tudo o que um locutor tem à sua disposição para falar” (GADET, 1987, p. 54, tradução nossa).³⁴

Retornando ao trecho do CLG, destacamos que, para se referir ao eixo das simultaneidades, ou seja, ao eixo a partir do qual é possível considerar a língua independentemente de sua história, Saussure utiliza a expressão “sistema de valores”. Todavia, para se referir ao eixo das sucessões, o linguista abandona o termo “sistema”, e utiliza apenas a palavra “valores” para indicar o objeto que deve ser estudado, em função do tempo, para que se compreenda a historicidade da língua:

pode-se lançar aos estudiosos o desafio de organizarem suas pesquisas de modo rigoroso, sem levar em conta os dois eixos, sem distinguir o **sistema de valores** considerados em si, desses mesmos **valores** considerados em função do tempo (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 95, grifo nosso).

Dessa forma, poder-se-ia pensar que, quando se estuda a língua sob o ponto de vista sincrônico, a noção de sistema parece imperar; por outro lado, ao considerá-la diacronicamente, essa mesma noção parece não ser mais tão indispensável. Todavia, desse pensamento resta uma questão a ser feita: é possível que haja relações de valores que operem fora de um sistema?

Questões à parte, destacamos que a expressão “sistema de valores” é novamente retomada em um trecho mais à frente no CLG, em que Saussure estabelece uma metáfora entre o **funcionamento** da língua e o funcionamento que rege um jogo de xadrez. Em ambos os sistemas de funcionamento, a noção de valor se mostra essencial. Contudo, enquanto no jogo de xadrez os valores são estabelecidos artificialmente e determinados por regras criadas por convenções sociais comuns, na língua os valores são apresentados, de acordo com Saussure, naturalmente, a partir de uma ordem própria. Isso indica, a nosso ver, que a massa falante, por si só, não pode interferir no funcionamento das relações estabelecidas no sistema linguístico:

Mas de todas as comparações que se poderiam imaginar, a mais demonstrativa é a que se estabeleceria entre o jogo da língua e uma partida de xadrez. De um lado e de outro, estamos em presença de um sistema de valores e assistimos às suas modificações. Uma partida de xadrez é como uma realização artificial daquilo que a língua nos apresenta sob forma natural (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 104).

Assim, a afirmação de que os valores da língua são apresentados de “forma natural” evidencia, tal como outros aspectos por nós apresentados anteriormente, a existência da ordem

³⁴ « Un système est un équilibre à un moment donné de l'évolution d'une langue, un 'état de langue' où joue tout ce qu'un locuteur a à sa disposition pour parler ».

própria da língua. Considerando essa ordem própria da língua, contrariamente ao caráter exclusivamente convencional do jogo de xadrez, torna-se muito pouco provável a atribuição das mudanças da língua unicamente à massa falante. Tal fato é ainda reforçado no seguinte fragmento:

Existe apenas um ponto em que a comparação falha: o jogador de xadrez tem a **intenção** de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema, enquanto a língua não premedita nada; é espontânea e fortuitamente que suas peças se deslocam – ou melhor, se modificam (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 105, grifo original).

Como se pode ver, no sistema de língua, a intenção do falante não entra em jogo. As ações que incidem sobre esse sistema e que, por consequência, **modificam-no**, segundo o que é exposto no trecho acima, não partem intencionalmente da massa falante. Ao que parece, embora as modificações ocorridas na língua dependam, de certa forma, do que ocorre na fala – ou seja, do ato individual – há nelas, de fato, um caráter fortuito, uma vez que qualquer termo da língua está sujeito a modificações e que, por outro lado, não é possível determinar quais das interferências da massa falante serão inseridas em um determinado estado de língua.

Não podemos deixar de notar, nesse sentido, que falar que existem modificações e/ou deslocamentos em um sistema de língua significa considerar o sistema enquanto um estado de língua. Isso porque o sistema, enquanto funcionamento que rege as relações da língua, não se modifica ao longo do tempo; ou seja, a língua funciona sempre da mesma forma: por meio das relações opositivas estabelecidas entre os elementos do sistema. Tais elementos, por sua vez, bem como os próprios signos linguísticos, serão sempre unidades arbitrárias (ou relativamente arbitrárias), negativas, que não possuem nenhuma característica dada de antemão, e que estabelecem suas relações de valor, instituindo-se sempre com base em sua oposição frente a cada um dos elementos no sistema.

Por outro lado, o sistema considerado enquanto estado de língua se modifica, e são essas modificações que permitem que a língua apresente um caráter evolutivo, ao mesmo tempo em que também apresenta um caráter estático. Essas duas formas de se considerar o objetivo da Linguística e, conseqüentemente, o sistema linguístico – evolutiva ou diacronicamente, estática ou sincronicamente – referem-se exatamente aos dois eixos mencionados anteriormente, a partir dos quais se concebem todas as ciências que lidam com valor. Trata-se de duas possibilidades distintas de se considerar um mesmo objeto, de fato; no entanto, essas possibilidades são apenas pontos de vista a partir dos quais se pode estudar a língua. Portanto, a existência de um deles não exclui a existência do outro, do mesmo modo que não são óticas excludentes.

Dito de outro modo, a visão sincrônica da língua não impossibilita a visão diacrônica. Ao contrário, é a sucessão dos diferentes estados de língua que forma a diacronia da língua. E, também, é justamente porque o funcionamento da língua se dá sempre do mesmo modo que as modificações nos estados de língua ocorrem. Isso pode ser evidenciado pelo fato de que as mudanças ocorridas em um sistema de língua tangem ao signo linguístico e a seus elementos componentes, isto é, aos elementos indispensáveis para o funcionamento da língua enquanto sistema. Tendo isso em vista, ressaltamos outro fragmento do CLG em que a noção de sistema é apresentada como fundamental para a delimitação dos signos, assim como também o são, consequentemente, as noções de oposição e diferença:

Mas assim como o jogo de xadrez está todo inteiro na combinação das diferentes peças, assim também a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas. Não podemos dispensar-nos de conhecê-las, nem dar um passo sem recorrer a elas; e, no entanto, sua delimitação é um problema tão delicado que nos perguntamos se elas, as unidades, existem de fato. A língua apresenta, pois, este caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 124).

Nota-se que, apesar desse caráter fundamental da noção de sistema e das noções centrais na delimitação das unidades da língua, a própria concepção de unidade é, a princípio, questionada por Saussure, questionamento este que é pautado na afirmação de que seu estabelecimento consiste em um “problema delicado”. Em contrapartida, Saussure declara que, apesar dessas unidades não serem perceptíveis **à primeira vista**, é, contudo, um equívoco duvidar de sua existência ou mesmo do fato de que elas se estabeleçam por meio das relações ocorridas de acordo com o funcionamento do sistema – ou pelo “jogo”.

Nesse mesmo sentido, o processo de delimitação das unidades da língua é novamente abordado mais à frente, quando Saussure se atém à explicação do modo como considera a relação existente entre língua e pensamento. Para esclarecer essa questão, o linguista usa novamente a expressão “sistema de valores”, como é possível ver a seguir: “Para compreender por que a língua não pode ser senão um sistema de valores puros, basta considerar os dois elementos que entram em jogo no seu funcionamento: as ideias e os sons” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 130).

A partir desse fragmento, que abre o capítulo do CLG “O valor linguístico”, Saussure visa mostrar o tipo de relação estabelecida entre língua e pensamento. Diferentemente de grande parte dos autores que o precederam, fossem eles estudiosos da gramática do século XVII ou

pesquisadores da Gramática Comparada³⁵, o linguista não considera a língua como um instrumento que estabelece uma relação de representação do pensamento. A relação entre língua e pensamento é, para Saussure – e isso é atestado em diferentes documentos saussurianos –, de caráter combinatório ou associativo. O pensamento, antes da língua, não passa de uma “nebulosa” e, contudo, a língua não estabelece apenas um papel de criador de um “meio fônico-material para a expressão das ideias”. Mais do que isso, o que ocorre é o “fato, de certo modo misterioso, de o ‘pensamento-som’ implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas” (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 131).

É por isso que a expressão “sistema de valores” constitui um elemento importante para a teorização saussuriana, uma vez que as unidades da língua, ou seja, os signos linguísticos, que são formados pela associação de um conceito com uma imagem acústica, só podem ser estabelecidos a partir do princípio do valor, por meio das relações fundadas no seio do sistema. Nesse sentido, ao se considerar a caracterização da noção de sistema que temos mostrado nas elaborações saussurianas, bem como a concepção de signo nelas presente, conclui-se que falar que a língua é um sistema de signos implica, necessariamente, defini-la também como um sistema de valores. Uma vez que, para Saussure, o signo linguístico é arbitrário e a relação estabelecida entre seus elementos componentes não inclui os objetos do mundo, tratar do signo linguístico significa tratar igualmente de valor linguístico; mais ainda, tratar dessas duas noções saussurianas envolve necessariamente o tratamento do sistema.

A esse respeito, destacamos que a noção de sistema é apontada por Saussure também como um elemento importante na distinção entre valor e significação, uma vez que, pelo fato de a língua ser um sistema, essas duas noções não podem ser confundidas. Isso é colocado no seguinte trecho do CLG:

Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente na presença simultânea de outros [...] como acontece que o valor, assim definido, se confunda com a significação, vale dizer, com a contraparte da imagem auditiva? (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 133).

Tomando a significação tal como ela é apresentada no fragmento em questão, tem-se que ela nada mais é que a contraparte da imagem acústica, confundindo-se, portanto, com a noção de conceito e sendo, por conseguinte, um elemento componente do signo linguístico. Nessa linha de raciocínio, é notável que a noção de sistema tem sua importância pautada no

³⁵ O tratamento da noção de sistema pelos estudiosos da linguagem anteriores e contemporâneos a Saussure será realizado mais especificamente no quarto capítulo.

fato de que consiste em uma grandeza que envolve e é composta por relações de valores, as quais em conjunto, e consideradas nesse mesmo sistema (além de também relacionadas às outras noções do quadro teórico saussuriano), compõem o objeto “língua”. Assim, embora a caracterização do termo “significação”, ao longo do CLG, seja um processo complexo na trajetória de elaboração da teorização saussuriana, tendo em vista a quantidade de flutuações terminológicas e conceituais que a envolvem, no trecho citado, quando analisado isoladamente, é possível entender que há, de fato, uma distinção entre as noções de valor e significação, a qual pode ser efetuada desde que se considere a língua como um sistema de relações e de valores.

Quando relacionada ao valor, a noção de sistema se mostra igualmente relevante na negação das concepções que consideram a língua enquanto nomenclatura. Esse aspecto, que poderá ser notado nas análises dos conjuntos de manuscritos que serão apresentadas no capítulo seguinte, é essencial na teorização saussuriana, uma vez que uma concepção de língua pensada a partir de um sistema, que é pautado em relações negativas e diferenciais entre elementos que só são passíveis a estabelecerem valor por suas oposições, não se sustenta quando se considera a língua como um meio de “etiquetagem”.

Com base nisso, ressaltamos que essa noção de negatividade, no CLG, aparece justamente para evidenciar o caráter relacional e opositivo do sistema de língua:

Em todos esses casos, pois, surpreendemos, em lugar de **ideias** dadas de antemão, **valores** que emanam do sistema. Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos no sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 136, grifo original).

O signo linguístico é negativo, pois não pressupõe nunca a existência de ideias preestabelecidas, nem de imagens acústicas dadas previamente. As ideias – ou conceitos, significados – que o compõem, só o fazem a posteriori, após os elementos da língua estabelecerem, a partir do sistema, relações opositivas entre si, tornando-se aquilo que as outras unidades não são. Essas noções relacionadas ao sistema linguístico, que o caracterizam ao mesmo tempo em que existem em sua função³⁶, em conjunto com o modo de Saussure de considerar a relação entre língua e pensamento, permitem que haja a única definição direta de sistema encontrada por nós no CLG. No entanto, assim como ressalta Milner (2002, p. 29), nessa definição, não é o termo “sistema”, tomado isoladamente, que é definido, mas a expressão “sistema linguístico”:

³⁶ A respeito da característica dos princípios saussurianos de se definirem e serem definidos mutuamente, conferir Henriques (2014) e Lima (2014).

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 139-140).

Nota-se que essa definição da expressão “sistema linguístico” envolve diretamente grande parte das noções do quadro teórico saussuriano que se relacionam à noção de sistema, as quais foram expostas até agora em nossa análise do CLG. São elas a ideias de relação, diferença, oposição, associação e signo linguístico. Contudo, mais do que isso, com base nessa definição podemos notar que a noção de sistema pode estar vinculada, ao mesmo tempo, tanto ao funcionamento da língua quanto à noção de estado de língua.

Afirmamos isso, pois, se o sistema linguístico é “uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias”, então, nada impede que se entenda o sistema linguístico como um estado de língua. Isso porque, quando considerado apenas como uma combinação de sons e ideias, ou seja, como uma série de signos, o sistema reflete a associação proporcionada pela relação de oposição e negatividade dos elementos da língua em um determinado espaço de tempo. Essa relação entre os elementos pode apresentar mudanças se considerada em outro espaço de tempo, e é exatamente por isso que o sistema, nesse sentido, pode ser caracterizado como uma sincronia.

Um estado de língua retrata – analogamente ao que retrata uma fotografia, por exemplo – um momento da língua, mas, obviamente, de forma estática. Dito de outro modo, considerar a língua em um estado significa considerar as associações possíveis de seus elementos em um determinado momento, mas não as mudanças que estão ocorrendo ou que poderão ocorrer a partir dessas associações. Essas mudanças só podem ser estudadas quando comparados os diferentes estados de língua e os caminhos percorridos de um estado a outro, isto é, quando se analisa a língua diacronicamente.

No entanto, ao retomarmos o único trecho do CLG em que a noção de “sistema linguístico” é diretamente definida, vemos que o sistema linguístico mostra-se dependente de outro sistema – o sistema de valores:

mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 139-140).

Há, portanto, uma confrontação, ou seja, um jogo existente entre imagens acústicas e porções de pensamento – que é justamente no que consiste um sistema linguístico. Esse jogo produz, por sua vez, um sistema de valores. Logo, tem-se que o sistema linguístico engendra o sistema de valores; sistema este que, segundo o trecho, é responsável pela constituição da associação dos elementos do signo linguístico. Desse modo, o sistema de valores parece estar diretamente relacionado ao modo de funcionamento da língua, uma vez que sem ele não haveria a concepção das unidades linguísticas, e tampouco a formação de um sistema linguístico.

Ora, a única definição direta que envolve o termo “sistema”, encontrada no CLG, apresenta, pois, dois caminhos para a compreensão do termo: i) entendê-lo como um estado de língua (o que é denominado na definição de sistema linguístico); ou ii) entendê-lo como o funcionamento da língua enquanto objeto de estudo da ciência linguística (o que é denominado na definição de sistema de valores). Essa bifurcação da compreensão da noção de sistema não se difere do que é encontrado ao longo de toda a edição, como mostramos ao longo de nossa análise. Uma leitura atenta do livro indica que ora a concepção da noção de sistema se aproxima da caracterização de um estado de língua, ora se aproxima da caracterização do modo de funcionamento da língua.

Entretanto, embora sejam formas distintas de se compreender a mesma noção, não cremos ser possível considerá-las como formas excludentes, sendo, portanto, possível afirmar que um sistema refere-se, ao mesmo tempo, à sincronia e ao funcionamento da língua.

2.3 Sistema: estado e funcionamento da língua

Como foi possível notar por meio da análise dos trechos do CLG que tratam da noção de sistema, tal noção está relacionada à caracterização de alguns dos principais conceitos e noções que compõem o quadro teórico de Saussure. De modo geral, o sistema se relaciona, de forma direta, à delimitação dos conceitos de língua e de signo linguístico, aos princípios da arbitrariedade e do valor, e a diversas noções subjacentes, como a de relação, diferença, oposição e sincronia. Esses elementos, por sua vez, também têm sua constituição dependente da noção de sistema, o que evidencia certa reciprocidade na delimitação dos princípios que compõem a teorização saussuriana, estabelecendo, desse modo, uma via de mão dupla.

No que tange especificamente à **definição** da noção de sistema no CLG, encontramos apenas um trecho dedicado a defini-la diretamente. No entanto, em concordância com o trecho encontrado, foi possível notarmos, ao longo de toda a nossa análise, que a compreensão da

noção de sistema oscila entre a possibilidade de entendê-la como um estado de língua ou como o modo de funcionamento da língua, ou seja, um mecanismo. Os adjetivos e expressões adjetivas que acompanham o termo sistema na definição apresentada na edição também corroboram para essa diferenciação: quando se fala em sistema linguístico, pode-se compreender a língua enquanto uma sincronia; quando se fala em sistema de valores, pode-se compreender a língua como a rede de relações que fazem com que ela funcione sempre da mesma maneira.

Entretanto, a nosso ver, trata-se apenas de pontos de vista distintos, isto é, de maneiras diferentes de se considerar o mesmo objeto; desse modo, consideramos válido afirmar que esses dois pontos de vista não são, portanto, excludentes. Afirmamos isso, pois, assim como a visão sincrônica da língua não impossibilita o ponto de vista diacrônico, entender o sistema como um estado de língua não impossibilita que ele seja também entendido como funcionamento. Em vez disso, uma vez que é o ponto de vista sincrônico da língua que permite pensar seu funcionamento enquanto um sistema, essas duas óticas, ao que parece, complementam-se. Como afirma, De Mauro (1967):

O caráter sistêmico da língua impõe igualmente que a Linguística desenvolva suas pesquisas, antes de tudo, no plano em que coexistem as diferentes unidades e estruturas possíveis, ou seja, sobre o plano da contemporaneidade e da coexistência funcional: esse plano é chamado por Saussure de **sincrônico** ou, mais exatamente, **idiossincrônico**. O estudo idiossincrônico não exclui, nas intenções de Saussure, o estudo diacrônico, isto é, o estudo da evolução de um sistema e de uma de suas partes através do tempo, assim como também não exclui a comparação de sistemas e de partes de sistemas geneticamente aparentes, nos quais a Linguística do século XIX colocava todo o trabalho dos linguistas. (DE MAURO, 1967, p. x, grifo do autor, tradução nossa).³⁷

Se, segundo o que é exposto por De Mauro (1967), o objeto de estudo da Linguística, ou seja, a língua, só pôde ser delimitado por Saussure quando pensado a partir de um enfoque sincrônico das línguas observáveis, então esses dois modos de compreender o sistema no CLG não se eliminam. É verdade que cada uma dessas óticas pode levar a compreensões distintas da noção de sistema, ocasionando considerações até mesmo antagônicas – tais como “o sistema de língua muda” e “o sistema de língua não muda”. No entanto, se a língua, enquanto sistema de

³⁷ « Le caractère systématique de la langue impose également que la linguistique développe ses recherches avant tout sur le plan où coexistent les différentes unités et structures possibles, c'est-à-dire sur le plan de la contemporanéité et de la coexistence fonctionnelle : ce plan est appelé par Saussure **synchronique** ou, plus exactement, **idiosynchronique**. L'étude idiosynchronique n'exclut pas, dans les intentions de Saussure, l'étude diachronique, c'est-à-dire l'étude de l'évolution d'un système et d'une de ses parties à travers le temps, pas plus qu'elle n'exclut la comparaison de systèmes et de parties de systèmes génétiquement apparentés, dans laquelle la linguistique du XIX^e siècle plaçait tout le travail du linguiste ».

signos, pertence ao que é chamado no CLG de “Linguística sincrônica”, então considerar o sistema enquanto funcionamento da língua e considerá-lo como um estado de língua são pontos de vista que podem ser entendidos como complementares, e não excludentes.

Assim, torna-se notável que nossa investigação de como a noção de sistema é constituída no CLG mostrou que ela possui, de fato, um caráter central na teorização de Saussure exposta na edição, uma vez que sua caracterização envolve outros componentes igualmente fundamentais das elaborações do linguista. Tendo isso em vista, a seguir nos dedicaremos à análise da noção de sistema em outros três documentos saussurianos: o “*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*”, e os conjuntos de manuscritos “*Da essência dupla da linguagem*” e “*Notas para o curso três*”.

Com essas análises, buscaremos investigar de que modo a noção de sistema é caracterizada por Saussure em cada um desses documentos, evidenciando as semelhanças e as diferenças existentes entre essas caracterizações e aquela que constitui a noção em questão no CLG. Essa investigação auxiliar-nos-á tanto a apontar direções para refletir sobre os aspectos da noção saussuriana de sistema que fazem com que ela constitua uma via de mão dupla, quando contraposta às concepções de estudiosos anteriores e contemporâneos a Saussure, como também nos ajudará a vislumbrar a sua trajetória de elaboração.

Capítulo 3 – A trajetória de elaboração da noção saussuriana de sistema

“Le ‘système’ n’est pas né tout armé de la tête de Saussure”

(Rudolf Engler)

3.1 Introdução

A relação teórica entre as reflexões de Ferdinand de Saussure e a noção de sistema parece ser tão antiga quanto o interesse do linguista pelos estudos da linguagem. Para ele, essa noção apresentava uma importância central desde a época precedente ao início da teorização que lhe rendeu o estatuto de fundador da Linguística Moderna, no século XX, uma vez que já se mostrava presente nos trabalhos desenvolvidos durante sua adolescência. Em uma carta enviada a Adolphe Pictet³⁸, em 1872³⁹, pedindo-o que lesse seu trabalho intitulado “Ensaio para reduzir as palavras do grego, do latim e do alemão a um pequeno número de raízes”, Saussure afirma:

Eu não teria escrito nada se, pelo hábito, eu não tivesse constatado como evidente um **sistema** que me intriga desde o ano passado; eu sempre tenho o hábito de fazer **sistemas** antes de estudar as coisas nos mínimos detalhes (SAUSSURE, 1872 apud CANDAU, 1974-1975, p. 10, grifo nosso, tradução nossa).⁴⁰

Mais do que isso, segundo De Mauro (1967, p. 321), Saussure via, já ao realizar esse seu primeiro trabalho no âmbito dos estudos da linguagem, a necessidade de coletar um grande número de fatos e de construir um sistema geral da linguagem (cf. DE MAURO, 1967, p. 322). Vemos, então, que o sistema demarca o modo como o linguista optava por efetuar seus estudos, desde muito jovem.

No entanto, como já afirmamos, Saussure não foi o primeiro a introduzir a noção de sistema nos estudos da linguagem. Ela já se fazia presente em trabalhos de diferentes épocas: na elaboração das gramáticas gregas, nas reflexões acerca da sinonímia e mesmo na teorização de outros estudiosos da linguagem também dos séculos XVII, XVIII e XIX. Interessa-nos,

³⁸ Segundo Joseph (2012, p. 148), Adolphe Pictet era vizinho da casa de campo da família de Saussure e foi autor da obra “As origens indo-europeias ou os Aryas primitivos”.

³⁹ Cf. De Mauro (1967, p. 322) ; Normand (2009, p. 43).

⁴⁰ « Aussi ne l’aurais-je pas fait, si, à force d’habitude, j n’avais fini par regarder comme l’évidence un système que je bâtis depuis l’année dernière ; j’ai toujours eu la rage de faire des systèmes avant d’avoir étudié les choses par le détail ».

portanto, conhecer de que modo a noção saussuriana de sistema pode estabelecer uma relação, ao mesmo tempo, de continuidade e ruptura com a noção de sistema utilizada em alguns estudos da linguagem anteriores e contemporâneos a Saussure. Tendo isso em vista, consideramos pertinente investigar de que forma essa mesma noção é definida na teorização que se apresentou como fruto dessa busca do linguista.

Para tanto, nos tópicos a seguir, buscaremos analisar a noção de sistema em três momentos das elaborações saussurianas: i) nos estudos comparatistas do linguista, especificamente com o “*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*”; ii) nos estudos sobre Linguística Geral efetuados no início da década de 1890, com o conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem”; iii) na ocasião do último curso de Linguística Geral ministrado na Universidade de Genebra, com o conjunto de manuscritos “Notas para o curso III”. Entretanto, tendo em vista a complexidade e a amplitude desses documentos, é importante ressaltar que não consideramos que seja possível lidar com toda a extensão desses materiais. Por isso, optamos por efetuar um recorte dos momentos desses documentos que possibilitem relacionar a teorização da noção de sistema de Saussure apresentada em cada um dos materiais com os quais nos propomos a trabalhar.

Com isso, será possível conhecer, mesmo que minimamente, a trajetória do processo de elaboração da noção de sistema de Saussure, bem como evidenciar de que maneira essa noção se relaciona com a busca do linguista pelas reformas metodológicas e terminológicas por ele reivindicadas. Nossa escolha em trabalhar com esses materiais justifica-se tendo em vista que eles consistem em documentos que registraram a teorização saussuriana em distintos momentos de seu processo. O *Mémoire*, após publicado, teve reconhecimento⁴¹ não só no universo acadêmico de Leipzig, seu lugar de publicação, mas também em Paris, onde Saussure passou cerca de dez anos de sua vida, dedicando-se aos estudos da linguagem.

O conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem”, embora não tenha sido publicado por Saussure, apresenta uma estrutura semelhante à de um livro, e consiste em mais de 300 folhas autógrafas do linguista acerca da Linguística Geral; representa, pois, o que parece ser o início da teorização de Saussure acerca da língua em si. Além disso, por sua escrita ter se iniciado em 1891, ano em que o linguista retornou de Paris a Genebra, ele consiste em um marco, uma vez que, segundo Aarsleff (1982, p. 393), “Saussure não chegou a Paris, vindo de

⁴¹ O reconhecimento do *Mémoire* na Alemanha se deu de maneira atordoada. Isso pode ser observado nos manuscritos reunidos sob o título de “*Souvenirs*”, em que o próprio Saussure menciona, de acordo com Joseph (2012, p. 126), a ocorrência de uma acusação implícita de plágio, pautada nos trabalhos de K. Brugmann e H. Osthoff, sofrida por ele na ocasião de publicação de seu *Mémoire*.

Leipzig e Berlim, com as ideias que geraram o Curso de Linguística Geral, mas também não deixou Paris sem elas”.

Por fim, a escolha das “Notas para o curso III” é pautada no fato de que essas notas consistem em um dos últimos registros de Saussure acerca da Linguística Geral. Além disso, segundo Bally e Sechehaye, o Curso de Linguística Geral foi formulado majoritariamente com base nas anotações de alguns dos alunos que estiveram presentes no terceiro curso de Saussure⁴². Portanto, analisar esse material pode evidenciar de que modo a noção de sistema contribuiu para o processo de elaboração teórica de Saussure, possibilitando que suas reflexões sobre a língua permitissem a delimitação da Linguística enquanto ciência, sendo publicadas e difundidas, mesmo que postumamente.

3.2 O sistema e o *Mémoire*

O termo sistema consiste em um elemento componente do próprio título do único⁴³ livro completo publicado por Saussure em vida: “*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*”. Segundo Joseph (2012, p. 221-222, grifo nosso), esse memorial, publicado em 1878, em Leipzig, tratava-se de um “estudo amplo do **sistema** de vogais indo-europeu”, cujo objetivo, de acordo com o próprio Saussure, era “estudar as múltiplas formas sob as quais se manifesta o chamado *a* indo-europeu”.⁴⁴ (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 3, grifo do autor, tradução nossa). Mais especificamente, Saussure buscava propor a hipótese de uma quarta forma do *a* existente no sistema de vogais das línguas indo-europeias.

Desse modo, é importante ressaltar que, nesse trabalho do linguista, a noção de sistema – assim como o trabalho em si – não se insere nas reflexões acerca da Linguística Geral. Ela se vincula, especificamente, às vogais das línguas e famílias de língua estudadas por Saussure. Dito de outro modo, o *Mémoire* não trata simplesmente de uma noção geral de sistema nos estudos linguísticos, mas de um **sistema das vogais nas famílias de línguas indo-europeias**.

Isso porque as comparações entre línguas e famílias de línguas, efetuadas pelos gramáticos comparados do século XIX, visavam a um objetivo maior: a reconstrução da

⁴² No “Prefácio à primeira edição” do Curso de Linguística Geral os editores afirmam que se decidiram “por uma solução mais audaciosa []: tentar uma reconstituição, uma síntese [das elaborações de Saussure] com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de Saussure” (BALLY; SECHEHAYE, 2006 [1916], p. 3). No entanto, as “Notas para o curso III”, embora conhecidas pelos editores, não foram utilizadas como fontes de elaboração da edição.

⁴³ Davies (2006, p. 15) afirma que o *Mémoire* “remained the only full book that Saussure ever published”.

⁴⁴ « étudier les formes multiples sous lesquelles se manifeste ce qu'on appelle l'*a* indo-européen ».

chamada “língua-mãe”. Embora fosse apenas uma hipótese, as semelhanças existentes entre as línguas de diferentes regiões da Europa e da Ásia evidenciavam certo grau de parentesco entre elas, possibilitando que se acreditasse que houvera uma única língua que dera origem⁴⁵ a todas as outras. Buscava-se, então, a partir das análises comparativas, a reconstituição das línguas passadas, de forma a estabelecer um caminho que retrocedesse em sua evolução, para que fosse possível chegar à língua-mãe. O estudo dos sistemas das vogais interessava, pois, por permitir conhecer, de forma mais específica, o processo de derivação das línguas da família indo-europeia.

A concepção do sistema de vogais presente no *Mémoire*, contudo, parece partir de concepções já antes utilizadas por outros autores dos estudos da Gramática Comparada. Afirmamos isso, pois Saussure, no início de seu trabalho, faz uma breve apresentação dos estudos comparativos das vogais efetuados por alguns dos principais pesquisadores de sua época, expondo os modelos dos sistemas da vogal “a” elaborados por autores como Curtius e Schleicher:

Cremos representar exatamente o sistema de M. Curtius pela seguinte tabela:

Indo-europ.	a	ā
Europeu	a; e	ā
Mais tarde	ao; e	ā

(SAUSSURE, 1922 [1879], p. 4, tradução nossa)⁴⁶

Nós partimos, então, da ideia de um desenvolvimento histórico comum do vocalismo europeu, para formular, no esquema seguinte, o sistema de Schleicher:

Indo-europ.	a	aa	āa
Europeu	a e o	a o ā	ā

(SAUSSURE, 1922 [1879], p. 5, tradução nossa)⁴⁷

A elaboração desses sistemas de vogais nos estudos comparativos, segundo o que é exposto por Saussure na primeira parte do *Mémoire* – intitulada “Revisão das diferentes opiniões sobre o sistema das vogais a” –, parece servir para a análise das mudanças ocorridas

⁴⁵ Um dos motivos que torna Saussure responsável pelo corte epistemológico nos estudos linguísticos, estabelecendo uma reviravolta, é o fato de o linguista interditar, de certa maneira, a busca pelas origens da linguagem. Segundo Saussure (2006 [1916], p. 86), “[...] nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal. Eis porque a questão da origem da linguagem não tem a importância que geralmente se lhe atribui.”

⁴⁶ « Nous croyons représenter exactement le système de M. Curtius par le tableau suivant :

Indo-europ.	a	ā
Européen	a; e	ā
Plus tard	ao; e	ā ».

⁴⁷ « Nous faisons donc abstraction de l’idée d’un développement historique commun du vocalisme européen, en formulant dans le schéma suivant le système de Schleicher :

Indo-europ.	a	aa	āa
Européen	a e o	a o ā	ā ».

ao longo do desenvolvimento das chamadas “famílias de línguas”. Assim, ao se estabelecerem esses sistemas da evolução das vogais das línguas indo-europeias, era possível que os estudiosos da Gramática Comparada apresentassem hipóteses – em direção ao encontro da língua-mãe – que se mostravam bastante prováveis, como a de que havia, em algum momento da história, uma língua falada por todos os povos da Europa. É esse o caso, especificamente, do trabalho de Curtius:

M. Curtius mostrou que o **e** aparece no mesmo lugar em todas as línguas da Europa, e que ele não pode, por consequência, ter se desenvolvido independentemente em cada uma delas. E partindo da crença de que a língua-mãe possuía apenas três vogais **a i u**, ele conclui que todos os povos europeus tinham passado por um período comum, em que falavam ainda uma mesma língua [...] (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 4, tradução nossa)⁴⁸

Saussure faz, no *Mémoire*, a apresentação desses sistemas de vogais já existentes para utilizá-los, ao mesmo tempo, como forma de refutação e também como ponto de partida para o seu trabalho, tendo em vista que, a partir deles, o linguista visava evidenciar que o sistema da vogal **a** das línguas indo-europeias era composto, na verdade, “de quatro termos distintos, e não de três”, como defendiam os estudos de seus contemporâneos (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 6). Desse modo, consideramos pertinente questionar em que consistia a noção de sistema no estudo comparatista, uma vez que seu uso era tão recorrente nos trabalhos desenvolvidos e considerando que ela apresentava um caráter bastante central no trabalho de Saussure.

Assim, a respeito do *Mémoire*, especificamente, ressaltamos que o termo sistema não é diretamente definido, mas parece ser caracterizado por algumas noções, as quais permitem que ele seja estabelecido. Podemos afirmar isso tendo como base a abordagem de Saussure das sonantes líquidas. Para encontrá-las, Saussure se utiliza do método de comparação, não só entre as diferentes línguas analisadas, mas também dessas línguas com os estados de língua⁴⁹ anteriores, os quais originaram a ocorrência dessas sonantes na posição em que elas se encontram nas sílabas analisadas:

Tendo em vista o objetivo especial a que nos propomos neste capítulo [Capítulo 1 – As líquidas e as nasais soantes], tiramos das observações precedentes a seguinte vantagem: trata-se de que conhecemos o ponto preciso onde se deve esperar encontrar as sonantes líquidas e a partir do qual nós assistimos, por assim, dizer, sua formação; a **comparação**, por si só, de um **r**

⁴⁸ « M. Curtius montrait que l'**e** apparaît à la même place dans toutes les langues d'Europe, qu'il ne peut par conséquent s'être développé indépendamment dans chacune d'elles. Et partant de l'idée reçue que la langue-mère ne possédait que les trois voyelles **a i u**, il tira cette conclusion que tous les peuples européens avaient dû traverser une période commune, où, parlant encore une même langue [...] ».

⁴⁹ A expressão “estado de língua” não é utilizada por Saussure, embora seja possível identificar que sua análise recorre à comparação da língua atual com aquelas que a originaram.

indiano com um *ap* grego é, de fato, apenas um **valor** precário, se não se vê como esse *ap* foi originado e se há uma probabilidade de ser um *ar* comum. **Sempre onde o *e* cai normalmente, sempre, particularmente, onde aparece o *i* ou o *u* autóctone, as líquidas soantes devem existir regularmente ou terem existido, se a posição das consoantes as força a funcionar como vogais** (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 10, grifos nossos, tradução nossa).⁵⁰

Nota-se que, assim como já indica o nome “Gramática Comparada”, a comparação consiste no método essencial para que se alcancem os sistemas de vogais das línguas indo-europeias. No entanto, essa comparação se vale de alguns critérios para que seja estabelecida. Pelo o que é exposto no trecho acima, é possível entender que a posição que a vogal analisada ocupa – ou deixa de ocupar – consiste em um critério de comparação que auxilia na identificação da existência ou não de características nas línguas antecedentes – por exemplo, a quantidade de *a* existente em uma determinada língua, e as características que as diferenciavam.

A importância do aspecto posicional como critério da comparação das línguas é ainda reiterada pelo fato de que o valor das vogais só pode ser estabelecido pela função morfológica que a sílaba que elas compõem ocupa na palavra analisada. Tanto que os *a* do sistema de vogais proposto por Saussure só puderam ser diferenciados entre si por meio da análise das formações nominais e verbais que ocorreram a partir da evolução das línguas indo-europeias, bem como pela análise de suas características enquanto vogais: se são soantes líquidas, sonantes nasais etc. No entanto, o fato dessas características das vogais serem levadas em consideração na análise de Saussure indica que a substância fônica consistia em um fator relevante para o estabelecimento do sistema de vogais.

Em contrapartida, a noção de valor é ressaltada como um elemento que emana da comparação opositiva e posicional das vogais. Dito de outro modo, para o sistema estabelecido por Saussure ao longo do *Mémoire*, as vogais têm algumas características, mas não têm uma identidade *a priori*; elas apresentam, em vez disso, valores que são estabelecidos a partir da comparação dos termos analisados, tendo em vista a posição que ocupam nas sílabas e nas palavras.

Vemos, desde já, semelhanças entre a noção de sistema que fundamenta o *Mémoire* e a noção de sistema exposta no CLG. Ambas as noções de sistema possuem o valor como princípio

⁵⁰ « En vue du but spécial que nous nous proposons dans ce chapitre, nous tirons des remarques qui précèdent l'avantage suivant : c'est que nous connaissons le point précis où il faut s'attendre à trouver les liquides sonantes et que nous assistons pour ainsi dire à leur formation ; la comparaison seule d'un *r* indien avec un *ap* grec n'a, en effet, qu'une valeur précaire si l'on ne voit pas comment cet *ap* a pris naissance et s'il y a une probabilité pour que ce soit un *ar* ordinaire. Partout où l'*e* tombe normalement, partout en particulier où apparaît l'*i* ou l'*u* autophtongue, les liquides sonantes doivent régulièrement exister ou avoir existé, si la position des consonnes les forçait à fonctionner comme voyelles ».

a elas relacionado e, em ambas, o aspecto posicional deve ser considerado, bem como a noção de oposição. Afirmamos isso com base no trecho do *Mémoire* acima citado e também com base no fato de, no Curso de Linguística Geral, ser afirmado que:

o que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido modificação (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 139).

Uma vez que não é especificado a que se refere o termo “modificação” no trecho acima, uma das formas de se compreendê-lo consiste em considerá-lo como relacionado à posição dos elementos. Desse modo, ao se modificar o lugar de um dos elementos do sistema linguístico, pode ocorrer que outro elemento que não foi modificado, sofra, mesmo assim, alterações por consequência da alteração do primeiro. De forma prática, temos que, em uma frase, pode-se modificar o sentido de uma determinada palavra apenas por meio da alteração da posição que outro termo ocupa naquela sentença. Por exemplo, o sentido da palavra “nós”, na frase “Havia só dois nós.”, modifica-se, se passarmos a palavra “dois” para sua direita: “Havia só nós dois.”. O termo “nós”, que antes adquiria a acepção de “junções”, “ligas”, “conexões”, sendo, portanto, um substantivo, passa a ser o pronome pessoal do caso reto na primeira pessoal do plural.

De forma semelhante, o aspecto relacional dos elementos das línguas não só se mostra presente nessa concepção de sistema utilizada por Saussure no *Mémoire*, como também consiste em um aspecto que faz com que o trabalho do linguista tenha um caráter vanguardista, quando comparado ao trabalho dos outros estudiosos da época. Isso porque a dificuldade de se estabelecerem as vogais estudadas positivamente fez com que Saussure “definisse certas vogais primitivas unicamente por suas relações com as outras”⁵¹ (BUYSSSENS, 1961, p. 20, tradução nossa). E é exatamente essa especificidade da metodologia utilizada por Saussure para delimitar as vogais do sistema primitivo das línguas indo-europeias que fez com que ele refutasse e colocasse em xeque os sistemas de vogais propostos por seus contemporâneos e antecessores.

Tal refutação é apresentada explicitamente no *Mémoire*:

Em geral, não nos é colocada nenhuma tarefa relativa ao *e* europeu, o fato de sua aparição concordante nas diferentes línguas é reconhecido por aqueles que apoiam os sistemas. Devemos, contudo, nos ocupar do *e*, uma vez que desejamos **colocá-lo em relação** com o *a*, e combater os argumentos que

⁵¹ « définissait certaines voyelles primitives uniquement par leurs rapports avec d’autres voyelles ».

tendem a estabelecer que, em uma época qualquer, o *e* e o *a* (A) eram apenas um (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 63, grifo nosso, tradução nossa).⁵²

Ora, se as vogais não possibilitavam uma definição positiva de si mesmas – mesmo sendo considerada sua substância fônica –, podendo ser estabelecidas apenas por meio do aspecto relacional, é possível afirmar, então, que a noção de sistema presente no *Mémoire* envolvia não só a noção de relação, mas também uma negatividade relativa dos termos analisados. Falamos em negatividade relativa, pois a substância fônica era considerada, mesmo que minimamente, nas análises comparativas das vogais – tendo em vista que o fato de ela ser uma sonante líquida ou nasal consistia em um fator que interferiria na distinção das vogais de uma determinada língua.

Então, por mais que fosse possível delimitar a identidade de cada *a* que compunha as famílias de línguas indo-europeias por meio da relação posicional e da oposição – o que evidencia um caráter negativo dos termos – essas vogais possuíam, de antemão, características essenciais. Tendo isso em vista, é importante ressaltar a seguinte afirmação de Buyssens:

É aqui que apontamos a inovação genial de Saussure: ele define uma vogal pelas relações que servirão para estabelecer sua identidade; leva pouco em conta sua substância fônica. Há, então, uma filiação direta entre a concepção de vogais que se encontra no *Mémoire* e as declarações mais célebres do curso (BUYSENS, 1961, p. 20, tradução nossa).⁵³

Apesar dessa semelhança entre as concepções de sistema expostas no *Mémoire* e no CLG, é importante ressaltar que elas não se confundem. No *Mémoire*, por se tratar da análise de vogais da família de línguas indo-europeias em busca de um sistema que indique quais são os diferentes *a* que compunham essas línguas, a significação das sílabas e das palavras é levada em consideração. Ou seja, o processo de evolução das línguas ocasiona processos que agem na modificação dos signos da língua, levando a um deslocamento da relação entre seus elementos componentes. No caso do processo etimológico da palavra francesa “*noyer*” (“afogar”), de acordo com o que é exposto no CLG, houve, de fato, mudanças na imagem acústica e no conceito: “[...] o latim *necare*, “matar”, deu em francês *noyer*, “afogar”. Tanto a imagem acústica como o conceito mudaram” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 89). Embora a análise realizada no *Mémoire* não se pautasse na concepção de signo que é exposta no CLG, é possível

⁵² « En général nous ne sommes posé aucune tâche relativement à l'*e* européen, le fait de son apparition concordante dans les différentes langues étant reconnu par les partisans de tous les systèmes. Nous devons cependant nous occuper de l'*e* pour autant qu'on veut le mettre en rapport avec l'*a* et combattre les arguments qui tendraient à établir qu'à une époque quelconque l'*e* et l'*a* (A) ne faisaient qu'un ».

⁵³ « C'est ici que nous touchons du doigt l'innovation géniale de Saussure : il définit une voyelle par les rapports qui ont servi à établir son identité ; il ne tient guère compte de sa substance phonique.

notarmos que a mutabilidade do signo pode afetar tanto o elemento mais material (que, no *Mémoire*, é o fonema), como também o mais conceitual (que, no *Mémoire*, é a significação).

Assim, na análise comparatista, vemos que não há como identificar e delimitar as vogais que compunham um sistema primitivo se não se considerar a significação das palavras analisadas, uma vez que somente por meio dos fonemas, em conjunto com a significação, pode-se alcançar o lugar desses elementos nos estados de línguas precedentes. Tanto que, no *Mémoire*, Saussure sempre se vale de exemplos de palavras das línguas analisadas – ou seja, de elementos positivos – para comprovar sua proposta de sistema vocálico:

No sistema do Amelungo, o *o* greco-italico e o *a* greco-italico (nosso *A*) remontam a uma mesma vogal primordial; todos os dois são a gradação do *e*. Se é constatado que nas línguas arianas a vogal que corresponde ao *a* greco-italico **em sílaba aberta** é um *ā* longo, assim como para o *o*, essa opinião encontra um ponto de apoio suficientemente sólido. De fato, o número de exemplos que se prestam a este evento é extremamente baixo. [...] Se se pesquisa, ao contrário, os casos possíveis de um *ā* ariano correspondente, em sílaba aberta, a um *a* (*A*) greco-italico, encontrar-se-á um exemplo de fato suficientemente importante: sânscrito *āgas*, próximo do grego *ǃros*, mas que deve ser separado de *ǃros*, *ǃrios* etc. (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 110, grifo do autor, tradução nossa).⁵⁴

A partir do que é exposto nesse trecho, observamos que, nas análises comparativas, as hipóteses sobre as vogais podem ser comprovadas pelo número de ocorrência dos fonemas **nas palavras**. Fora delas, era possível dizer pouca coisa a respeito das vogais estudadas. Tendo isso em vista, vemos que tanto a substância fônica como a significação consistiam em fatores que interferiam no estabelecimento de um sistema de vogais. Mesmo o sistema proposto por Saussure se pautava, ainda que minimamente, na consideração desses fatores.

De acordo com Buyssens,

a palavra sistema é utilizada para descrever as relações entre fonemas; trata-se somente de graus de apofonia, ou seja, de alternâncias fônicas em uma mesma sílaba radical ou de sufixo, e corresponde, no caso dos verbos, às alternâncias regulares no plano da significação. Não há, ainda, a concepção de um sistema de relações fônicas sem vínculo com a significação; mas um grande passo à frente foi feito (BUYSENS, 1961, p. 18, tradução nossa).⁵⁵

⁵⁴ « Dans le système d'Amelung, l'*o* gréco-italique et l'*a* gréco-italique (notre *A*) remontent à une même voyelle primordiale ; tous deux sont la gradation de l'*e*. S'il était constaté que dans les langues ariennes la voyelle qui correspond à l'*a* gréco-italique **en syllabe ouverte** est un *a* long, comme pour *o*, cette opinion aurait trouvé un point d'appui assez solide. A la vérité, le nombre des exemples qui se prêtent à cette épreuve est extraordinairement faible. [...] Si l'on recherche au contraire les cas possibles d'un *ā* arien correspondant, en syllabe ouvert, à un *a* (*A*) gréco-italique, on en trouvera un exemple en effet assez importante : skr. *āgas*, en regard du gr. *ǃros* qu'on s'accorde à séparer de *ǃros*, *ǃrios* etc ».

⁵⁵ « [...] le mot système est utilisé pour décrire des relations entre phonèmes ; seulement il s'agit des degrés d'apophonie, c'est-à-dire d'alternances phoniques dans une même syllabe radicale ou suffixale, et correspondant, dans les cas des verbes, à des alternances régulières sur le plan de la signification. Nous ne sommes pas encore à

Tal como havíamos ressaltado, nota-se que a noção de sistema utilizada por Saussure em seus estudos expostos no *Mémoire* pautava-se, segundo Buyssens (1961), no funcionamento das alternâncias fônicas das vogais das línguas indo-europeias, evidenciadas pelas análises efetuadas pelo linguista. Assim, “por meio das variações históricas, ele encontra o sistema primitivo”⁵⁶ (BUYSENS, 1961, p. 20, tradução nossa). Nesse sistema, contudo, as alternâncias dos sons eram consideradas de forma vinculada às suas significações, vínculo este que, mais tarde, no conteúdo exposto durante os cursos de Linguística Geral ministrados pelo linguista, seria analisado sob uma nova ótica⁵⁷.

Desse modo, notamos que Saussure não se restringiu à metodologia comparatista habitual de análise das línguas, por mais que fizesse parte de uma forte tradição dos estudos comparatistas e desenvolvesse trabalhos que se inserissem nesse campo de estudo. Nesse sentido, consideramos pertinente destacar que a noção de sistema presente no *Mémoire*, um dos seus feitos mais importantes, contribuiu de forma significativa para que Saussure rompesse com esse método de estudo tradicional, uma vez que possibilitou que o linguista observasse que a identidade das vogais das línguas estudadas não era dada de antemão, mas sim conseguida pela relação que estabelecia com as outras vogais.

Portanto, já nessa concepção de sistema voltada para o estudo das vogais de línguas – e não da língua, enquanto objeto da Linguística –, é possível observar alguns dos traços que compõem a concepção de sistema pensada por Saussure para explicar o funcionamento linguístico de forma geral. Como Buyssens (1961, p. 20) mesmo afirma, há, de fato, uma filiação entre a noção de sistema no *Mémoire* e a noção de sistema exposta no Curso de Linguística Geral, cuja publicação póstuma ocorreu apenas em 1916. Assim, ainda que, segundo Silveira (2007, p. 54, grifo da autora), “não seja possível identificar um caminho claro das **leis fonéticas** em direção à **noção de sistema**” no âmbito da Linguística Geral, consideramos válido analisar a trajetória de elaboração da noção saussuriana de sistema nesse ínterim. Por isso, no tópico a seguir buscaremos elencar trechos do conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem”, em que Saussure utiliza ou apresenta caracterizações da noção de sistema em sua teorização sobre Linguística Geral.

la conception d'un système de relations phoniques sans cette attache avec la signification; mais un grand pas en avant a été accompli ».

⁵⁶ « à travers les variations historiques, il retrouve le système primitif ».

⁵⁷ No Curso de Linguística, Geral é possível observar que não é o som em si que estabelece relação com a parte conceitual dos termos linguísticos, mas sim a imagem acústica, ou seja, a impressão psíquica que se tem desses sons. Além disso, nesse momento, Saussure ressalta que a relação de significação, ou seja, o vínculo que une um conceito a uma imagem acústica é arbitrário; todavia, uma vez estabelecido, tal vínculo se torna necessário (cf. SAUSSURE [1916] 2006).

3.3 O sistema e a essência dupla da linguagem

O conjunto de manuscritos intitulado “Da essência dupla da linguagem” começou a ser escrito por Saussure no ano de 1891 (CHIDICHIMO; GAMBARARA, 2008, p. 113). Ele pertence à leva de manuscritos cedidos à Biblioteca de Genebra no ano de 1996 e foi catalogado por R. Engler e codificado sob a sigla AdeS 372⁵⁸. Além disso, esse conjunto de manuscritos é paginado e apresenta uma divisão, feita pelo próprio catalogador, em 29 capítulos, os quais, por sua vez, apresentam subdivisões demarcadas por letras, em ordem alfabética. Tendo isso em vista, em nossa busca pelo modo como a noção de sistema se define nesse documento – que apresenta a teorização de Saussure acerca da Linguística Geral logo após seu retorno a Genebra – seguiremos a paginação sugerida pelo catalogador, bem como as indicações e nomeações dos capítulos e subtítulos atribuídos pelo autor.

Desse modo, ressaltamos que a primeira menção ao termo “sistema” compõe um momento da teorização do conjunto de manuscrito que se encontra na parte intitulada⁵⁹ “Valor e formas”. É, então, pouco surpreendente o fato de que, nesse momento, a noção de sistema esteja diretamente relacionada, em princípio, a duas outras noções do quadro teórico saussuriano: a de valor, enquanto componente do sistema de língua, e a de forma, tendo em vista que a expressão “sistema de língua” é equiparada à expressão “sistema morfológico”, como podemos ver a seguir:

Nunca é demais insistir que os valores dos quais se compõe primordialmente um sistema de língua, (um sistema morfológico), um sistema de sinais não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. ~~Ele consiste em~~ Eles consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações, fundada sobre a diferença geral dos signos + a diferença geral das significações + a atribuição anterior de certas significações a outros signos ou reciprocamente, []

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 3g - 1)

O sistema de língua é composto, então, segundo o que é exposto no manuscrito, por **valores**, os quais não são nem as formas, nem os sentidos, nem os signos e nem as significações, tomados isoladamente. Esses valores que compõem o sistema linguístico são resultantes da

⁵⁸ Consideramos interessante ressaltar o fato, também exposto por Silveira (2011), de que esse mesmo conjunto de manuscritos apresenta uma segunda versão, codificada como AdeS 372bis, que consiste no documento utilizado em nossas análises.

⁵⁹ Título dado pelo próprio catalogador.

relação entre signos e significações⁶⁰ (imagens acústicas e conceitos), relações estas que só se estabelecem por meio das **diferenças** existentes entre as imagens acústicas, somadas às diferenças existentes entre os conceitos, as quais são somadas, por fim, às diferenças entre os signos, enquanto totalidade resultante da relação entre os seus elementos componentes. Ou seja, Saussure parece indicar, desde já, que o sistema da língua é intrinsecamente dependente das noções de diferença, relação e valor, e que os valores que compõem esse sistema podem ser considerados sob três óticas distintas: i) nas relações de diferença entre os significantes (signos); ii) nas relações de diferença entre os significados (sentidos); iii) nas relações de diferença entre as totalidades⁶¹.

Ademais, é importante notar que, para o linguista, o funcionamento dos valores de um sistema de língua não se difere daquele de um sistema morfológico ou de um sistema de sinais, uma vez que essas três expressões são colocadas como análogas no momento apresentado. Assim, se o funcionamento de um sistema de língua se iguala ao funcionamento de um sistema morfológico e a um sistema de sinais, questionamos: poderia a língua ser diretamente equiparada às formas e aos sinais?

Acerca dos últimos, cremos que se trata, na verdade, de uma delimitação terminológica ainda pouco clara, a qual ora designa os elementos da língua como “signos”, ora designa-os como “sinais”. Essa terminologia obscura consiste, assim como as flutuações terminológicas do CLG, em uma marca⁶² da trajetória de elaboração da teorização de Saussure sobre Linguística Geral. Não há, no trecho, nada que indique uma diferença significativa entre os conceitos de signos e sinais, havendo, portanto, a possibilidade de tomá-los como um só conceito, e de aproximá-lo ao conceito de língua. Apesar disso, ainda assim é possível observar que essas marcas indicam o caminho de uma teorização que tem, aos poucos, seus conceitos e seus princípios delimitados, e sua terminologia ajustada.

No que diz respeito às formas, para que a questão seja elucidada, cremos ser importante analisarmos o momento a seguir, do conjunto de manuscritos, em que Saussure visa esclarecer em que consistem as formas na língua:

⁶⁰ Há uma flutuação terminológica concernente aos termos “signo” e “significação”. Os termos não são utilizados do mesmo modo como são apresentados no Curso de Linguística Geral, ou seja, o signo como a totalidade que envolve o significante e o significado e a significação como a relação entre os elementos componentes do signo. Ao longo de todo esse conjunto de manuscritos, é possível notar que os termos “signo” e “significação” são utilizados constantemente para designar os conceitos, respectivamente, de imagem acústica/significante e de conceito/significado.

⁶¹ É importante notar uma semelhança entre essas três óticas e a divisão estabelecida no capítulo “O valor linguístico” do Curso de Linguística Geral, dos modos possíveis de se considerar o valor, a saber: i) o valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual; ii) o valor linguístico considerado em seu aspecto material; iii) o signo considerado em sua totalidade.

⁶² Retomamos, aqui, o trabalho de Silveira 2007.

Não se pode definir o que é uma forma com a ajuda da figura vocal que ela representa, – e tampouco com a ajuda do sentido que ~~ela~~ contém essa figura vocal.

Fica-se obrigado a colocar, como fato primordial, ~~uma~~ o fato GERAL, COMPLEXO e composto de DOIS FATOS NEGATIVOS: da diferença ^{geral} das figuras vocais associada à diferença geral dos sentidos que se pode atribuir a elas.

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 3g - 2)

O método utilizado por Saussure para definir a expressão “forma” é, *a priori*, negativo, isto é, para defini-la, o linguista parte, primeiramente, da explicação do que ela não é. Nesse sentido, no que tange ao sistema linguístico, a forma não consiste nem na figura vocal nem no sentido que se vincula a ela. Mais do que isso, ela se baseia em um fato tachado por Saussure como “primordial”, “geral” e “complexo”, e que é constituído de dois fatores **negativos**: a diferença das figuras vocais e as diferenças dos sentidos. A forma, então, só pode ser delimitada por relações de diferenças, sendo, portanto, uma entidade negativa. Assim, vemos que as noções de negatividade e diferença constituem duas outras noções que podem ser consideradas como componentes do quadro teórico saussuriano, assim como a noção de sistema.

Retornando à questão que efetuamos anteriormente, vemos que as formas talvez não possam ser diretamente comparadas à língua, mas parecem se comportar como os constituintes que a compõem, uma vez que o modo como são estabelecidas equivale ao modo de funcionamento dos valores da língua (que são responsáveis pelo estabelecimento dos signos). Sendo assim, cremos ser importante destacar que, ao que parece, nesse conjunto de manuscritos, a noção de valor impera na constituição dos elementos da língua – denominados por diferentes termos – e, além disso, a noção de sistema se mostra, desde então, como uma grandeza maior, que permite que as relações de valor, diferença e negatividade sejam estabelecidas.

Isso pode ser notado de maneira mais clara no trecho a seguir, em que Saussure apresenta o estudo da língua enquanto sistema como elemento primordial que permite a existência dos componentes da língua:

Todo estudo de uma língua como sistema, [ou seja, de uma morfologia] consiste, como se preferir, no estudo do emprego das formas, ou naquele da representação das ideias. O errado é pensar que há, ^{em alguma} ~~de uma~~ parte, formas, ~~e de outra~~ ^{(que existem por si mesmas} ideias (fora de sue emprego), ~~e de x~~ ^{alguma parte} de outra ideias ^{(que existem por elas mesmas} fora de sua representação)

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 5a - 2)

Saussure afirma que o estudo da língua enquanto sistema nada mais é do que o “estudo do emprego das formas” ou o “estudo da representação das ideias”. Nesse sentido, é possível perceber que, fora desse sistema, não há formas ou ideias que existam por si mesmas, fato que

nos leva a crer que o sistema, em conjunto com suas noções expostas anteriormente (de relação, valor, diferença e negatividade), consiste em condição *sine qua non* para que haja, na língua, ideias e formas.

No entanto, como podemos observar, Saussure afirma que as formas estabelecem uma relação de representação das ideias no interior do sistema linguístico. Assim, tendo em vista que os princípios que regem o funcionamento do sistema linguístico, pelo que foi exposto até agora, são as relações de valor, negatividade e diferença, questionamos: como pode haver uma relação de representação entre os elementos da língua, mesmo que seja uma representação de ideias? Essa questão pode ser mantida também ao se analisar o trecho abaixo, no qual, contraditoriamente, Saussure fala não de representação, mas de uma “combinação” entre formas e sentidos:

Forma implica: DIFERENÇA: PLURALIDADE. (SISTEMA?).
SIMULTANEIDADE. VALOR SIGNIFICATIVO.

Em resumo:

FORMA = Não uma certa entidade positiva de uma ordem qualquer, ~~mas~~ e de uma ~~A-entidade~~ ordem simples, mas a entidade ^{ao mesmo tempo} negativa ~~x-estando~~ ~~da-diferença~~ e complexa: Resultante ~~da-diferença~~ ~~com~~ (sem nenhuma espécie de base material) da diferença com outras formas COMBINADA à diferença de significação de outras formas.

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 5a - 2)

Em princípio, vemos, novamente, uma preocupação do linguista em definir e caracterizar o conceito de forma no âmbito da língua. Assim, Saussure afirma que ela (a forma) implica as noções de diferença, pluralidade, sistema, simultaneidade e valor significativo. No entanto, é importante notar que o termo "sistema" é apresentado entre parênteses e seguido de um ponto de interrogação, o que indica, muito provavelmente, uma hesitação do linguista em considerar esta noção como implicativa das formas da língua. Levantamos, então, outra questão: qual a razão dessa hesitação perante a relação entre as noções de forma e de sistema, visto que, nos trechos anteriores, o sistema aparece, muito claramente, constituindo as caracterizações de forma e sendo caracterizado por essa noção? Talvez esse questionamento possa ser respondido pelas próprias condições que envolvem o processo de identificação e de catalogação das folhas manuscritas, muito embora este seja um âmbito que não nos cabe tratar nos limites de nosso trabalho.

A respeito do tipo de relação existente entre as formas e os sentidos (ou significação), vemos que Saussure trata, nesse trecho, de uma relação de diferença entre as formas que se **combina** às diferenças entre as significações. A noção de representação de ideias, portanto, não entra em questão, o que, a nosso ver, é bastante plausível, uma vez que as noções implicativas

da forma (diferença, pluralidade, sistema, simultaneidade e valor) permitem mais que tal conceito estabeleça relações de vínculos – ou combinatórias – do que relações de representação. Nesse sentido, cremos que a utilização do termo “representação” para indicar o tipo de relação existente entre forma e sentido na língua, trata-se, na verdade, também de uma proposta terminológica inicial. Isso porque, mesmo nos trechos em que Saussure fala de representação, as noções de sistema, diferença, negatividade e relação mostram-se presentes, como foi possível ver nos trechos anteriores.

A nosso ver, essa possível variação da terminologia se configura, assim como aquela referente aos conceitos de signos e sinais, como uma marca do processo de elaboração das reflexões de Saussure. Essa marca é reincidente em outros documentos que atestam a teorização do linguista, constituindo-se como elemento componente do próprio CLG, tal como vimos no capítulo anterior, no trecho “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 24). Esse nosso ponto de vista a respeito da questão do tipo de relação existente entre os elementos da língua pode ser ainda reforçado pelo seguinte fragmento, em que Saussure parte da sua concepção de sistema de língua pautada em diferenças para negar que o funcionamento da mesma seja fundamentado por relações diretas entre os signos e as coisas.

presença de outros termos. Enfim, não há necessidade de dizer que a ~~coexistência~~^{diferença} dos termos que faz o sistema da língua não corresponde em nada, mesmo na língua + perfeita, ~~a uma relação verdadeira de coisas. O conjunto em~~^{às} relações verdadeiras entre as coisas, ~~e que não há, portanto, nenhum laço~~ e, por consequência, não há nenhuma razão de esperar que os termos se apliquem completamente ^{ou mesmo muito incompletamente} aos objetos-definidos, materiais ou outros.

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 26 - 4)

Assim, vemos que a noção de sistema, em conjunto com as noções a ela relacionadas, permite pensar a língua, dessa vez, de forma não pautada na representação, o que distancia a reflexão saussuriana das concepções de alguns estudiosos que consideravam a língua enquanto nomenclatura⁶³. Ademais, é possível notar que o estudo da língua enquanto sistema, tal como é efetuado por Saussure em sua teorização acerca da Linguística Geral, permite também quebrar com o paradigma histórico de análise das pesquisas em Gramática Comparada, visto que evidenciou, para além de um ponto de vista histórico, que a língua pode ser observada estaticamente, ou seja, independentemente de sua história:

⁶³ Essas concepções serão tratadas de forma mais específica no capítulo seguinte.

~~ponto de vista histórico~~; infeliz=mente, a maneira de formular os fatos ~~em~~
entre cada um desses estados de língua tomados em si mesmos ~~verdade não científica~~ é,
até agora, eminentemente empírica, ou então, o que é muito pior, corrompida
desde o princípio pela interferência ~~não~~ que se diz científica dos resultados da
his=tória em um sistema que funciona repetimos completamente independente
da história.

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 9 - 3)

Segundo Saussure, o sistema da língua funciona de maneira totalmente independente da história, estando, portanto, diretamente vinculado à noção – denominada pelo linguista posteriormente – de sincronia. Então, ao que parece, considerar **unicamente** a história em uma análise de um estado de língua seria corromper⁶⁴ seu modo de funcionamento enquanto sistema. Isso coloca em xeque até mesmo o caráter científico desse tipo de análise – cujo método exclusivamente histórico é identificado nos estudos comparatistas. O que é dito acima consiste, pois, em uma crítica de Saussure a esses estudos das línguas que tinham como propósito exclusivo a comparação histórica. Essa crítica ao método comparatista compõe também o conteúdo do CLG, como podemos ver no fragmento a seguir:

Esse método exclusivamente comparativo acarreta todo um conjunto de conceitos errôneos, que não correspondem a nada na realidade e que são estranhos às verdadeiras condições de toda a linguagem (SAUSSURE, [1916], 2006, p. 10).

Assim, vemos que Saussure criticava o método dos estudos linguísticos de sua época, pois, com ele, não se podiam alcançar as “verdadeiras condições de toda a linguagem”. A partir disso, é possível observar que há um interesse do linguista pela busca de um modo de funcionamento inerente ao objeto de estudo da Linguística. Ao que parece, este interesse surge da refutação dos resultados obtidos pelos estudos da linguagem realizados por seus contemporâneos. Essa refutação é indicada no *Mémoire*, com o método relacional, posicional e opositivo de se estabelecer o sistema primitivo de vogais das línguas indo-europeias, e também no CLG, em que a noção de sistema tem sua importância ressaltada por ser imprescindível tanto para o funcionamento da língua, quanto para a ótica sincrônica do objeto.

Com isso, retornando ao último trecho mencionado do manuscrito “Da essência dupla da linguagem”, podemos perceber que a noção de sistema se vincula a mais uma noção do quadro teórico saussuriano: a de **estado de língua**: “a maneira de formular os fatos ~~em~~^{entre} cada um desses estados de língua tomados em si mesmos” (SAUSSURE, 1891, *De la essence double du*

⁶⁴ Consideramos importante ressaltar que, apesar de haver a independência do sistema linguístico em relação à história, ela não consiste em uma negação ou um abandono da diacronia, fato que será melhor evidenciado no tópico a seguir.

langage, f. 9 - 3). O modo de funcionamento da língua enquanto sistema só pode ser notado quando se consideram os fatos linguísticos a partir de um ponto de vista sincrônico. Assim, podem ser percebidas as relações de diferença, de valor e o caráter negativo dos elementos da língua, funcionando, ao mesmo tempo, de modo a formar o sistema linguístico e também em decorrência dele.

Nessa mesma linha de raciocínio, Saussure, visando explicar o funcionamento⁶⁵ do sistema da língua, vale-se de uma metáfora pautada no funcionamento do sistema de sinais marítimos, explicando como seus elementos componentes adquirem valor por meio de sua oposição com os elementos que o circundam:

O sistema da língua pode ser comparado, com proveito ^{e em todos os sentidos}, embora a comparação seja das mais grosseiras, a um sistema de sinais marítimos obtidos por meio de bandeiras de diversas cores. ~~Desde que a bandeira não seja içada, e que ela descanse, não há razão de existência, a não ser aquela de uma peça de tecido e é falso supor que essa existência seja nula~~ quando uma bandeira balança no meio de várias outras do mastro de [] há duas existências: a primeira é ser uma peça de tecido vermelha ou azul, a segunda é ~~concorrer por sua diferença com~~ ser um signo ^{ou um objeto} ~~percebido por~~ ^{entendido} como ^{dotado de um sentido} implicativo, pelo \times qual ele é per--cebido. Notamos ~~imediatamente~~ que sem essa da segundo existência tem um triplo os 3 caracteres eminentes dessa segunda existência.

1º Ela existe ~~apenas~~ ^{apenas em virtude} do pensamento que se liga a ela ~~fora do que é suficiente também para que ela seja, ao mesmo título que enquanto que~~ ele é exatamente o mesmo de uma palavra, cuja pri==meira existência é ser uma “peça de tecido” \times uma figura vocal; 2º e a segunda 2º ~~O sinal marítimo não existe pelo pensamento~~ tudo o que representa para o espírito o sinal marítimo [de uma bandeira vermelha ou azul] ~~vem~~ ^{procede}, não do que ele é, não do que se dispõe a associar a ele, mas exclusivamente do pensamento simultâneo ^{dessas} 2 coisas: 1º da diferença com os outros signos içados que figuram em um mesmo momento 2º de ^{sua} diferença ~~de um outro com com os que é aquela na~~ ^{com outros} ^{com os} signos que poderiam ser içados em seu lugar, e no lugar dos signos ~~com~~ \times ~~tantos~~ que o acompanham. Fora dessas duas diferenças ^{elementos negativos} se se pergunta onde ~~está~~ ^{reside} a existência positiva do signo, vê-se imediatamente que não há ~~nele~~ nenhum ponto possível e é em []

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 12 – 4/12 - 5)

Saussure parece enxergar os limites dessa comparação entre o sistema linguístico e o sistema de sinais marítimos, uma vez que a qualifica como “grosseira”, embora não deixe de notar que ela consiste em uma metáfora proveitosa. Assim, ele mostra que os elementos que compõem o sistema de sinais marítimos são as bandeiras de diferentes cores, as quais, segundo o que foi escrito e em seguida rasurado pelo linguista, existem enquanto sinais somente quando

⁶⁵ No trecho referido, vemos que, assim como no CLG, a noção de sistema parece estar vinculada tanto à noção de estado de língua, como ao funcionamento do objeto de estudo da Linguística.

içadas. No entanto, ainda de acordo com esse trecho rasurado, embora a razão de ser desses sinais, ao que parece, só exista pela sua função no sistema, supor que essa existência seja nula em um momento em que a bandeira não esteja içada consiste em uma ideia falsa. Apesar de parecer que esse raciocínio tenha sido, de certa forma, abandonado por Saussure, visto que se trata de um trecho todo rasurado da citação acima, o trecho seguinte o retoma, indicando uma reformulação do que havia sido exposto.

O linguista inicia esse novo trecho considerando não a existência da bandeira em si, enquanto um sinal isolado, mas o seu valor perante as outras bandeiras que também compõem o sistema de sinais marítimos. Essa relação opositiva engendra a existência da bandeira sob dois pontos de vista: enquanto o objeto feito de tecido, e enquanto sinal componente do sistema marítimo, o que significa considerá-la ainda enquanto objeto, mas dotado de um sentido específico. Esse segundo ponto de vista, por sua vez, possui, segundo Saussure, três características intrínsecas, das quais apenas duas são expostas: i) a bandeira, enquanto sinal, existe apenas “em virtude do pensamento que se liga a ela” e, além disso, ii) esse sinal só pode ser delimitado por aquilo que ele não é, ou seja, pela relação de diferença que uma bandeira específica estabelece tanto com as outras bandeiras que são içadas ao mesmo tempo que ela, como com aquelas que poderiam ter sido içadas em seu lugar, mas não o foram.

Logo, torna-se claro que o signo, seja ele pertencente ao sistema marítimo ou ao sistema linguístico, não possui uma existência positiva, mas sim negativa, opositiva e diferencial. Essas características que, nesse trecho, foram atribuídas ao sistema linguístico de maneira tangencial, por meio da metáfora explicitada, apresentam-se relacionadas à língua de maneira mais precisa na proposição colocada por Saussure no fragmento a seguir:

Proposição (x). – Considerada de qualquer ponto de vista que queira levar em conta sua essência, a língua consiste, não em um sistema de valores absolutos ~~×~~ ou positivos, mas em um sistema de valores relativos e negativos, não tendo existência, a não ser pelo ~~efeito~~ efeito de sua oposição.

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 26 - 4)

Nessa proposição, Saussure nega que a essência da língua seja pautada em um sistema de valores **absolutos** ou **positivos**, afirmando, em contrapartida, que o sistema que compõe sua essência é fundamentado por valores **relativos** e **negativos**, cuja existência depende de seu caráter **opositivo**. Nesse fragmento, então, o linguista apenas afirma, de forma mais clara e direta, o que afirmara ao longo da maioria dos trechos analisados anteriormente, por meio da inter-relação existente entre a noção de sistema e as noções de valor, oposição, diferença,

relatividade e negatividade. Ao que parece, então, nesse fragmento, a noção de sistema é apresentada de maneira mais explícita e, por consequência, mais consistente, visto que, além de negar as características que não a compõem, Saussure também apresenta de forma clara as noções que a constituem.

A nosso ver, essa consistência, paradoxalmente em conjunto com as flutuações terminológicas, rasuras, brancos e oscilações conceituais encontradas em grande parte do conjunto de manuscritos, possibilitou que o linguista enxergasse uma concepção de sistema pautada no funcionamento da língua e intimamente relacionada à noção de estado de língua. Em contrapartida, essa concepção de sistema talvez não tivesse vindo à tona se o linguista não se valesse, ao mesmo tempo, de algumas concepções de sistema já antes utilizadas nos estudos da linguagem, estabelecendo, assim, uma relação de ruptura e continuidade. Isso pode ser observado nos dois trechos seguintes, que finalizam este tópico de nosso capítulo:

fato secundário. O fato primário e fundamental, é que não importa qual seja o sistema de signos que se coloque em circulação, se estabelecerá ~~quase~~ instantaneamente uma sinonímia, já ~~que~~ o contrário seria impossível e equivaleria a dizer que se atribuem valores ~~à opo~~-opostos a signos opostos. No momento em que lhe é atribuído um, é inevitável que uma oposição de ideias quaisquer ^{vinda de surpresa}, se acomode ~~em~~ seja em 1 signo ^{existente} por oposição a 1 ~~ou 2 outros~~ ^{outro}, seja em 2 ou 3 signos por oposição a 2 ou 3 outros etc.

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 26 - 4)

No trecho acima, vemos claramente um vínculo entre a noção de sistema e as relações de sinonímia, as quais já eram evidenciadas nos trabalhos dos estudiosos da linguagem do século XVIII, tal como será mostrado no capítulo seguinte. No entanto, Saussure não se limita a afirmar que essa relação de sinonímia seja estabelecida apenas entre as palavras sinônimas de uma determinada língua. Para ele, essa relação ocorre em qualquer sistema de signos, uma vez que os elementos componentes desses sistemas são dependentes da relação opositiva que deve ser instituída entre eles para que possam se constituir, e para que permitam o funcionamento adequado do sistema que compõem.

Ao expandir as relações de oposição para todos os elementos componentes não só do sistema linguístico, mas dos sistemas de signos em geral, Saussure se prontifica a estabelecer uma relação de continuidade teórica, ao mesmo tempo em que dá um passo à frente de seus antecessores que se dedicavam ao estudo da língua enquanto sistema⁶⁶, a fim de evidenciar, sobretudo, as relações de sinonímia. A respeito da questão que tange à relação de prosseguimento e ruptura entre a teorização saussuriana e a de seus antecessores, consideramos

⁶⁶ A concepção de sistema de língua tomada pelos estudiosos da sinonímia será tratada no próximo capítulo.

importante destacar também um último trecho, em que o linguista visa definir, primeiro de forma negativa, e depois positivamente, o que é o “sistema de uma língua”:

O sistema de uma língua não consiste, portanto:
 Nem na coexistência de certas formas A, B, C, D,..., como o supõem inúmeras obras de linguística. Nem na coexistência de certas ideias
 Como a b c d, no que ^{desde o primeiro momento} se é tentado a acreditar.
 Nem na coexistência de ^{relações entre a forma e a ideia}, tais que a/A, b/B, c/C; o que indica, contudo, um certo progresso sobre o ponto de vista precedente: ao estabelecer a dualidade de cada termo.
~~Nem mesmo na união de certas ideias~~ ^{resultantes} ~~sobre a forma abc/A, E de certas formas~~ ^{simultaneamente} ~~sobre uma ideia como a/HHZ.~~
~~Mas esse sistema consiste em uma completa confusão de formas: no lugar~~
~~x Escolhidos certa diferença de formas.~~
 Mas esse sistema consiste em uma diferença ^{confusa} de ideias correntes sobre a superfície de uma diferença x de formas, sem que jamais, ~~talvez, tal dizer,~~ ~~portanto, tem~~ talvez 1 ~~certa ideia~~ diferença de 1ª ordem corres=
 ponda exatamente a uma diferença da 2ª nem que uma diferença da 2ª corresponda uma []

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 26 - 4)

Se analisarmos com atenção, podemos observar que as negações apresentadas por Saussure nesse trecho correspondem a uma das concepções de sistema já mostradas, no tópico destinado à relação entre o *Mémoire* e a noção de sistema. Quando o linguista afirma, no trecho do conjunto de manuscritos, que essa noção não consiste na “coexistência de formas”, é notável, mesmo de forma indireta, uma crítica à concepção de sistema adotada pelos estudiosos da Gramática Comparada. Isso porque, como mostramos no tópico anterior, Saussure foi pioneiro em estabelecer um sistema vocálico de forma negativa e relacional, uma vez que, ao que parece, os outros autores dos estudos comparatistas estabeleciam seus sistemas por meio da suposta identidade apriorística das vogais analisadas.

Além disso, vemos que Saussure nega também que o sistema da língua seja pautado na “coexistência de relações entre forma e ideia”. Tendo isso em vista, se considerarmos que, segundo Buyssens (1961, p. 20), a noção de sistema no *Mémoire* era pautada na reflexão de que “as alternâncias fônicas em uma mesma sílaba radical ou de sufixo” – ou formas – correspondiam às “alternâncias regulares no plano da significação” – ou ideias –, podemos notar que há uma semelhança entre esse tipo de sistema negado por Saussure e a concepção de sistema adotada em seu trabalho sobre as vogais das línguas indo-europeias. Assim, com essa negação, o linguista parece refutar também a própria concepção de sistema que fundamenta seu *Mémoire*. Apesar disso, ele mesmo admite que essa forma de considerar o sistema, quando comparada às formas anteriores, se trata, de certo modo, de um progresso.

Por fim, vemos que Saussure define o sistema de língua como as diferenças “confusas” de ideias sobre as diferenças de formas, sem que haja, necessariamente, correspondência exata entre essas ordens de diferenças. Com isso, é novamente possível identificar que a noção de representação das ideias pelas formas não se sustenta, configurando-se como uma marca da trajetória de elaboração da teorização de Saussure. A ideia que predomina, para além da terminologia, é a da existência de uma relação de combinação entre as diferenças dessas duas ordens de elementos. Além disso, o modo como Saussure apresenta a disposição desses elementos em relação – indicada pelo uso da palavra “sobre” – evidencia, desde já, a representação do signo linguístico conhecida no Curso de Linguística Geral (significado/significante), mesmo que a terminologia utilizada seja distinta.

Dessa forma, considerando a análise dos momentos do conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem” em que a noção de sistema é tratada, é possível perceber que, assim como no *Mémoire*, essa noção mostra-se vinculada às noções de relação, negatividade e oposição. Todavia, mais do que isso, o sistema vincula-se também a outras noções saussurianas, tais como a de valor, diferença e estado de língua, bem como permite que seus elementos componentes – aqui, denominados de “formas” e “ideias” – existam no âmbito da língua, quando relacionados entre si – assim como ocorre no CLG. Ademais, diferentemente do *Mémoire*, no conjunto de manuscritos, o sistema é considerado não em uma abordagem específica das vogais de determinadas línguas, mas em um enfoque que considera o funcionamento geral e próprio do objeto “língua”.

Esse enfoque é reincidente nas elaborações saussurianas acerca da Linguística Geral, sendo também notado em outros documentos que atestam a teorização de Saussure. Por isso, consideramos pertinente buscar de que modo a noção de sistema é estabelecida no conjunto de manuscritos preparatórios para o terceiro curso ministrado pelo linguista na Universidade de Genebra, intitulado “Notas para o curso III”. Essa busca nos auxiliará a vislumbrar o movimento⁶⁷ de Saussure na constituição de sua noção de sistema, bem como evidenciará algumas das marcas que compõem o processo de elaboração das reflexões saussurianas.

3.4 O sistema e o Terceiro Curso de Linguística Geral

⁶⁷ Com este termo (“movimento”), remontamos ao trabalho de Silveira (2007).

O conjunto de manuscritos “Notas para o curso III” não é datado, mas, de acordo com Gambarara (2005, p. 31), pode-se considerar que essas notas foram escritas antes de cada aula ministrada por Saussure, ou seja, durante os anos de 1910 e 1911. No total, o conjunto é composto por 56 folhas manuscritas, as quais podem ser divididas em duas grandes partes: a primeira, composta pelas primeiras 31 folhas, é destinada a tratar da diversidade de línguas e da linguística geográfica; a segunda, composta pelas 25 folhas restantes, trata da dualidade da linguística e dos aspectos concernentes à língua. Nota-se que há mais folhas referentes ao conteúdo obrigatório do curso, isto é, ao conteúdo exposto na primeira parte, do que à contribuição original de Saussure. No entanto, é nesta parte que encontramos o tratamento dado por Saussure à noção de sistema.

Desse modo, iniciaremos nossa busca pelo modo como o sistema é tratado nesse conjunto de manuscritos, destacando dois trechos componentes dessa segunda parte, nos quais a noção de sistema parece se relacionar às mudanças da língua:

[Tomando a língua] Não há nada à 1ª vista que impeça de conceber a língua como ~~1 sistema puramente~~ lógico, porque o signo é arbitrário, e à disposição [].

O fato da massa falante não muda por si só as coisas a não ser no sentido psicológico-lógico, mas não mostra imediatamente [].

Mas quando intervém o ~~Duração~~ Tempo combinado com o fato da psicologia social é então que nós sentimos que **a língua não é livre**, a massa falante X Tempo

(SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 37)⁶⁸

Como o signo ling. é de natureza arbitrária parece que ~~a língua~~ nada impede de [] à 1ª vista

Um sistema livre depende apenas de princípios lógicos, e como uma ciência pura as relações abstratas [] O fato da massa falante o impede?

Não precisamente, tanto que ele é tomado somente por psicológico-lógico

(SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 38, grifos nossos)

Nota-se que a hesitação de Saussure em utilizar o termo “sistema” no primeiro trecho, indicada pela rasura, não evita que ele conceba a língua como lógica, nem que estabeleça uma relação entre esse seu caráter lógico e o fato de o signo linguístico ser arbitrário. Nesse sentido, o linguista parte desses dois aspectos característicos do objeto da Linguística para mostrar que, embora a língua seja lógica, o signo linguístico seja arbitrário e, por conseguinte, o falante

⁶⁸ « [Prenant la langue] Il n’y a rien à 1^e vue que empêche de concevoir la langue comme 1 système purement logique, car le signe est arbitraire et à disposition []. Le fait de la masse parlant ne change lui-même les choses qu’en ce sens que psychologique-logique, mais ne montre pas immédiatement []. Mais quand intervient le Durée Temps combiné avec le fait de la psychologie sociale c’est alors qui nous sentons que la langue n’est pas libre ; la masse parlant X Temps »

tenha, de modo restrito, uma autonomia sobre ela, a massa falante, por si só, não pode mudar os fatos linguísticos. Eles só se modificam quando o tempo soma-se à ação da massa falante.

Tendo isso em vista, é perceptível que Saussure, embora considere a língua como um sistema e também a classifique dentre os fatos sociais – uma vez que considera a massa falante em suas reflexões – não a reduz a uma instituição social comum, visto que leva em conta, ainda, a ordem própria desse objeto⁶⁹. Essa ordem própria, a nosso ver, ancora-se no fato de que a língua é uma instituição que, ao contrário de outras convenções sociais, não pode ser modificada unicamente por meio de, por exemplo, um decreto, ou de uma lei aprovada por instituições oficiais. Dito de outro modo, a língua não pode se modificar exclusivamente pela vontade de seus falantes, mesmo que a massa falante consista em uma condição imprescindível para que as modificações linguísticas ocorram.

Outro fator que consideramos válido ressaltar, tendo em vista os fragmentos apresentados, é o fato de que a noção de sistema mostra-se importante no âmbito da língua por se vincular de forma intrínseca à noção de valor. Pelo que se pode notar, embora o termo “valor” não seja diretamente mencionado, parece ser ele que, em conjunto com o caráter arbitrário do signo, constituiu o aspecto que permite o estabelecimento dos princípios lógicos da língua. Isso faz com que ela possa ser considerada, segundo o que é afirmado por Saussure no último fragmento apresentado acima, como um sistema, apesar de negar que tal sistema seja livre, ou seja, puramente lógico – fato que também contribui para outorgar a ela uma ordem própria. Essa relação entre as noções de sistema e de valor pode ser evidenciada mais claramente no seguinte trecho:

[eu me corrijo] que já com a Economia política embora em um menor grau do que com a Linguística, se está diante do Valor (ipso facto: sistema de valores, pois todo valor implica um sistema de valores). Ora é uma coisa muito notável que se tenha sido levado praticamente a ~~ver~~ experimentar mesmo sem querer, já em uma 1ª ciência de valores, a impossibilidade ~~ao menos prática~~ de confrontar esses dois objetos: o sistema de valores tomado em si (ou em 1 momento), e o sistema de valores segundo o tempo.

(SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 35)

Como é possível notar, Saussure percebe que há uma relação entre o modo de se considerar os objetos de estudo da Linguística e da Economia, uma vez que em ambas as ciências se é compelido a lidar com um **sistema de valores**. Nesse sentido, é conveniente ressaltar a observação do linguista de que “todo valor implica um sistema de valores”, ou seja,

⁶⁹ No capítulo seguinte, será possível notar que pensar a ordem própria da língua foi um dos principais fatores para que a noção saussuriana de sistema rompesse com as concepções de sistema pensadas por outros estudiosos da linguagem.

não há possibilidade de haver nenhum tipo de valor a não ser que este seja considerado sob a ótica de um sistema. Além disso, Saussure destaca que as ciências cujos objetos vinculam-se diretamente à noção de valor e, portanto, à de sistema, enfrentam a impossibilidade de considerá-los a partir de um único ponto de vista.

Logo, seus objetos parecem estar fadados, pelo fato de se relacionarem a um sistema de valores, a serem analisados sob dois pontos de vista distintos: i) o que é pautado em um momento dado; ii) e o que é concebido ao longo do tempo ou historicamente. Nota-se, assim, que há uma divisão, não só da Linguística, mas de todas as ciências que trabalham com valores, entre o que é denominado, no Curso de Linguística Geral, como visão sincrônica e diacrônica do objeto de estudo. A ideia de sincronia, que se mostra também presente como possibilidade de abordagem científica no conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem”, aparece nas “Notas para o curso III”, ao lado da noção de diacronia, no entanto, sem que se questione sua cientificidade.

Com isso, vemos que, no conjunto de manuscritos “Notas para o curso III”, a noção de sistema é parte constituinte, principalmente, do processo de elaboração do princípio do valor linguístico e das noções a ele relacionadas. Esse processo de elaboração está registrado, sobretudo, nas duas folhas que compõem o capítulo⁷⁰ intitulado “O valor linguístico”, do conjunto de manuscritos. Saussure inicia a abordagem específica desse princípio afirmando que há uma condição inseparável de todo valor. Entretanto, essa condição é apresentada, rasurada e retomada, como podemos ver no fragmento a seguir:

O que é inseparável de todo valor, ~~é fazer parte de uma sistema série juxtaposta de grandezas que formam um sistema.~~
 Ou o que faz o valor,
 Não é ^{nem}: a) ser inseparável de uma série de grandezas oponíveis que formam um sistema
^{nem} ~~em~~ b) ter []
 Mas as duas coisas ao mesmo tempo e inseparavelmente ~~por sua vez~~ ligadas entre elas.
~~Mas encontrar composta sua determinação AO MESMO TEMPO não em um sistema em um sistema = série comparável de grandezas de mesma ordem e não em em um []~~

(SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 27)

A quantidade de rasuras, brancos e retomadas presentes no trecho acima evidencia, tal como aponta Silveira (2007), a tensão que permeia esse momento da elaboração saussuriana. Mesmo assim, em meio a esses aspectos formais que constituem o trecho mencionado, é notável

⁷⁰ Há, nesse conjunto de manuscritos, um capítulo, cujo título “O valor linguístico” é indicado pelo próprio Saussure, destinado a tratar exclusivamente do princípio do valor na língua.

que a noção de sistema constitui a condição proposta de ser inseparável do valor, uma vez que Saussure afirma que esse princípio deve fazer parte de uma “série justaposta de grandezas que formam um **sistema**”. Contudo, como podemos observar no fragmento, ao que parece, Saussure considerou primeiramente afirmar que tal condição fosse que o valor fizesse parte simplesmente de um sistema. No entanto, a palavra em questão foi veementemente rasurada e substituída pela expressão que a segue – “série justaposta de grandezas que formam um sistema” –, a qual também foi rasurada pelo linguista.

No parágrafo seguinte a esse fragmento, Saussure retoma a primeira frase da folha e a continua, desconsiderando, a priori, as partes abandonadas. Assim, na frase posterior ao primeiro trecho rasurado, Saussure adiciona que não se refere apenas às condições inseparáveis do valor, mas também aos aspectos que o constituem, isto é, que o fazem. Logo, para expor o primeiro aspecto, o linguista retoma a ideia central da condição apresentada como inseparável do valor no primeiro parágrafo (indicada em a)), ou seja, “ser inseparável de uma série de grandezas oponíveis que formam um sistema” e, em seguida, indica a existência de um segundo aspecto, que não chega a ser explicitado (indicado em b)):

Ou o que faz o valor,
 Não é ^{nem}: a) ser inseparável de uma série de grandezas oponíveis que formam
 um sistema
^{nem} ~~em~~ b) ter []
 Mas as duas coisas ao mesmo tempo e inseparavelmente ~~por sua vez~~ ligadas entre
 elas.

(SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 27).

Contudo, é importante ressaltar que a simples existência desses dois aspectos não é suficiente para que o valor exista. Para tal, é necessário que eles ocorram concomitantemente e que sejam “inseparavelmente ligados entre si”. Além disso, no último trecho do fragmento, observamos que Saussure apresenta outra definição das condições necessárias para o valor, a qual, por ser iniciada com a conjunção “mas”, assemelha-se à anterior. No entanto, essa nova proposta de definição é visivelmente abandonada, devido à existência de rasuras. Trata-se da seguinte sentença:

~~Mas encontrar composta sua determinação AO MESMO TEMPO não em um~~
~~sistema em um sistema = série comparável de grandezas de mesma ordem e~~
~~não em em um~~ []

(SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 27)

Nessa delimitação, assim como na primeira rasura do fragmento apresentado, o linguista parece hesitar em afirmar que o valor encontra sua determinação em um sistema, hesitação esta

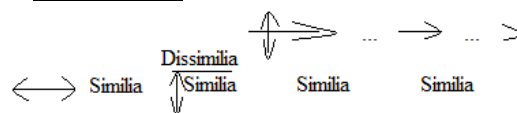
que é indicada pela rasura. Isso pode ser notado pelo fato de que primeiramente é afirmado que a determinação do valor é encontrada “não em um sistema”, o que é rasurado e substituído por um inciso que apresenta justamente a ideia contrária: “em um sistema = série comparável de grandezas de uma mesma ordem”. No entanto, vemos que, embora a ideia apresentada no inciso seja contrária à ideia primeiramente apresentada e rasurada, ou seja, apesar de Saussure optar por afirmar que a determinação do valor é encontrada no sistema, o linguista, assim como no primeiro trecho rasurado, iguala sistema a uma série de grandezas. Tendo isso em vista, parece haver uma incerteza no que concerne à utilização do termo em questão, visto que ele aparece constantemente rasurado e há sempre a necessidade de defini-lo.

Ainda, ressaltamos que todas essas tentativas de definições referem-se a apenas um, dos dois aspectos e condições que fazem o valor, visto que a segunda condição, até então, não foi apresentada. Ora, se a existência **simultânea** desses dois aspectos é requisito fundamental para que haja valor, então, para entender o funcionamento desse princípio, torna-se indispensável conhecer ambos os elementos que o constituem. Dessa forma, no parágrafo seguinte, Saussure parece finalmente revelar o segundo aspecto constituinte do valor, como podemos ver no fragmento a seguir:

Valor é, ~~na verdade~~, ^{eminentemente} sinônimo ^{a cada instante} de termo situado em um sistema ^{de termos similares}, do mesmo modo que é, ~~na verdade~~ ^{também na verdade}, ^{eminentemente} sinônimo a cada instante de coisa trocável, [certo um X objeto X é o que faz de tempo X]

~~Não há nele um ponto [] Tomando a coisa trocável de fato X os termos adjacentes ao val~~ de outro os termos co-sistemáticos, que não oferecem nenhum parentesco.

É próprio do valor colocar em relação essas duas coisas. Ele as coloca em relação de uma maneira ^{que é até} ~~tal que se pode desafiar, que se pode dizer~~ ^{desesperadora} ~~perigosa para~~ o espírito pela impossibilidade de investigar se essas duas faces do valor diferem ^{por elas}, visto ^{em que}, a única coisa ^{indiscutível} ~~certa~~ ^{evidente} é que o valor se encontra nesses dois eixos, é determinado segundo esses dois eixos concorrentes:



(SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 27)

Nesse trecho, Saussure apresenta o valor tanto como sinônimo de “termo situado em um sistema de termos similares”, como também de “coisa trocável contra um objeto dissimilar”. Assim, uma vez que a noção de sistema já havia sido apresentada como elemento *sine qua non* para o valor linguístico, fica claro que a segunda condição para a existência desse princípio consiste no fato de que ele pode ser trocado por um objeto dissimilar. Eis, então, que as duas

condições imprescindíveis que fazem o valor são, por fim, apresentadas: o valor deve fazer parte de um sistema – ou de uma série de grandezas que formam um sistema – e seus termos componentes devem apresentar a possibilidade de serem trocados por um elemento similar.

Além disso, percebemos que, nos trechos iniciais, Saussure considera o sistema primeiramente como “série justaposta de grandezas” e como “série de grandezas oponíveis”, sempre hesitando a respeito da utilização do termo “sistema” propriamente dito. No entanto, nesse último trecho, a palavra em questão não aparece rasurada e, ainda, é seguida de um inciso que caracteriza seus componentes como “termos similares”. Desse modo, se considerarmos também as definições de sistema expostas anteriormente, vemos que Saussure apresenta o valor como sinônimo de sistema de termos justapostos, oponíveis e similares, os quais podem ser trocados por uma coisa dessemelhante.

Assim, com essa análise da noção de sistema nas “Notas para o curso III”, é possível notar que há, para Saussure, uma necessidade não apenas de caracterizar o termo sistema, mas também e, principalmente, uma necessidade de **defini-lo**. Essas definições compõem majoritariamente a parte do conjunto de manuscritos destinada a tratar do princípio do valor linguístico, e se fundamentam na aproximação do sistema a uma “série justaposta de grandezas oponíveis”.

Essa definição do sistema enquanto uma “série” não consiste em uma característica exclusiva das “Notas para o curso III”. No CLG, ele também é definido de tal forma, o que evidencia uma semelhança importante na abordagem do processo de elaboração da noção de sistema. Todavia, diferentemente da edição, no conjunto de manuscritos, Saussure afirma que o sistema é formado por “termos similares” (cf. SAUSSURE, 1910-1911, f. 27). Tal afirmação poderia colocar em xeque a noção de diferença, que se mostra fundamental à noção saussuriana de sistema desde as elaborações do linguista presentes no *Mémoire*. No entanto, pautamo-nos na característica de incompletude, bem como na inexatidão da terminologia nele apresentada nos manuscritos saussurianos – com mais força do que no CLG, dado o propósito de cada material –, para evidenciar que adjetivar os termos do sistema de similares, ao que parece, diz respeito mais ao modo de funcionamento de sua delimitação, ou seja, à semelhança do modo como são constituídos, do que à possível existência de características próprias a eles, que os definem.

Afirmamos isso, pois, como vimos no decorrer deste capítulo, as noções de diferença, relação oposição e negatividade imperam desde muito cedo na concepção de sistema tomada por Saussure. Seu trabalho em Gramática Comparada se diferencia de outros efetuados na mesma época, justamente pelo fato do linguista ter optado por desenvolver uma análise a partir

de uma ótica que levava pouco em conta qualquer traço de substância fônica e de significação. Essa noção de sistema, mesmo que fosse pautada em uma análise de línguas e de famílias de língua, já evidenciava traços que compõem a noção de sistema da língua – enquanto objeto de estudo de uma ciência.

Especificamente a respeito do conjunto de manuscritos “Notas para o curso III”, vemos que o caráter arbitrário do signo mostra-se como um princípio relacionado à noção de sistema que não havia ainda sido exposto nos trechos analisados nos tópicos anteriores. Esse princípio pode ser notado como um aspecto importante, por se relacionar de forma intrínseca ao princípio do valor linguístico, e por constituir um elemento essencial para que Saussure explicitasse o modo como as mudanças linguísticas são efetuadas, evidenciando a existência de uma ordem própria da língua.

Assim, uma vez evidenciada a trajetória de elaboração da noção saussuriana de sistema em três documentos que representam momentos importantes de sua teorização – o *Mémoire* e os conjuntos de manuscritos “Da essência dupla da linguagem” e “Notas para o curso III” –, passaremos ao capítulo seguinte. Nele, primeiramente exporemos de que modo a noção de sistema era concebida nas reflexões de alguns estudiosos da linguagem anteriores e contemporâneos a Saussure. Após, buscaremos estabelecer um paralelo entre essas concepções e o que foi encontrado em nossas análises da noção saussuriana de sistema, para que, assim, seja possível encontrar caminhos para refletir acerca de nossa pergunta de pesquisa: quais aspectos fazem com que a noção saussuriana de sistema estabeleça, ao mesmo tempo, uma relação de continuidade e ruptura com as concepções de sistema utilizadas pelos estudiosos da linguagem dos séculos XVII, XVIII e XIX?

Capítulo 4 – O sistema em Saussure: continuidade e ruptura

“Tal como se dá com qualquer nova ideia na ciência ou em outra atividade, o conceito de sistema tem uma longa história.”

(Ludwig Von Bertalanffy)

4.1 Introdução

A epígrafe que abre este capítulo indica, já de início, que por mais que almejemos tratar, em nosso trabalho, da noção de sistema nas elaborações de Ferdinand de Saussure, é preciso considerar que essa noção possui uma longa história que deve ser percorrida. O sistema consiste em um elemento que compõe os fundamentos de diferentes âmbitos das ciências, sejam elas exatas, humanas ou biológicas. Nos estudos biológicos, por exemplo, tal noção se destaca na Taxonomia ou Sistemática (cf. LINNAEI, 1758), além de estar presente na conceituação do funcionamento humano, com os sistemas biológicos.

Na Linguística, não é diferente. Tal noção é utilizada desde os primeiros estudos da linguagem do ocidente, com a concepção das gramáticas gregas, e perpassa todo o percurso das reflexões estabelecidas por gramáticos normativos, comparatistas, filósofos e linguistas. Mais do que isso, por ser parte constituinte da definição de língua proposta por Saussure – assim como vimos nos capítulos anteriores – a noção de sistema se mostra como um eixo capital para a teorização do linguista, teorização essa que possibilitou a fundação da Linguística enquanto ciência moderna.

Ademais, se considerarmos os estudos posteriores a Saussure e partirmos do ponto de vista do estruturalismo – ou seja, considerando a relação existente entre sistema e estrutura –, torna-se possível retornar nosso olhar ao passado e notar que a noção de sistema foi utilizada como pivô das elaborações de estudiosos da linguagem em diferentes momentos, mostrando-se sempre como um elemento de fundamental importância para as reflexões acerca da língua. Segundo Ducrot (1968),

O linguista dos primórdios do século XIX possuía, pois, um conceito de estrutura, ou ainda de “sistema” (as duas palavras se repetem sem cessar nos textos dessa época) assaz próximo – com uma diferença [...] da noção utilizada hoje. (DUCROT, 1968, p. 42).

Nesse mesmo sentido, consideramos pertinente destacar que, para Lévi-Strauss (1958, p. 306, tradução nossa) – pesquisador consagrado por seus estudos em Antropologia Estrutural

– “uma estrutura oferece um caráter de sistema. Ela consiste em elementos tais que qualquer modificação de um deles causa uma modificação de todos os outros”⁷¹. Disso se pode presumir que as ciências estruturais devem lidar com objetos que apresentem uma natureza sistêmica, o que evidencia que ambas as noções – sistema e estrutura –, se não podem ser tomadas como sinônimas, possuem muitos aspectos comuns.

Desse modo, é notável que os primeiros estudos gramaticais – os quais visavam à classificação das partes do discurso, com base na estrutura de uma determinada língua – já se mostravam dependentes da noção de sistema para que fossem estabelecidos. Tal noção, enquanto condição para as reflexões acerca da língua, manteve-se desde os estudos gregos, potencializando-se em alguns trabalhos de destaque no âmbito dos estudos da linguagem. Dentre eles, podemos ressaltar a Gramática de Port-Royal, publicada em 1660, e alguns dos trabalhos de Gramática Comparada, como é o caso daqueles realizados por Whitney – que trata diretamente da noção de sistema – e de Humboldt – que prioriza o termo “estrutura”, além das reflexões de Ferdinand de Saussure.

Tendo isso em vista, neste capítulo nos dedicaremos a apresentar as concepções de sistema que compõem as reflexões de alguns estudiosos da linguagem dos séculos XVII, XVIII e XIX. Para isso, primeiramente buscaremos mostrar de que modo a noção de sistema constitui o trabalho de Étienne Bonnot de Condillac, um filósofo do século XVIII que propõe uma classificação dos sistemas que fundamentavam as reflexões filosóficas de seu tempo. A concepção de sistema defendida pelo autor, contudo, relaciona-se também à sua reflexão sobre a linguagem e pode, portanto, apresentar pontos compartilhados com a teorização de Saussure.

Além disso, exporemos também de que modo o sistema era concebido das reflexões dos gramáticos e dos estudiosos da sinonímia durante os séculos XVII e XVIII. Essencialmente, nossa exposição terá como foco a noção de sistema, bem como as noções do quadro teórico saussuriano que a ela se relacionam – de valor, relação, significação etc. – no que concerne às reflexões sobre as partes do discurso e sobre a delimitação dos sinônimos no período em questão.

Ainda, analisaremos a concepção de sistema adotada pelos estudiosos da linguagem do século XIX, os quais se dedicavam, sobretudo, às investigações concernentes à Gramática Comparada. Por serem contemporâneos de Saussure, conhecer o modo como esses autores utilizam a noção de sistema em suas elaborações pode evidenciar os aspectos que fazem com

⁷¹ « une structure offre un caractère de système. Elle consiste en éléments tels qu’une modification quelconque de l’un d’eux entraîne une modification de tous les autres ».

que essa noção saussuriana se difira das concepções que fundamentam o trabalho de outros pesquisadores da Gramática Comparada.

Assim, conhecendo as concepções de sistema que fundamentam os estudos da linguagem nesses três momentos, será possível estabelecer, por fim, no último tópico deste capítulo, um paralelo entre a noção de sistema pensada por Saussure e o sistema nas teorizações de outros estudiosos da linguagem. Com isso, poderemos evidenciar caminhos de reflexão a respeito da pergunta que norteia esta dissertação, a saber: De que modo a noção saussuriana de sistema estabelece, ao mesmo tempo, uma relação de ruptura e continuidade com a(s) noção(ões) de sistema adotadas nos estudos da linguagem anteriores a Saussure?

4.2 A noção de sistema nos estudos da linguagem

Para iniciar este tópico de nosso trabalho, consideramos pertinente destacar a afirmação de Wahl (apud DUCROT, 1968, p. 16) de que “sob o nome de Estruturalismo se reagrupam as ciências do signo, os sistemas de signos”. Essa afirmação é relevante, quando se trata da noção de sistema nos estudos da linguagem, visto que em vários momentos da história desses estudos as concepções de sistema neles apresentadas se mostravam atreladas à noção de estrutura. Nas reflexões de alguns dos autores que se dedicaram a essas reflexões sobre a linguagem, é até mesmo perceptível que a relação entre sistema e estrutura é explicitamente apresentada.

Nesse sentido, consideramos importante também ressaltar o fato de que a noção de sistema se mostra presente nos estudos da linguagem desde os primeiros trabalhos de que se tem registro no ocidente: já nas gramáticas gregas, esse preceito se mostrou importante na elaboração do sistema das partes do discurso. Segundo Ducrot,

logrou-se, mediante as inexatidões que a vontade de ser sistemático parece sempre autorizar, classificar-lhes as unidades em categorias que não parecem demasiado arbitrárias, de vez que seus elementos possuem certas propriedades importantes em comum: a divisão das palavras em partes do discurso (verbos, substantivos, artigos, etc.) constitui, disso, o exemplo mais célebre (DUCROT, 1968, p. 24).

Séculos mais tarde, a noção de sistema na linguagem foi relevante, principalmente, nos estudos da sinonímia efetuados pelos gramáticos do século XVIII. Em seguida, essa noção se apresentou sob outra ótica, sendo também utilizada pelos estudiosos da Gramática Comparada do século XIX, de forma a indicar uma estrutura de organização das línguas estudadas.

A partir disso, é importante ressaltar que, como vimos nos capítulos anteriores, entre o final do século XIX e o início do século XX, a noção de sistema foi utilizada por Ferdinand de Saussure em seus estudos acerca da língua e das línguas. Essa noção ocupa um lugar central na teorização do linguista, visto que compõe a própria definição de língua por ela proposta: “um sistema de signos”. Assim, uma vez que o processo de elaboração das reflexões de Saussure se mostrou relevante por delinear o objeto de estudo próprio da Linguística, outorgando-lhe, posteriormente, um lugar entre as ciências modernas, e tendo em vista que a noção de sistema é constituinte desse projeto epistemológico, consideramos pertinente expor como essa noção era considerada nos estudos da linguagem anteriores ao início do século XX.

Essa explanação se justifica pelo fato de que a noção de sistema já compunha as teorizações sobre a linguagem anteriores às elaborações saussurianas. Apesar disso, tal como vimos no capítulo introdutório de nosso trabalho, o corte epistemológico efetuado por Saussure permitiu que se delimitasse o objeto de estudo ao qual a Linguística deveria se dedicar. E, nesse corte, a noção de sistema, em conjunto com as noções a ela subjacentes – tais como as de valor, de arbitrário e de signo, entre outras – teve importância fundamental, visto que aproximou as reflexões linguísticas da descoberta de uma ordem própria da língua. Tendo isso em vista, acreditamos ser importante conhecer de que modo a noção de sistema era utilizada nos estudos da linguagem durante os séculos XIX e precedentes, para que possamos entender como a noção saussuriana de sistema apresenta, ao mesmo tempo, uma relação de continuidade e ruptura com as concepções adotadas por seus predecessores.

4.2.1 “Traité des systèmes”: definição e princípios

Os estudos da Filosofia se mostram importantes no que tange ao tratamento da noção de sistema. Isso porque os trabalhos desenvolvidos por filósofos até o final do século XVIII permitiram que Étienne Bonnot de Condillac publicasse uma obra dedicada ao modo como essa noção poderia ser considerada, de forma geral, nos trabalhos da Filosofia. Todavia, o tratamento da noção de sistema nas reflexões de Condillac tangenciam também seus estudos sobre a linguagem, fazendo com que haja algumas semelhanças entre seus estudos e a teorização de Saussure. Na obra intitulada “Traité des systèmes”, Condillac apresenta o termo “sistema” definido como

a disposição de diferentes partes de uma arte ou de uma ciência em uma ordem onde elas se sustentam mutuamente, e em que as últimas são explicadas pelas primeiras. Aquelas que dão razão às outras se chamam princípios e o sistema se aproxima da perfeição à medida que os princípios são mais escassos, sendo até mesmo desejável que se resumam a um só (CONDILLAC, 1798, p. 8, tradução nossa).⁷²

Desse modo, segundo Condillac (1798), devem-se distinguir, nos trabalhos da Filosofia realizados até a sua época, três tipos de princípios, a partir dos quais se podem formar três tipos de sistema. São eles: i) as máximas gerais ou abstratas; ii) as suposições em que pensamos para explicar as coisas sobre as quais não sabemos raciocinar; iii) os fatos bem constatados. Entretanto, apesar de ser possível que os sistemas se formem a partir de todas essas três espécies de princípios, Condillac (1798) afirma que é apenas sobre os princípios da última espécie, isto é, sobre os fatos bem constatados que podem ser fundados os verdadeiros sistemas.

Por isso, como crítica aos sistemas que partem dos dois primeiros tipos de princípios, o autor cita os estudos da Metafísica. Segundo ele,

Os metafísicos foram tão inventivos nessa segunda espécie de princípios quanto na primeira; e, devido aos seus cuidados, a metafísica não encontrou mais nada que pudesse ser um mistério para ela. Quem diz metafísica, diz, na sua linguagem, a ciência das primeiras verdades, dos primeiros princípios das coisas. Mas é necessário convir que esta ciência não se encontra nas suas próprias obras (CONDILLAC, 1798, p. 9, tradução nossa).⁷³

Essa crítica é pautada no fato de que, para Condillac (1798, p. 10), os princípios abstratos (denominação dada aos princípios da primeira e segunda classe) devem ser utilizados apenas como forma de organização do pensamento, a fim de se classificarem as ideias, e não como fundamentos que visem “conduzir conhecimentos particulares”. Desse modo, o autor expõe sua classificação dos sistemas de acordo com os princípios por ele apresentados: i’) os “sistemas abstratos”, que dizem respeito àqueles formulados a partir dos princípios abstratos; ii’) as “hipóteses”, que consistem nos sistemas que têm as suposições como fundamento; iii’) os “sistemas verdadeiros”, que são aqueles embasados pelos fatos bem constatados.

Assim, tendo em vista que o sistema, de acordo com as reflexões de Condillac (1798), consiste em uma ordem de princípios, consideramos pertinente destacar em que se pauta a

⁷² « disposition des différentes parties d'un art ou d'une science dans un ordre où elles se soutiennent toutes mutuellement, et où les dernières s'expliquent par les premières. Celles qui rendent raison de autres, s'appellent principes; et le système est d'autant plus parfait, que les principes sont en plus petit nombre: il est même à souhaiter qu'on le réduise à un seul ».

⁷³ « Les métaphysiciens ont été aussi inventifs dans cette seconde espèce des principes, que dans la première ; et, par leurs soins, la métaphysique n'a plus rien rencontré qui pût être un mystère pour elle. Qui dit métaphysique, dit, dans leur langage, la science des premières vérités, des premiers principes des choses. Mais il faut convenir que cette science ne se trouve pas dans leurs ouvrages ».

noção de princípio para o autor. Segundo ele, os sistemas se originaram da necessidade natural do homem de observar o meio, a fim de conhecê-lo. Com isso, o homem procurava soluções para sanar as dificuldades e as necessidades que afligiam a comunidade em que vivia. Assim, pautado no modo como realizava as descobertas acerca de suas necessidades naturais, o homem prosseguiu suas investigações nos outros campos de estudo de forma semelhante. Essas investigações iniciais propiciavam o surgimento de suspeitas que indicavam outras observações a serem efetuadas, que, por fim, poderiam confirmar ou negar os fatos suspeitados. A partir disso, seria possível estabelecer os sistemas:

Quando tiveram os fatos em grande quantidade para explicar os fenômenos dos quais se investigava a razão, os sistemas estavam acabados, de alguma forma, por eles mesmos, porque os fatos se teriam arranjado a si mesmos na ordem em que se explicavam sucessivamente uns aos outros. Então, se teria visto que, em todo sistema, há um primeiro fato, um fato que é o começo e que, por isso, foi chamado **princípio**: porque **princípio** e **começo** são duas palavras que significam originariamente a mesma coisa. (CONDILLAC, 1798, p. 12, grifo do autor, tradução nossa)⁷⁴

O princípio, então, é tomado por Condillac (1798) como o fato inicial que engendra investigações, as quais podem levar a novos fatos que se sustentarão mutuamente, formando um sistema. Dito de outro modo, ele consiste nos fatos de origem das observações do homem. Tendo isso em vista, é possível perceber que a noção de sistema, para Condillac (1798), está relacionada à integralização dos princípios em uma ordem maior, de forma a criar um vínculo entre eles que os capacita a suportarem uns aos outros. Sendo assim, torna-se notável que essa noção de sistema está vinculada, assim como a noção saussuriana de sistema, à noção de relação dos elementos que a compõem. Além disso, fica também clara uma inter-relação entre a noção de sistema e a de hierarquia, tendo em vista que, para Condillac (1798), o sistema consiste na ordem maior que envolve os elementos que a compõem (princípios).

Considerando as reflexões de Condillac (1798), é pertinente destacar que a noção de sistema pensada pelo filósofo se estende também à sua compreensão de língua. Por isso, Angenot (1971, p. 1) ressalta que existe uma relação entre essa concepção de sistema e aquela pensada por Saussure e exposta no Curso de Linguística Geral. O autor afirma que, embora o termo “sistema” consista em uma palavra-chave nas elaborações de Saussure, apresenta um

⁷⁴ « Quand on aurait eu des faits en assez grand nombre pour expliquer les phénomènes dont on cherchait la raison, les systèmes se seraient achevés, en quelque sorte, tout seuls, parce que les faits se seraient arrangés d’eux-mêmes dans l’ordre où ils s’expliquent successivement les uns les autres. Alors on aurait vu que, dans tout système, il y a un premier fait, un fait qui en est le commencement, et que, par cette raison, on aurait appelé principe : car principe et commencement sont deux mots qui signifient originalement la même chose ».

lugar ainda mais central no trabalho de Condillac. Mais do que isso, Angenot ressalta que o filósofo também considera a língua como um sistema de signos, e que

as noções de arbitrário do signo, de articulação dupla, da característica analítica da língua, da organização linear do discurso, do princípio da **analogia**, que permite às línguas se desenvolverem, estão verdadeiramente no centro de seu pensamento [...] (CONDILLAC, 1971, p. 1, grifo do autor, tradução nossa).⁷⁵

Contudo, ao que parece, o que Condillac considera como signo não corresponde exatamente à concepção de signo pensada por Saussure. Angenot (1971, p. 1) afirma que, para o filósofo, os signos consistem em “sons articulados escolhidos arbitrariamente”, e vinculados a uma ideia. Dessa forma vemos que, diferente de Saussure, que considera a impressão psíquica dos sons (imagem acústica) apenas como um dos elementos componentes do signo linguístico, Condillac elabora uma definição de signo enquanto o próprio som (substância fônica), mas considera também sua articulação, característica que, segundo ele, evidencia o caráter racional da língua.

Apesar de existirem diferenças na conceituação da língua enquanto sistema nas reflexões dos dois autores, pensá-la desta forma parece ter permitido que Condillac, de modo semelhante a Saussure – mas ainda distintamente –, elaborasse uma concepção que considera língua e pensamento como dois elementos inseparáveis. Para ele, “o problema do pensamento se **movimenta** e se organiza em torno de uma reflexão sobre a linguagem”⁷⁶ (ANGENOT, 1971, p. 2, grifo do autor, tradução nossa). Para Saussure, por sua vez,

não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo misterioso, de o “pensamento-som” implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 131).

Além da existência de uma relação que perpassa língua e pensamento, a analogia também se mostra como um aspecto importante nos trabalhos de Condillac e de Saussure. Para ambos os autores, o fenômeno analógico consiste em uma atividade de criação de língua (cf. ANGENOT, 1971, p. 7). Esse tipo de criação, a nosso ver, trata-se de outro fator que evidencia a importância da noção de sistema nas reflexões acerca da língua, uma vez que esse modo de criação só pode ocorrer por meio de relações, diferenciações e associações, aspectos estes que,

⁷⁵ « Les notions d’arbitraire du signe, de double articulation, de caractère analytique de la langue, d’organisation linéaire du discours, du principe **d’analogie** qui permet aux langues de se développer, sont véritablement » u centre de sa pensée [...] ».

⁷⁶ « le problème de la pensée de **déplace** et s’organise autour d’une réflexion sur le langage ».

ao mesmo tempo, integram e são dependentes de uma concepção de língua enquanto sistema⁷⁷. Assim, por pensar uma reflexão que outorga um papel central à noção em questão, “Condillac, assim como Saussure, faz da analogia o recurso principal de sua análise linguística”⁷⁸ (ANGENOT, 1971, p. 7, tradução nossa).

Dessa forma, é possível observar que, apesar de efetuarem trabalhos a respeito de áreas distintas do conhecimento – filosofia e linguística –, as reflexões de Condillac e de Saussure, apesar de serem de naturezas distintas, apresentam algumas semelhanças entre si, as quais são majoritariamente pautadas, de alguma forma, em uma concepção de língua enquanto sistema. Tendo isso em vista, consideramos pertinente destacar a afirmação de Angenot (1971, p. 7, tradução nossa) de que “é possível [...] supor, com base em uma leitura paralela de Condillac e do Curso de Linguística Geral, uma influência direta do primeiro sobre o segundo”⁷⁹.

Com isso, e a partir das considerações a respeito da noção de sistema no “*Traité des systèmes*”, obra importante no âmbito da Filosofia, em contraste com a noção saussuriana de sistema, ressaltamos que há pontos de semelhanças, mas também há diferenças entre essa a noção filosófica e a noção do sistema elaborada por Saussure. Feito isso, torna-se necessário que investiguemos, no próximo item, as concepções de sistema que fundamentam os trabalhos de alguns autores que se dedicavam ao estudo da gramática e da sinonímia, ao longo dos séculos XVII e XVIII.

4.2.2 Os estudos da gramática dos séculos XVII e XVIII

Durante os séculos XVII e XVIII, os estudos das línguas eram realizados, sobretudo, por gramáticos, e visavam, principalmente, explicar o funcionamento dos elementos das línguas estudadas. Contudo, além disso, segundo Lancelot (2001 [1660], p. 5), um dos autores da “Gramática de Port-Royal”, trabalhar com diversas línguas levou-lhe a “buscar as razões de várias coisas que são ou comuns a todas as línguas ou particulares a cada uma delas”. Essa busca pelos aspectos gerais e particulares das línguas deu lugar à elaboração da gramática em questão que, segundo Culler (1979, p. 46), “toma a linguagem como um quadro ou uma imagem

⁷⁷ Tal como foi visto nos capítulos anteriores.

⁷⁸ « Condillac, comme Saussure, fait de l’analogie le ressort principal de son analyse linguistique ».

⁷⁹ Il est possible [...] de supposer sur la base d’une lecture en parallèle de Condillac et du CLG, une influence directe du premier sur le second.

do pensamento e, por isso, procura descobrir, através do estudo da linguagem, uma lógica universal, as leis da razão”.

De fato, para Arnauld e Lancelot, um dos principais aspectos que colocam o homem em posição de vantagem em relação aos outros animais

é o uso que dela [a palavra] fazemos para **expressar** nossos pensamentos, e essa invenção maravilhosa de compor, com vinte e cinco ou trinta sons, essa variedade infinita de palavras que, nada tendo em si mesmas de semelhante ao que se passa em nosso espírito, não deixam de revelar aos outros todo seu segredo e de fazer com que aqueles que nele não podem penetrar compreendam tudo quanto concebemos e todos os diversos momentos de nossa alma. (ARNAULD; LANCELOT, 2001 [1660], p. 32, grifos nossos).

Ou seja, a busca dos gramáticos pelas generalidades e particularidades das línguas era fundamentada por uma concepção que tomava a língua como instrumento do pensamento. Nesse sentido, a língua era passível de ser classificada em partes, tal como era feito pelos primeiros gramáticos da Grécia Antiga⁸⁰. A “Gramática de Port-Royal” apresenta uma classificação da língua que, aliás, assemelha-se àquela proposta pelos gregos nos “sistemas das partes dos discursos”. Para Arnauld e Lancelot (2001 [1660]), a língua é composta por nomes, artigos, pronomes, preposições, advérbios, verbos, conjunções e interjeições.

Como se pode ver, assim como a classificação apresentada nas primeiras gramáticas, a proposta dessa gramática do século XVII se baseia em oito partes do discurso. Não obstante, ela apresenta subclassificações e características a cada uma dessas partes e, além disso, apresenta a interjeição como elemento constituinte do sistema proposto. Assim, os nomes, por exemplo, são subclassificados como substantivos, adjetivos, nomes próprios, apelativos, além de também apresentarem variações de gênero e número. Da mesma forma, nessa classificação, os verbos apresentam diversidade de número, pessoa, tempo e modo, e também podem ser

⁸⁰ Weedwood (2002, p. 33) afirma que foram os gregos que elaboraram o “sistema das partes do discurso” e desenvolveram alguns dos conceitos a ele relacionados, os quais até hoje apresentam um caráter essencial nos estudos linguísticos. No entanto, o que as gramáticas propunham como novo, na verdade, não era a quantidade de fatos que buscavam apresentar, mas sim o modo como a análise dos elementos, muitos dos quais já eram tratados na filosofia, deveria ser efetuada.

A primeira gramática do Ocidente foi elaborada por Dionísio o Trácio e, segundo Neves (1987, p. 115), consistiu em “um tratado breve e metódico de doutrina gramatical”. Nele, Dionísio apresenta oito partes do discurso, as quais formavam um esquema bastante semelhante àquele apresentado nas gramáticas atuais. São elas: o nome, o verbo, o particípio (que é apresentado de forma separada do verbo, aspecto que não se mantém nas gramáticas contemporâneas), o artigo, o pronome, a preposição, o advérbio e a conjunção.

De forma semelhante, a gramática de Apolônio Díscolo – que foi considerada a de maior projeção durante o período dos imperadores romanos – apresentava também essas mesmas oito partes do discurso. Todavia, além da tarefa de classificação, Apolônio se dispõe a tratar também da **sintaxe** das partes do discurso, colocando-as em uma “ordem que imita a posição completa” (NEVES, 1987, p. 157). Há, dessa forma, uma noção de hierarquia envolvendo a sintaxe das partes do discurso, visto que, para Apolônio, os elementos mais importantes do sistema são o nome e o verbo, sendo os outros elementos menos essenciais ou até mesmo acessórios.

categorizados pelas formas ativa, passiva e neutra. Ademais, o particípio que, para as gramáticas gregas, consistia em um dos oito componentes fundamentais das partes do discurso, passa a compor as características possíveis dos verbos, junto com o gerundivo e o supino.

Vemos, então, que há, em torno dos estudos gramaticais do século XVII, uma noção de sistema que se assemelha àquela que sustentava os estudos dos gregos ao elaborarem os “sistemas das partes do discurso”. No entanto, a produção dos gramáticos dos séculos XVII e XVIII não se restringiu às classificações gramaticais que visavam a explicar o funcionamento da manifestação do “espírito” por meio da linguagem. Além disso, o abade G. Girard destacou-se por tratar dos sinônimos da língua francesa, publicando em 1718, a obra “La justesse de la langue française, ou les différentes significations des mots qui passent pour synonymes”.

Quase um século depois, em 1810, suas definições dos sinônimos do francês foram publicadas no “Dictionnaire universel des synonymes de la langue française”, em conjunto com as definições de outros estudiosos da linguagem do século XVIII, como Diderot e Dalember, que também contribuíram para escrita da primeira enciclopédia existente. No *Avertissement sur cette édition* do dicionário, é possível identificar que algumas noções, como as de valor, ideia e significação, mostravam-se importantes para o estudo dos sinônimos de uma determinada língua. Mais do que isso, naquela época, essas noções pareciam justificar a relevância do estudo da sinonímia:

Assim, uma língua é verdadeiramente tão rica quanto haja **valores e ideias** encerrados em todas suas palavras. Essa verdade comum, mas sensível, pode nos fazer perceber como é importante o estudo dos SINÔNIMOS para a língua francesa. Pouco rica pelo número de palavras, ela assim se torna pela realidade de suas **significações**. Pode-se, portanto, chegar a suprir sua indigência determinando, por meio de **distinções** sutis, porém, sempre verdadeiras, a **diferença** que oferecem as palavras na Sinonímia. (*Dictionnaire universel des synonymes de la langue française*, 1810, p. i, grifo em caixa alta do autor, grifos em negrito nossos, tradução nossa).⁸¹

Assim, vemos que, no início do século XIX, os estudiosos da linguagem consideravam ricas as línguas cujas palavras apresentavam valores e ideias encerrados em si mesmos. Nesse sentido, consideramos importante ressaltar que, já nesse momento, havia uma noção de valor, a qual estava vinculada à significação das palavras, e cuja importância se mostrava clara para os estudos da sinonímia.

⁸¹ « Ainsi une Langue n'est véritablement riche qu'autant qu'il y aura de valeurs et d'idées renfermées dans le nombre de ses mots. Cette vérité commune, mais sensible, peut nous faire sentir combien est important l'étude des SYNONIMES pour la Langue française. Peu riche par le nombre de ses mots, elle le devient par la vérité de leurs significations. On peut donc parvenir à suppléer à son indigence, en déterminant par des distinctions fines, mais toujours vraies, la différence qu'offrent ses mots dans leur Synonymie. ».

Além disso, é possível notar que a noção de diferença se apresenta como um aspecto que deve ser considerado na relação entre as palavras sinônimas, mesmo que suas significações já estejam estabelecidas. Ou seja, segundo o raciocínio apresentado no trecho acima, ainda que dois termos distintos sejam apresentados como sinônimos, há, entre eles, distinções que fazem com que não apresentem exatamente o mesmo significado; eles apenas compartilham a faculdade de designarem ideias semelhantes. Dito de outro modo, para essa concepção de sinonímia do século XIX, não há palavras que possuem a mesma significação, isto é, não existem sinônimos exatos.

Essa concepção se mostra semelhante, em alguns aspectos, ao princípio saussuriano do valor linguístico. Segundo Saussure,

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear*, *temer*, *ter medo* só tem valor próprio pela oposição; se *recear* não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes. Inversamente, existem termos que se enriquecem pelo contato com os outros; (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 134-135)

O fato de palavras que exprimem ideias vizinhas concorrerem para que a significação destinada a cada uma seja delimitada evidencia a inexistência de sinônimos exatos. Por mais que a ideia que compõe cada termo sinônimo seja semelhante, ela nunca será a mesma em termos distintos. Apesar dessa semelhança no tratamento dos sinônimos na teorização de Saussure e nos estudos da sinonímia dos séculos XVII e XVIII, é importante ressaltar que, para Saussure, não só os termos sinônimos funcionam a partir do princípio do valor. No sistema linguístico pensado pelo linguista, os termos não são hierarquizados e, sendo assim, possuem uma natureza negativa, estabelecendo uma relação de oposição e diferença entre si, a fim de que sejam estabelecidos.

Ademais, é importante ressaltar que o caráter distintivo dos sinônimos – que compõe o conteúdo do “Dictionnaire universel des synonymes de la langue française” –apresenta-se também em conjunto com a noção de língua enquanto **sistema**. Ao que parece, esses dois aspectos – distinção e sistema – estabelecem uma relação, de forma a requisitarem-se reciprocamente nos estudos da sinonímia daquela época:

Eles [os sinônimos] parecem tornar fecunda a observação de um gênio secreto que soubesse generalizar observações particulares, e espalhar por todo o **sistema da Língua** uma luz cujos raios teriam acabado de anunciar a aurora. O abade Girard então apareceu; e estabeleceu uma maneira de ver e de desvendar as **nuances distintivas** dos SINÔNIMOS [...](DICTIONNAIRE

UNIVERSEL DES SYNONYMES DE LA LANGUE FRANÇAISE, 1810, p. iv, grifo em caixa alta original, grifos em negrito nossos, tradução nossa).⁸²

Embora não seja estabelecido que tipo de sistema é a língua para esses estudiosos do final do século XVII e início do século XVIII, é notável que a pensar como tal tornava possível o estudo dos sinônimos não como palavras de ideias equivalentes, mas sim como palavras cujas significações são particulares, mesmo que pareçam designar a mesma ideia. Portanto, a noção de sistema, no trabalho desses autores acerca da linguagem, guarda uma semelhança com o que viríamos a conhecer como Linguística Moderna, no século XX. Trata-se da inter-relação entre as noções de sistema, diferença e significação, em uma reflexão que, *a priori*, pautava-se principalmente na sinonímia e que, mais tarde, foi levada para o estudo da língua em geral, principalmente nas elaborações de Ferdinand de Saussure, tal como vimos anteriormente.

Uma vez conhecidas as concepções de sistema que fundamentavam as reflexões de alguns estudiosos dos séculos XVII e XVIII, consideramos pertinente conhecer de que modo essa mesma noção era utilizada nos estudos da Gramática Comparada, no século XIX. Isso porque, apesar da formação de Saussure ter se dado em grande parte na Alemanha em meio à tradição dos estudos comparatistas, tanto o propósito unicamente comparativo desses estudos quanto a concepção de língua que os fundamentava – uma concepção organicista, influenciada pelo darwinismo – foram alvos de crítica por parte do linguista.

4.2.3 Os frutos da Gramática Comparada

Ao longo do século XIX, os estudos da Gramática Comparada visavam encontrar as semelhanças existentes entre as diversas línguas, com a hipótese de que, a partir das similaridades encontradas, fosse possível reconstituir a “língua mãe”. Contudo, mais do que isso, alguns pesquisadores da época – representantes da Gramática Comparada e da Linguística Histórica – buscaram, segundo Normand (2009 [2000], p. 43), “reincorporar os resultados múltiplos das pesquisas históricas e comparadas a certo número de princípios gerais sobre a linguagem”. Para tanto, muitas vezes se valiam, segundo Culler (1979, p. 51-52, grifo nosso), da análise dos “**sistemas flexivos**” das línguas.

⁸² « Ils semblaient attendre pour devenir féconds le coup-d’œil d’un génie pénétrant qui sût généraliser des remarques particulières, et répandre dans le système entier de la Langue une lumière dont quelques rayons avoient à peine annoncé l’aurore. L’abbé Girard parut ; et, se faisant à lui-même une manière de voir et de démêler les nuances distinctives des SYNONYMES [...] ».

Esses sistemas, para F. V. Schlegel, por exemplo, – a quem a introdução do termo “Gramática Comparada” é atribuída⁸³ – estavam relacionados à “**estrutura** interna da língua”, a qual, para ele, consistia no fator-chave para se esclarecerem as semelhanças encontradas entre as línguas comparativamente analisadas (cf. CULLER, 1979, p. 52, grifo nosso). De forma semelhante, W. V. Humboldt defendia que a língua possui, além de uma forma externa – ligada à “matéria bruta (os sons)” –, também uma forma interna, que seria o “padrão, ou **estrutura**, de gramática e significado que é imposto sobre essa matéria bruta” (WEEDWOOD, 2002, p. 108, grifo nosso). Além disso, de acordo com Ducrot (1968, p. 34), o trabalho de Humboldt, apesar de utilizado para condenar certas concepções estruturalistas, insere-se em uma perspectiva que está “além ou aquém de qualquer natureza”, tendo, portanto, uma natureza particular. Nesse sentido,

Embora sustentando que a língua, concebida como um sistema de palavras, é uma espécie de microcosmo, cuja ordem é a réplica fiel da ordem universal, descobre-se, nos elementos desse microcosmo, um outro mundo, ele também regulamentado e hierarquizado, mas que só dá testemunho de si próprio (DUCROT, 1968, p. 34).

Assim, vemos que, tanto para Schlegel como para Humboldt, a noção de sistema se relaciona à organização interna da língua, ou seja, à sua estrutura, a qual consiste em um aspecto de caráter essencial na realização dos estudos comparatistas. Humboldt, especificamente, considera que

para obter bons resultados na comparação de diversas línguas entre si com vistas à sua construção característica, deve-se investigar cuidadosamente a forma de cada uma delas, apurando assim de que modo cada uma soluciona as principais questões que se apresentam para todo processo de geração das línguas (HUMBOLDT, [s.d] 2006, p. 97).

Como é possível observar, a noção de forma tem um caráter central na teorização de Humboldt, uma vez que se encontra relacionada à sua concepção de língua. Para ele, não se pode considerar a língua como uma “obra acabada” – denominada por ele de *Ergon* – mas sim como uma atividade – *Energeia* – cuja definição só pode ser encontrada nas origens. Isso se difere significativamente do posicionamento de Saussure, que defende que “a questão da origem da linguagem não tem a importância que geralmente se lhe atribui” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 86).

⁸³ Cf. Paveau, Sarfati; 2006, p. 12.

Por outro lado, no que tange à questão do caráter essencial do sistema, destacamos que, na teorização de Humboldt, tal fato pode ser mais diretamente observado a partir da ressalva do autor de que a noção de estrutura não consiste simplesmente em uma característica da forma interna da língua. Mais do que isso, ela é também um aspecto fundamental para que o estudo das línguas possa ser efetuado, visto que este só pode se dar por meio do desmembramento de suas estruturas:

O desmembramento de suas **estruturas** [das línguas], indispensáveis ao seu estudo, força-nos inclusive a considerar as línguas como um processo que avança com a ajuda de certos meios rumo a certos fins, e, desse modo, a **vê-las realmente como processo de formação das nações** (HUMBOLDT, [s.d] 2006, p. 101, grifos nossos).

Assim, é possível entender que Humboldt toma a noção de estrutura (sistema) não só como modo de organização **da língua**, mas também como um fator que possibilita a análise das **diversas línguas**. Apesar disso, notamos que, por mais que o linguista se posicione de forma a considerar a existência de um sistema interno da língua, ele se afasta de considerar a existência de uma ordem própria desse objeto, pelo fato de relacioná-lo diretamente ao “processo de formação das nações”. Afirmamos isso, pois, a nosso ver, caracterizar a língua como um processo de formação dos povos significa tomá-la como uma “ferramenta” que se encontra a serviço e sob o comando da sociedade, sendo, portanto, um aspecto cultural semelhante a todos os outros.

Nesse sentido, consideramos pertinente ressaltar, ainda, a teorização de outro estudioso da linguagem do século XIX: o americano W. D. Whitney. A noção de sistema na teorização do autor se encontra, assim como nas reflexões de Saussure, na própria definição do objeto de estudo proposto. Isso pode ser percebido, primeiramente, de forma indireta, quando Whitney define a linguagem como um “conjunto de signos”: “A linguagem propriamente dita é um **conjunto** de signos pelos quais o homem exprime consciente e intencionalmente seu pensamento a seus semelhantes” (WHITNEY, [1875] 2010, p. 17, grifo nosso).

A nosso ver, existe uma relação entre as noções de sistema e de conjunto que se justifica a partir das concepções de sistema tomadas em outras áreas, como na Filosofia, como foi mostrado anteriormente no trabalho de Condillac. Na Filosofia, o sistema é tido como um “conjunto de princípios que formam uma ordem” e, na Biologia, o sistema pode ser entendido, sucintamente, como um conjunto de órgãos cujos funcionamentos conjuntos permitem a existência dos sistemas biológicos. Dessa forma, é perceptível que tomar a linguagem (uma

grandeza maior) como um conjunto de signos (grandezas menores) de modo a formar um todo, evidencia uma relação entre a noção de conjunto e sistema nas reflexões de Whitney.

Essa relação fica mais evidente quando o autor, ao tratar do processo de aquisição da linguagem, ressalta que

A tese de que a semelhança geral de constituição intelectual entre os membros de uma sociedade os conduz a formular **sistemas de signos** semelhantes não poderia se apoiar nos fatos de observação; porque a distribuição das línguas e dos dialetos não tem nenhuma relação com as capacidades naturais, as inclinações e a forma física dos falantes desse dialeto (WHITNEY, [1875] 2010, p. 24, grifo nosso).

Uma vez que o excerto acima se trata de uma consideração acerca do processo de aquisição da linguagem, dizer que os membros de uma sociedade são conduzidos, nesse processo, a formular “sistemas de signos semelhantes” entre si nos leva a entender, então, que são esses sistemas que constituem a própria linguagem. Além disso, há, também nesse excerto, outro fator a ser notado.

Ao negar que a linguagem de um povo está relacionada às capacidades naturais e às características físicas de seus falantes, Whitney recusa qualquer vínculo biológico entre a língua e o próprio povo. A partir dessa negação, o autor a classifica, então, como uma instituição de caráter social: “Não é absurdo, à primeira vista, que a linguagem, **considerada como uma instituição de invenção humana**, esteja submetida à mudança” (WHITNEY, [1875] 2010, p. 45, grifo nosso). No entanto, assim como ocorre com Humboldt, escapa a Whitney a percepção de uma ordem própria da língua. Isso pode ser notado justamente pelo modo como o autor justifica a ocorrência de mudanças nessa instituição. Para ele, o indivíduo pode atuar como seu modificador, principalmente durante o período de aquisição da linguagem.

As instituições humanas em geral se transmitem pela tradição, como a linguagem, e são modificadas ao longo dessa transmissão. [...] a criança comete toda sorte de erro durante seus primeiros esforços para falar; se ela for atenta, e sua educação cuidadosa, ela aprende a corrigi-lo mais tarde; mas frequentemente é desatenta e não é instruída, de modo que, ao aprender sua língua materna, **o indivíduo está sujeito a alterá-la** (WHITNEY, [1875] 2010, p. 45, grifo nosso).

Nesse sentido, tendo em vista que a definição de língua, para Whitney, apresenta-se enquanto um sistema de signos, a afirmação de que ela é passível de ser alterada pelo indivíduo, ao que nos parece, subsidia a possibilidade de considerar seus signos como elementos cuja convenção é **unicamente** social. Whitney ([1875] 2010, p. 32) não nega o princípio da arbitrariedade dos signos, pois afirma que “toda palavra transmitida é um signo arbitrário e

convencional”. No entanto, o fato de que, para o autor, o indivíduo tem o poder de modificar a língua restringe o caráter arbitrário do signo para uma convenção que independe das relações estabelecidas no interior do sistema linguístico, relações essas que são explicadas nas reflexões de Saussure por meio da “Teoria do Valor”.

Há aqui um ponto importante de contraste entre a teorização de Whitney e as reflexões de Saussure, pois, apesar de Saussure afirmar, no capítulo “Natureza do signo linguístico” do CLG, que arbitrário é o mesmo que convencional – e apresentar toda uma discussão posterior sobre a nomenclatura - ele considera o arbitrário como imotivado. Isso distancia sua concepção de arbitrário daquela proposta por Whitney.

Assim, vemos que há, de fato, entre os trabalhos dos linguistas do século XIX, a utilização da noção de sistema em suas teorizações. No que tange aos estudos desenvolvidos por Schlegel e Humboldt, representantes notáveis dos estudos da linguagem realizados na época, a noção de sistema parece se relacionar diretamente à noção de estrutura, enquanto **modo de organização interno das línguas estudadas**.

Além disso, é notável que essa noção de sistema como estrutura interna da língua se afasta da noção que permeia os trabalhos dos gramáticos, tanto daqueles dos séculos XVII e XVIII como dos gregos. Isso porque, segundo Humboldt ([s.d.] 2006, p. 109), a “forma da língua não se limita absolutamente à assim chamada forma gramatical. [...] O conceito de formas das línguas estende-se para muito além das regras de sintaxe e, inclusive, das de formação de palavras [...]”. Ou seja, a noção de sistema presente nos estudos linguísticos do século XIX ia além da classificação gramatical, e se relacionava, principalmente, aos “aspectos do trabalho mental contínuo da construção da expressão” (FARACO, 2011, p. 43).

A respeito das reflexões também de Humboldt e de Whitney, vemos que, apesar da noção de sistema ser constituinte de suas teorizações, nenhum dos dois autores parece chegar à reflexão acerca da existência de “uma ordem própria da língua”, tal como faz Saussure (cf. SAUSSURE, [1916] 2006, p. 31). Desse modo, no item a seguir, consideramos pertinente evidenciar, a partir da análise da noção saussuriana de sistema feita nos capítulos anteriores e também da exposição das concepções de sistema expostas neste capítulo, quais são os fatores inovadores da noção de sistema que fundamenta as reflexões de Saussure. Com isso, será possível identificar em que medida essa noção saussuriana se difere – ou se assemelha – das outras noções de sistema utilizadas nos estudos da linguagem, proporcionando que o linguista estabeleça a língua enquanto um objeto de estudo distinto da linguagem e da fala, e dotado de uma ordem própria.

4.3 A noção de sistema: um paralelo

Uma vez expostas as concepções de sistema tomadas por estudiosos da linguagem anteriores ou contemporâneos a Saussure, torna-se possível finalmente, estabelecer um paralelo entre elas e a noção saussuriana de sistema. No entanto, é preciso que, antes, retomemos os principais aspectos encontrados acerca da noção de sistema nos documentos de Saussure.

No CLG, ao buscarmos refletir a respeito da subquestão “De que forma a noção de sistema é exposta no Curso de Linguística Geral?”, vimos que a noção de sistema está diretamente relacionada à definição do próprio conceito de língua. Isso indica seu caráter central na teorização saussuriana, bem como de outras noções do quadro teórico do linguista. Isso porque, como vimos, os conceitos de signo linguístico, relação, oposição, negatividade e os princípios de valor e da arbitrariedade, além de serem agentes efetivos da noção saussuriana de sistema apresentada no CLG, também dependem dela para que sejam delimitados. Há, portanto, uma relação de interdependência e reciprocidade entre o sistema e as noções a ele relacionadas.

Além disso, o CLG consiste no único material de nosso corpus de análise que apresenta uma definição direta relacionada à noção de sistema. Essa definição exposta no livro considera o **sistema linguístico** (e não apenas o sistema) como uma série, a qual envolve necessariamente as noções de sincronia, aproximando a caracterização da noção de sistema àquela de estado de língua. Além disso, o chamado sistema linguístico engendra um sistema de valores, que, por sua vez, aproxima a caracterização da noção de sistema àquela de funcionamento da língua. Embora entender o sistema como estado de língua se difira de seu entendimento enquanto funcionamento de língua, essas duas formas de compreender o sistema não são excludentes, mas sim o contrário, uma vez que é o ponto de vista sincrônico da língua que permitiu a Saussure compreender seu modo de funcionamento. A nosso ver, compreender o sistema como sincronia e funcionamento são óticas complementares da mesma noção.

Nesse sentido, vemos que tanto a noção de estado de língua e de funcionamento, como também as outras noções do quadro teórico de Saussure, quando relacionadas de forma a estabelecerem o sistema, permitem que a língua seja considerada como um objeto que possui uma ordem própria, apesar de estar vinculado, de certa forma, à massa falante. Ademais, a noção de sistema pensada por Saussure e exposta no CLG, por ser fundamentada pelos princípios do arbitrário e do valor linguístico, faz com que a língua seja concebida como um elemento inseparável do pensamento, que organiza a massa amorfa e indistinta que ele é antes de seu aparecimento.

Ao buscarmos caminhos em direção à nossa segunda subquestão (“Como a noção saussuriana de sistema é apresentada antes da publicação do Curso de Linguística Geral?”),

vimos que a noção de sistema compõe os trabalhos de Saussure desde suas primeiras elaborações. No *Mémoire*, por seu ponto central ser a análise fonético-comparativa das línguas indo-europeias, a noção de sistema apresenta um caráter fundamental para cumprir com o objetivo do trabalho, tendo em vista a importância de se pensarem as vogais analisadas a partir do ponto de vista sistêmico. Além disso, ao estabelecer críticas acerca de alguns sistemas propostos por outros autores em seus trabalhos no âmbito da Gramática Comparada, Saussure vai além, por buscar a identidade das vogais “a” das línguas analisadas por meio de suas relações de oposição, e não por meio de um método unicamente comparativo, que considera a identidade dos elementos de uma forma apriorística – embora tanto a substância fônica como a significação fossem fatores minimamente levados em consideração.

O conjunto de manuscritos “Da essência dupla da linguagem” indicou que a noção de sistema já se mostrava presente nas elaborações de Saussure desde suas primeiras reflexões acerca da natureza da língua. Ademais, nessas reflexões, a noção em questão é caracterizada por uma série de noções – relação, oposição, diferença, valor e negatividade – além de também envolver a delimitação de seus elementos componentes (os signos linguísticos). Todavia, nesse conjunto de manuscritos, tanto a terminologia quanto a caracterização dos princípios que compõem esse processo da teorização saussuriana a respeito da língua apresentam um caráter flutuante, evidenciando, por meio das rasuras e retomadas, uma busca constante por uma delimitação (característica que, embora seja amenizada nos outros tipos de documentos analisados, não é totalmente eliminada). Essas marcas – rasuras, flutuações terminológicas e retomadas – consistem em pistas do movimento da elaboração de Saussure e de uma inquietude teórica que ocasionou a escrita de tantas outras folhas de manuscritos.

Nas “Notas para o curso III”, a noção de sistema é apresentada como condição imprescindível para que haja o princípio do valor no funcionamento da língua. Isso mostra novamente o vínculo intrínseco que existe entre o sistema e as noções do quadro teórico em que ela está inserida. Nesse sentido, é válido rememorar que nossa análise desse conjunto de manuscritos apontou que, nesse momento das elaborações saussurianas, para além das noções expostas tanto no *Mémoire* como no manuscrito “Da essência dupla da linguagem”, há uma relação direta entre a noção de sistema e o princípio da arbitrariedade. Essa relação consiste em um passo importante em direção ao estabelecimento da ordem própria da língua, visto que indica a impossibilidade da massa falante de modificar o sistema linguístico. Além disso, nesse conjunto de manuscritos, o sistema é caracterizado como “uma série de grandezas”, caracterização esta que se assemelha à única definição direta da noção de sistema encontrada

em nossas análises. Tal definição, como foi mostrado, encontra-se no conteúdo do Curso de Linguística Geral.

Assim como foi colocado em nossa hipótese inicial, vimos que a noção de sistema e também a própria elaboração saussuriana não possuem uma trajetória linear e teleológica. Afirmamos isso, pois em qualquer documento pertencente ao corpus de análise de nosso trabalho é possível encontrar, de fato, a noção de sistema, mas em nenhum deles parece existir definição, delimitação ou até mesmo demarcação das características que estabeleceriam limites entre a noção de sistema no âmbito da Gramática Comparada e nas reflexões sobre Linguística Geral.

Então, torna-se notável que o processo de elaboração da noção saussuriana de sistema não consiste em um projeto acabado. Além disso, é possível observar que, assim como a própria elaboração saussuriana, a noção de sistema não tem um processo de elaboração linear e tampouco é direcionada a um determinado e único fim. Trata-se, na verdade, de um conceito que não apresenta uma definição própria (a não ser quando acompanhado do adjetivo “linguístico”), mas que é caracterizado por uma série de noções que, em conjunto, permitiram pensar a língua enquanto um objeto de estudo integral e que, embora seja tocado pela massa falante, não é completamente dependente de suas vontades. Mais do que isso, a língua, enquanto um sistema de signos ou de valores, possui uma ordem própria.

Tendo como base nossas análises, cremos que o fato da noção de sistema de Saussure contribuir significativamente para outorgar à língua uma ordem própria consiste no aspecto que faz com que essa noção saussuriana estabeleça uma **ruptura** com as concepções de sistema que fundamentam o trabalho de outros estudiosos da linguagem. Além disso, o fato de Saussure pensar o sistema no elemento também consiste em um fator de reviravolta nos estudos linguísticos. A esse respeito, Ducrot (1968, p. 56) afirma: “Pressupor no elemento o sistema, eis o que constitui, a nosso ver, o contributo próprio de Saussure ao Estruturalismo linguístico”⁸⁴. Contudo, para além disso, em todas as concepções de sistema que apresentamos pode ser notada uma relação tanto de continuidade como de ruptura com a noção de sistema pensada por Saussure.

Na Filosofia, a noção de sistema, de acordo com as reflexões de Condillac (1798), está relacionada à integração dos princípios em uma ordem maior, de forma a criar um vínculo entre eles que os capacita a suportarem uns aos outros. Desse modo, a noção em questão mostra-se vinculada à noção de relação dos elementos que o compõem. É esse o principal fator que

⁸⁴ Agradecemos à Prof^ª Dr^a Maria Fausta C. P. de Castro por nos indicar, na ocasião da banca de defesa de nosso trabalho, a importância desse trecho do trabalho de Ducrot para a nossa pesquisa.

sustenta a relação de continuidade entre a noção de sistema que fundamenta as reflexões de Saussure e aquela que fundamenta as reflexões de Condillac. Além disso, observamos que teorizações de Saussure e de Condillac sobre a língua apresentam pontos em comum que perpassam justamente o fato de ambos considerarem a língua enquanto um sistema.

Por outro lado, no trabalho do filósofo, é notável um vínculo mútuo entre o sistema e a noção de hierarquia, tendo em vista que Condillac (1798) o considera como uma grandeza maior que envolve os elementos que a compõem, ou seja, os princípios. Nesse aspecto, o sistema pensado por Saussure estabelece uma relação de ruptura com o sistema de Condillac, tendo em vista que, nas elaborações saussurianas, não existe superioridade e nem anterioridade dos elementos que compõem o sistema, ou mesmo do sistema perante os outros conceitos e princípios da língua. Os princípios de valor e de arbitrariedade, relacionados à noção de sistema, são fatores que garantem essa ausência de hierarquia no sistema, tal como ele é compreendido nos documentos de Saussure.

Nos estudos da linguagem realizados por gramáticos nos séculos XVII e XVIII, temos que a organização da língua em categorias, estabelecidas pelos pesquisadores da época, evidencia a importância da noção de sistema nas reflexões sobre a gramática; importância esta que continua ao longo dos estudos relacionados à língua, potencializando-se nas elaborações saussurianas. Assim, é possível notar que a noção de sistema nas pesquisas sobre a linguagem não consiste em uma inovação terminológico-conceitual de Saussure. Ela já estava presente na categorização das partes do discurso, delimitada pelos gramáticos gregos e também tratadas pelos gramáticos dos séculos XVII e XVIII. Embora tal categorização esteja, de certo modo, pautada na noção de classificação dos elementos gramaticais, e tivesse um caráter prioritariamente gramatical, não se relaciona à noção de estrutura interna da língua.

Além disso, em grande parte dos estudos dessa época, a língua era considerada como instrumento de representação do pensamento. Considerá-la dessa forma faz com que essas reflexões se distanciem daquelas presentes nas elaborações de Saussure, uma vez que, para o linguista, não há pensamento organizado sem língua, existindo, na verdade, uma relação de vínculo, e não de representação, entre esses dois elementos. Há, nesse aspecto, uma relação de ruptura. Isso porque, como foi notado nas análises dos documentos saussurianos, essa associação entre língua e pensamento – que se afasta da concepção de língua enquanto representação – foi alcançada graças à elaboração da noção de sistema, bem como das noções que compõem todo o quadro teórico saussuriano – principalmente a de valor e de arbitrário –, e consiste em um aspecto fundamental da teorização do linguista.

Ademais, é importante ressaltar que não eram apenas os estudos gramaticais do período em questão que afirmavam que o papel da língua perante o pensamento era representá-lo. Como foi visto, alguns estudiosos da Gramática Comparada também se posicionavam de modo a considerá-la de tal forma. Assim, ao que parece, o vínculo existente entre língua e pensamento, evidenciado pelo processo de elaboração da teorização de Saussure, consiste em um dos aspectos que fazem com que a noção saussuriana de sistema estabeleça uma relação de continuidade e ruptura com os estudos da linguagem a ela precedentes e, consequentemente, com as concepções de sistema que fundamentam esses estudos.

Assim, notamos que há continuidade, porque em nenhum dos momentos se nega que haja uma relação entre pensamento e língua, qualquer que seja sua natureza, nem que a noção de sistema seja importante para os estudos linguísticos. Há ruptura, porque a natureza desse vínculo entre língua e pensamento deixa de ser tomada como representação para ser concebida como vínculo, e porque, em Saussure, a concepção de sistema se relaciona ao modo de funcionamento interno da língua, e não a uma categorização gramatical das partes do discurso.

No que concerne aos estudos da sinonímia desenvolvidos durante esse mesmo período, é importante ressaltar que eles apresentam uma noção de sistema semelhante àquela que compõe as elaborações saussurianas, visto que considera a relação estabelecida entre as palavras para se delimitarem os sinônimos de uma determinada língua. Existe, portanto, certa continuidade entre esses dois momentos dos estudos linguísticos. Apesar disso, a noção saussuriana de sistema vai além, visto que ela não se atém unicamente aos termos sinônimos de uma língua específica, expandindo-se a todos os elementos linguísticos, de forma a reger, no quadro teórico de Saussure, o modo de funcionamento da língua.

A respeito das análises comparativas das línguas efetuadas durante o século XIX, vemos que o principal fator que propicia uma ruptura com as concepções de sistema da época é, mais uma vez, o fato de Saussure buscar alcançar uma ordem própria da língua. Embora haja continuidade, pelo fato de Schlegel, Whitney e Humboldt considerarem o sistema como um elemento interno desse objeto – sendo que Whitney até mesmo o qualifica como um “sistema de signos”, assim como o faz Saussure – nenhum deles parece perceber que o funcionamento da língua estabelece limites às vontades da massa falante. Em Humboldt, isso pode ser percebido pelo fato de o autor relacionar a língua ao processo de formação das nações, igualando-a aos outros aspectos socioculturais presentes na constituição das sociedades. Em Whitney, a ordem própria da língua deixa de ser alcançada pelo fato de o autor outorgar à vontade do falante as razões das mudanças nela ocorridas, principalmente durante o processo de aquisição da linguagem.

Dito de outro modo, é notável que os trabalhos de Schlegel, Humboldt e Whitney, assim como o de Saussure, surgiram em meio à tradição da Gramática Comparada e, apesar de se tratarem de diferentes teorizações, assemelham-se por apresentarem uma noção de sistema que não equivale à noção de classificação gramatical das línguas. Para eles, o sistema linguístico consiste em uma noção interna ao objeto de estudo da Linguística.

Apesar disso, o modo como essa noção se apresenta nos trabalhos desses autores, principalmente no que tange a Humboldt e a Whitney, não funciona de forma a outorgar à língua uma ordem própria, isto é, não a diferencia dos aspectos culturais e das outras instituições socialmente convencionadas. Em contrapartida, Saussure, de acordo com Davies (2006, p. 10), apesar de estar em conformidade com seus contemporâneos, foi muito além deles, por “questionar a natureza exata dos estudos comparatistas”⁸⁵. De fato, tal como já afirmamos, no CLG, o linguista critica o propósito desses estudos. Segundo ele,

Esse método exclusivamente comparativo acarreta todo um conjunto de conceitos errôneos, que não correspondem a nada na realidade e que são estranhos às verdadeiras condições de toda a linguagem (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 10).

Assim, vemos que Saussure criticava o método dos estudos linguísticos de sua época, pois, com ele, não se podiam alcançar as “verdadeiras condições de toda a linguagem”. A partir disso, é possível observar que há um interesse do linguista pela busca de um modo de funcionamento inerente ao objeto de estudo da Linguística. Este interesse parece surgir da refutação dos resultados obtidos pelos estudos da linguagem efetuados por seus contemporâneos. A questão colocada por Saussure pode então, a nosso ver, ser resumida na seguinte: qual a razão de se buscar as reconstituições das famílias de línguas, se as reformas na terminologia e no método de pesquisa da época eram necessidades primordiais e evidentes?

A busca pelos “princípios gerais sobre a linguagem”, realizada ao longo do século XIX, apesar de tudo, indicava sim uma “preocupação com a Linguística Geral” (NORMAND, 2009 [2000], p. 43), além de também evidenciar a importância da noção de sistema. Contudo, essa preocupação tornou-se, segundo Normand, uma necessidade que não possuía uma delimitação específica. Ou seja, sua delimitação consistia em nada além de um “princípio excessivamente geral que pode ser resumido assim: é necessário fazer a síntese dos resultados adquiridos pelos trabalhos comparatistas” (NORMAND, 2009 [2000]. p. 43).

⁸⁵ Segundo Davies (2006, p. 10), “[...] Saussure was in line with most of his contemporaries; however, he went beyond them in having doubts [...] about the exact nature of the ‘new science’ founded by Bopp [...]”.

Dessa forma, é importante rememorarmos que a insatisfação de Saussure com esse método utilizado nos trabalhos desenvolvidos pelos gramáticos comparatistas pode ser identificada, no próprio *Mémoire*. A constituição de um sistema de vogais estabelecido a partir da relação de oposição dos elementos analisados evidencia uma ruptura com o modo de classificação utilizado na época, o qual levava muito em conta a substância fônica e a significação dos elementos. Dessa forma, destacamos mais uma vez que, segundo Silveira (2007, p. 54, grifo da autora), “ainda que não seja possível identificar um caminho claro das **leis fonéticas** em direção à **noção de sistema**, não há dúvida quanto ao reconhecimento, por Saussure, da necessidade de uma mudança de metodologia”.

Porém, a preocupação de Saussure não se atinha exclusivamente ao método de análise dos dados, expandindo-se também para o que era feito com os resultados obtidos a partir dessas análises. Isso o levou a pensar princípios de uma Linguística Geral que fossem além da simples síntese de dados. Um desses princípios é, sem dúvida, a noção de sistema pensada pelo linguista. Como vimos, essa noção, em conjunto com as outras noções e princípios a ela relacionados, permitiram que Saussure concebesse a língua como um objeto de estudo “integral e concreto” o qual, apesar de estar sujeito a modificações ao longo do tempo, possui uma ordem que é só sua, isto é, uma ordem própria. Assim sendo, finalizamos este último capítulo de nosso trabalho em consonância com Ducrot, que afirma que

Acreditamos descobrir, [...] desde o século XVIII e XIX, a ideia de que cada língua possui uma organização que lhe é própria e que merece, por sua regularidade, ser considerada como uma ordem. **O papel de Saussure não é, pois, certamente, o de ter introduzido esse tema, e sim o de o ter reencontrado, e sobretudo ter podido impô-lo após o êxito impressionante da gramática comparada** (DUCROT, 1968, p. 55, grifo nosso).

Com isso, é possível afirmar que a noção saussuriana de sistema não estabelece uma relação de continuidade e ruptura apenas com as concepções de sistema presentes nos trabalhos dos estudiosos da linguagem anteriores ou contemporâneos a Saussure. Para além disso, essa noção contribui para que a teorização do linguista como um todo estabeleça esse tipo de relação com as próprias reflexões sobre a linguagem que eram realizadas por seus contemporâneos e antecessores.

Considerações finais

“The claim, however, that language is a system is not a simple one, and leaves much to be disentangled.”

(Claudine Normand)

Para compreendermos de que modo a noção saussuriana de sistema estabelece, ao mesmo tempo, uma relação de continuidade e ruptura com as concepções de sistema que fundamentam os trabalhos de estudiosos da linguagem anteriores a Saussure, percorremos, em nosso trabalho, uma trajetória que, já em seu início, evidenciou que a noção em questão estava presente desde os primeiros estudos da linguagem do ocidente. Por isso, com o objetivo de buscar caminhos que incitassem reflexões acerca dessa principal questão de pesquisa, optamos por investigar, primeiramente, de que modo se dá o processo de elaboração da noção de sistema de Saussure, para que depois, fosse possível estabelecer um paralelo entre ela e as concepções de sistema que precedem as reflexões do linguista.

Desse modo, partimos de alguns trabalhos acerca das formas de abordagem dos documentos e da teorização saussuriana – realizados por Milner (1989; 2002), Silveira (2007) e Normand (2011) – para buscar caminhos que pudessem auxiliar nas reflexões a respeito de nossa principal pergunta de pesquisa. Nosso primeiro objeto de análise, o CLG, mostrou-nos de que modo a noção de sistema pensada por Saussure é apresentada no livro responsável por levar a público as reflexões do linguista que deram à Linguística seu lugar de ciência. Contudo, mais do que isso, nossa análise evidenciou que, assim como defende Silveira (2007) a edição não se abstém de marcas que indicam a trajetória de elaboração de Saussure, marcas estas que são percebidas no movimento de elaboração tanto da teorização em si, como também das noções que a fundamentam – como é o caso da noção de sistema.

O *Mémoire* – que é um livro publicado, embora não seja póstumo – também representa um elemento que contribui para a compreensão da teorização do linguista. Embora não se enquadre em um documento que apresenta reflexões sobre Linguística Geral, é possível notar que nele são apresentadas algumas noções cruciais para a contribuição original de Saussure. Todavia, essas noções – como é o caso da noção de sistema – não são apresentadas, no documento em questão, nem como conceitos definidos nem como princípios relacionados à língua enquanto um objeto sincrônico com funcionamento próprio. Apesar disso, assinalaram um caminho para que a língua fosse pensada dessa forma.

Os conjuntos de manuscritos analisados em nosso trabalho (“Notas para o curso III” e “Da essência dupla da linguagem”), apesar de possuírem especificidades, são os documentos em que os aspectos formais que evidenciam a trajetória de elaboração de Saussure mostram-se potencializados. Em nosso trabalho, observamos que principalmente os contrassensos, ou seja, as formulações e reformulações presentes em cada conjunto de manuscritos consistem no principal aspecto que contribui, paradoxalmente, para que a teorização do linguista percorra uma trajetória consistente. Além disso, juntamente com as outras marcas, como as flutuações terminológicas e as contestações acerca das teorizações sobre a língua dos outros linguistas, os contrassensos indicam também a tensão que envolve a trajetória de elaboração de conceitos, princípios e da própria teorização de Saussure.

Assim, ao mesmo tempo em que cada tipo de documento apresenta pontos de contrastes entre si, eles também se complementam no testemunho do caminho percorrido por Saussure em seu processo de reflexão. Isso evidencia, assim como ressaltamos no primeiro capítulo, uma intersecção entre esses documentos distintos. Tal como resalta Silveira (2007, p. 81), há um nó que liga esses diferentes trabalhos de Saussure, o qual só se sustenta pela existência de cada elaboração. Nesse sentido, se um dos elementos que compõe o nó se desfaz, a nodulação se desfaz por completo. Não há, portanto hierarquização desses documentos.

É justamente essa teorização que perpassa reflexões sobre a língua a partir de diferentes pontos de vista que faz com que a noção saussuriana de sistema possa contribuir para que haja, ao mesmo tempo, um prosseguimento e uma reviravolta nos estudos da linguagem. E, mesmo que a teorização de Saussure não fosse necessariamente voltada para uma fundação, foi essa reviravolta, em conjunto com o prosseguimento de alguns fatores essenciais dos estudos da época, que fez com que, mais tarde, a Linguística viesse a ser reconhecida como uma ciência moderna.

REFERÊNCIAS

AERSLEFF, H. **From Locke to Saussure: essays on the study of language and intellectual history**. London: Athlone, 1982.

ALONSO, A; Prólogo a la edición española. In: SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. Trad. de A. Alonso. 24ª ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1945. p. 7-22.

ANGENOT, M. Condillac et le Cours de linguistique générale. **Dialectica**, Genève, v. XXV, n 2. 1971.

ARNAULD, A.; LANCELOT, C. **Gramática de Port-Royal**. Tradução de B. F. Basseto e H. G. Murachco. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, [1660] 2001.

BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, F. **Curso De Linguística Geral**. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BENVENISTE, E. Tendências recentes em linguística geral [1958]. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005.

BURGER, A. Essai d'analyse d'un système de valeurs. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 19, p. 67-76. Droz, 1962.

BUYSENS, E. Origine de la linguistique synchronique de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 18, p. 17-33. Droz, 1961.

CANDAUX, J-D. Ferdinand de Saussure : linguiste a quatorze ans et demi. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 29, p. 7-12. Droz, 1914-1975.

CANTINEAU, J. Oppositions significatives. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 10, p. 11-40. Droz, 1952.

CIRLOT, Juan-Eduardo. Balança. In: _____. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984. p.112.

CHIDICHIMO, A.; GAMBARARA, D. Trois chapitre de “l'essence double du langage”. . **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 61, p. 113-129. Droz, 2008.

COELHO, M. P. Significação em Saussure – Os três cursos de Linguística Geral. In: XIV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA. 2013, Uberlândia. **Anais do SILEL**. Uberlândia, v. 3, n. 1. Disponível em:

<<http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/943.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

CONDILLAC, E. B. **Traité des systèmes**. Paris: Ch Houel imprimeur, 1798.

CULLER, J. **As ideias de Saussure**. Tradução de C. A. da Fonseca. São Paulo: Cultrix, 1979.

DAVIES, A. M. Saussure and Indo-European linguistics. SANDERS, C. (Org.). In: **The Cambridge Companion to Saussure**. Cambridge University Press, 2006. p. 9-29.

DICTIONNAIRE UNIVERSEL DES SYNONYMES DE LA LANGUE FRANÇAISE. Paris : Imprimerie Stéréotype de Mame, 1810. Disponível em : https://archive.org/details/dictionnai_reuni02beaugoog. Acesso em 12 de março de 2014.

DUCROT, O. **Estruturalismo e Linguística**. Tradução de J. P. Paes. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.

ENGLER, R. Remarques sur Saussure, son système et sa terminologie. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 22, p. 35-40. Droz, 1966.

GADET, F. **Saussure: une science de la langue**. Paris: Presses Universitaire de France, 1990.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.) **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GAMBARARA, D. Un texte original: Présentation des textes de F. de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 58, p. 29-42. Droz, 2005a [2006].

GODEL, R. Inventaire des manuscrites de F. de Saussure remis a la Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, vol. 17, n. 17, p. 5-11. Droz, 1960.

_____. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure**. 2º tirage. Genève : Libraire Droz, [1957] 1969.

HALL, A. D.; FAGEN, R. E. Definition of system. In: W. Buckley (Ed.). **Modern systems research for the behavioral scientist**. Chicago: Aldine Publishing Co., 1968.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, M. I. M. **An introduction to functional grammar**. London: Hodder Arnold, [1985] 2004.

HASSLER, G. La notion de valeur saussurienne: continuité ou innovation ? In : **Vortrag auf**

der tagung révolutions saussuriennes. Genebra, 2007.

HENRIQUES, S. M. **O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure.** 2014. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

HUMBOLDT, W. HEIDERMAN, W. (Org); WEININGER, M. (Org.). **Linguagem, literatura e *bildung*.** Tradução de P. S. X. Oliveira; L. Montez; K. Volobuef; M. J. Weininger; A. A. B. Júnior; I. M. F. Kestler; M. A. Barbosa; P.A. Soethe; S. K. Lages. Florianópolis, UFSC, 2006.

JOSEPH, J. E. **Saussure.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

LAKS, B. La phonotactique saussurienne: système et loi de la valeur. **Langages**, Paris, n. 185, 150 p., março/2012.

LÉVI-STRAUSS, C. **Anthropologie structurale.** Paris : Librairie Plon, 1958.

LIMA, T. R. S. **Saussure: a escrita e a tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala.** 2014. 87 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

LINNEAI, C. **Systema naturae per regna tria naturae:** secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus I. Holmiae, Impensis Direct, Laurentii Salvii, 1758.

LOONEN, M. J. J. E. Linnaeus as biologist. The importance and limitations of Linnaean systematic in Biology. **Tijdschrift voor Skandinavistiek.** V. 29, n. 1 & 2, 2008.

MATSUZAWA, K. Le « décousu » du troisième cours de linguistique générale et la cercle herméneutique. In : BRONCKART, J. P. ; BULEA, E. ; BOTA, C. (Orgs). **Le projet de Ferdinand de Saussure.** Genève, Librairie Droz, 2012. p. 61-78.

MEJÍA QUIJANO, C. Sous les signe de doute – Présentation des textes de E. Constantin. **Cahier Ferdinand de Saussure.** Genève, n. 58, p. 43-67. Librairie Droz S.A, 2005.

_____. **Le cours d'une vie.** Portrait diachronique de Ferdinand de Saussure. Editions Cecile Default, 2008.

MILNER, J-C. Introduction à une science du langage. Paris : Seuil, 1989.

_____. **Le périple structural : Figures et paradigmes.** Paris : Seuil, 2002.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, [2000] 2009. 184 p. (Coleção Figuras do Saber).

_____. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: SILVEIRA, E. M. (Org.). **As bordas da linguagem**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

NEVES, M. H. M. **A vertente grega da gramática tradicional**. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

PAVEAU, A. M; SARFATI, G. E. **As grandes teorias da Linguística** – da gramática comparada à pragmática. Tradução de R. Gregolin et al. São Carlos: Clara Cruz, 2006.

REY-DEBOVE, J. La synonymie ou les échanges de signes comme fondement de la sémantique. **Langages**, Paris, n. 128, ano 31, 1997.

SANDERS, C. The Paris years. In: **The Cambridge Companion to Saussure**. Cambridge University Press, 2006.

SAUSSURE, F. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____.; AMACKER, R. (Org). **Science du langage** – De la double essence du langage. Genève : Librairie Droz, 2011.

_____. Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes, Leipzig : B. G. Teubner, [1879] 1879. In : C. BALLY ; L. GAUTIER (Orgs.). **Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Genève : Librairie Payot & Cie, 1969.

_____. Notes pour le cour III. In: **Papiers Ferdinand de Saussure, 3951 – 22**. Bibliothèque de Genève, 1910-1911. 56 f.

_____. De l'essence double du langage. **AdeS 372**. Biblioteque de Genève, 1891. 372 f.

_____. **Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Genève : Librairie Payot & Cie, 1969.

_____. **Cours de Linguistique Générale** - Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

_____. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

_____. **Curso de linguística geral**. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São

Paulo: Cultrix, 2006. *Cours de linguistique general*. Charles Bally e Albert Sechehaye (org.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

_____. **Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909):** d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois/ Saussure's second course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Pergamon Press, 1997.

_____. **Première Cours de Linguistique Générale (1907):** d'après les cahiers d'Albert Riedlinger / Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907): from the notebooks of Albert Riedlinger. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Pergamon Press, 1996.

_____. **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911):** d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

SILVEIRA, E. M. **As marcas do movimento se Saussure na fundação da Linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

_____. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. **Revista Letras & Letras**, Volume 25, n. 1, p. 39-54. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. **Manuscritos saussurianos:** histórico das abordagens existentes e proposta de uma nova abordagem. Relatório técnico de pesquisa. 2011.

_____. Uma leitura preliminar de dois manuscritos de Ferdinand de Saussure: “Conférences à l'Université” e “L'essence Double du langage”. In: XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA. 2011. Uberlândia. **Anais do SILEL**. v. 2, n. 2, Uberlândia, 2011.

SOFIA, E. Deux types d'entité et deux modèles de « système » chez Ferdinand de Saussure. In : BRONCKART, J. P. ; BULEA, E. ; BOTA, C. (Orgs). **Le projet de Ferdinand de Saussure**. Genève, Librairie Droz, 2012. p. 147-168.

SOUZA, M. O. Do pensamento grego aos estudos saussurianos: a noção de “estrutura” no campo da língua(gem). **Revista Digital Inventário**. 9ª ed. Salvador: UFBA, 2013.

_____. **Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria**. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

VON BERTALANFFY, L. **Teoria Geral dos Sistemas:** fundamentos, desenvolvimento e aplicações. Tradução de F. M Guimarães. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, [1968] 2013.

WEEDWOOD, B. **História concisa da Linguística**. Tradução de M. Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WELLS, R. S. El sistema lingüístico de Ferdinand de Saussure. In: BENVENISTE, E. et al. **Ferdinand de Saussure**. Buenos Aires : Siglo XXI Argentina Editores S.A., 1971.

WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. Tradução de M. A. Cruz. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, [1875] 2010.

ZILBEBERG, C. Une continuité incertaine: Saussure, Hjelmslev, Greimas. In : Zinna A. (éd.), **Hjelmslev aujourd'hui**, Turnhout, Brépols, 1997, 165-192.

ANEXOS

Fragmentos dos manuscritos citados no Capítulo 3, por ordem de aparição, com suas respectivas transcrições:

Item 3.2 – O sistema e a essência dupla

On ne saurait assez insister sur ce point que les valeurs dont se compose primordialment un système de langue (un système morphologique), un système des signaux ne consistant ni dans les formes ni dans les sens, ni dans les signes ni dans les significations. ~~Il consiste dans~~ Elles consistent dans la solution particulière d'un certain rapport général entre les signes et les significations, fondé sur la différence générale des signes + la différence générale des significations + l'attribution préalable de certaines significations à certains signes ou réciproquement,

On ne saurait assez insister sur ce point que les valeurs dont se compose primordialement un système de langue, (un système morphologique), un système des signaux ne consistant ni dans les formes ni dans les sens, ni dans les signes ni dans les significations. ~~Il consiste dans~~ Elles consistent dans la solution particulière d'un certain rapport général entre les signes et les significations, fondé sur la différence générale des signes + la différence générale des significations + l'attribution précédent de certaines significations à autres signes ou réciproquement, []
(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 3g - 1)

On ne peut pas définir ce qu'est une forme à l'aide de la figure vocale qu'elle représente, - pas davantage à l'aide du sens qu'elle contient cette figure vocale. On est obligé de poser comme fait primordial ~~une~~ le fait GÉNÉRAL, COMPLEXE, et composé de DEUX FAITS NÉGATIFS : de la différence générale des figures vocales jointe à la différence générale des sens qui s'y peut attacher.

On ne peut pas définir ce qu'est une forme à l'aide de la figure vocale qu'elle représente, - pas davantage à l'aide du sens qu'elle contient cette figure vocale. On est obligé de poser comme fait primordial ~~une~~ le fait GÉNÉRAL, COMPLEXE, et composé de DEUX FAITS NÉGATIFS : de la différence ^{générale} des figures vocales jointe à la différence générale des sens qui s'y peut attacher.
(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 3g - 2)

L.c.à.d. d'une morphologie
 Toute l'étude d'une langue comme système/revient, comme on voudra, à l'étude de l'emploi des formes, ou à celle de la représentation des idées. Ce qui est faux, c'est de penser qu'il y ait quelque d'une part des formes (exist. par elles-mêmes) et de l'autre des idées (hors de leur emploi), et de quelque part l'autre des idées (hors de leur représentation) exist. par elles-mêmes.

Toute l'étude d'une langue comme système {revient [c.à.d. d'une morphologie], comme on voudra, à l'étude de l'emploi des formes, ou à celle de la représentation des idées. Ce qui est faux, c'est de penser qu'il y ait quelque d'une part des formes, et de l'autre des idées (hors de leurs emplois), et de quelque part l'autre des idées (existent pour elles-mêmes hors de leurs représentation)
 (SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 5a - 2)

Forme implique : DIFFÉRENCE : PLURALITÉ. (SYSTÈME?). SIMULTANÉITÉ. VALEUR SIGNIFICATIVE
 En résumé :
 FORME = Non pas une certaine entité positive d'un ordre quelconque, mais et d'un L'entité ordre simple ; mais L'entité à la fois négative et complexe : résultant de la différence avec (sans aucune espèce de base matérielle) de la différence avec d'autres formes COMBINÉE avec la différence de signification d'autres formes

Forme implique: DIFFÉRENCE : PLURALITÉ. (SYSTÈME?). SIMULTANÉITÉ. VALEUR SIGNIFICATIVE.

En résumé :

FORME = Non pas une certaine entité positive d'un ordre quelconque, mais et d'un L'entité ordre simple ; mais L'entité à la fois négative : x étant de la différence et complexe : Résultant de la différence avec (sans aucune espèce de base matérielle) de la différence avec d'autres formes COMBINÉE avec la différence de signification d'autres formes

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 5a - 2)

présence d'autres termes. Enfin, il est à peine
 besoin de dire que la ^{différence} coexistence des
 termes ^{qui fait le syst. de lang} ne correspondent nulle part, fût-ce
 dans la langue la + parfaite, à un rapport
 véritable des choses. L'ensemble ^{des} rapports
 véritables entre les choses ; et qu'il n'y a donc
 pas lieu ~~et que~~ par conséquent il n'y
 a aucune raison d'attendre que les termes
 s'appliquent complètement ^{ou même très incomplètement} à des objets définis,
 matériels ou autres.

présence d'autres termes. Enfin, il est à peine
 besoin de di dire que la ^{différence} coexistence des
 termes ^{qui fait le système de langue} ne correspondent nulle part fût-ce
 dans la langue la + parfaite, à un rapport
 véritable de choses. L'ensemble dans ^{aux} rapports
 véritables entre les choses ; et qu'il n'y a donc
 pas lieu et que par conséquent il n'y
 a aucune raison d'attendre que les termes
 s'appliquent complètement ou même très incomplètement à des objets-définis,
 matériels ou autres.

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 26 - 4)

~~point de vue historique~~ ; malheureu-
 -sement la façon de formuler les
 faits ^{parmi} ~~chaque~~ chacun de ces états de langue ^{pris en eux-mêmes}
~~et vérité n'est pas scientifique~~
 est jusqu'à présent éminemment empirique,
 ou bien ; ce qui est beaucoup pire,
 pervertie jusqu dans le principe
 par l'immixtion ~~non~~ soi-disant
 scientifique des résultats de l'his-
 -toire dans un système qui fonctionne
 tout à fait indépendant de l'histoire.

point de vue historique ; malheureux
 -sement la façon de formuler les
 faits dans ^{parmi} chacun de ces états de langue ^{pris en eux-mêmes}
 vérité n'est pas scientifique
 est jusqu'à présent éminemment empirique,
 ou bien, ce qui est beaucoup pire,
 pervertie jusqu dans le principe
 par l'immixtion ~~non~~ soi-disant
 scientifique des résultats de l'his-
 -toire dans un système que fonctionne ^{répétons le}
 tout à fait indépendant de l'histoire.

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 9 - 3)

12 (4) ^{par les trois sens}
 Le système de la langue peut être
 comparé avec fruit, puisque la
 comparaison soit des plus grossières,
 à un système de signaux maritimes
 obtenus au moyen de pavillons de
 diverses couleurs. ~~Tant que le pavillon~~
~~n'est pas hissé, et qu'il reste à fond,~~
~~il n'entre pas dans un jeu de signes,~~
~~il n'a point d'existence que celle~~
~~d'un morceau d'étoffe et il est~~
~~faux de supposer que cette existence~~
~~soit nulle.~~
 Quand un pavillon flotte au milieu
 de plusieurs autres au mât de
 [], il a deux existences : la
 première est d'être une pièce d'étoffe
 rouge ou bleue, la seconde est
 de concourir par sa différence avec
 d'être un signe ^{ou un objet} ~~perçu par~~ ^{compris} comme
 donné d'un sens ^{implicatif} ~~par ceux qui l'aper-~~
~~-çoivent. Remarquons immédiatement~~
~~que sans cette~~ ~~de seconde existence a un triple~~
 les 3 caractères éminents de cette
 seconde existence : 1° Elle n'est

Le système de la langue peut être
 comparé avec fruit ^{et dans tt les sens}, puisque la
 comparaison soit des plus grossières,
 à un système de signaux maritimes
 obtenus au moyen des pavillons de
 diverses couleurs. Tant que le pavillon
 n'est pas hissé, et qu'il reste à fond
 il n'entre pas dans un jeu de signes,
 il n'a point d'existence que celle
 d'un morceau d'étoffe et il est
 faux de supposer que cette existence
 soit nulle
 quand un pavillon flotte au milieu
 de plusieurs autres au mât de
 [], il a deux existences : la
 première est d'être une pièce d'étoffe
 rouge ou bleue, la seconde est
 de concourir par sa différence avec
 d'être un signe ^{ou un objet}, ~~perçu par~~ ^{compris} comme
 donné d'un sens ^{implicatif}, par ceux qui l'aper-
 -çoivent. Remarquons immédiatement
 que ~~sans cette~~ ~~de seconde existence a un triple~~
 les 3 caractères éminents de cette
 seconde existence : 1° Elle n'est

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 12 – 4)

qu'en vertu de 12, (5)
~~que de pas~~ la pensée qui s'y attache
~~hors de qui suffit d'ailleurs pour~~
~~qu'elle soit, au même titre que~~
~~tandis que~~ il ex est exactement de
 même d'un mot, dont la pre-
 -mière existence est d'être un
 " morceau d'étoffe " ou une figure
 vocale ; ~~et~~ la seconde

2° Le signal maritime n'existe,
 pour la pensée tout ce que
 représente pour l'esprit le signal
 maritime ^{procède}, non de ce qu'il
 est, non de ce qu'on est disposé
 à y associer, mais exclusivement
 de la présence simultanée
 de 2 choses : 1° de la différence
 avec les autres signes ^{hissés} au
 même moment 2° de la différence
 avec les autres signes qui auraient
 pu être hissés à sa place, et à
 la place des signes ~~concurrents~~.
 qui l'accompagnent. Hors de ces 2 différences
 si l'on se demande où ^{est} l'existence
 positive du signe, on voit tt de suite
 qu'il n'y en a point
 possible aucunes est ce dans []

que de pas qu'en vertu de la pensée qui s'y attache
 hors de qui suffit d'ailleurs pour
 qu'elle soit, au même titre que
 tandis que il ex est exactement de
 même d'un mot, dont la pre-
 -mière existence est d'être un
 « morceau d'étoffe » * une figure
 vocale ; 2° et la seconde

2° Le signal maritime n'existe,
 pour la pensée tout ce que
 représente pour l'esprit le signal
 maritime [d'un drapeau rouge ou bleu] ^{procède} vient, non de ce qu'il
 est, non de ce qu'on est disposé
 à y associer, mais exclusivement
 de la présence simultanée
 de ces 2 choses : 1° de la différence
 avec les autres signes ^{hissés} figurant au
 même moment 2° de la différence
 d'un autre avec les qui est celle dans avec autres avec les signes qui auraient
 pu être hissés à sa place, et à
 la place des signes ~~concurrents~~.
 qui l'accompagnent. Hors de ces 2 différences
 éléments négatifs si l'on se demande où ^{est} L'existence
 positive du signe, on voit tt de suite
 qu'il n'y en a point
 possible aucunes est ce dans []

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 12 - 5)

Proposition (x). — Considérée à
n'importe quel point de vue qui
veuille tenir compte de son essence,
la langue consiste, non dans un
système de valeurs absolues ~~ou~~ posi-
tives, mais dans 1 système de valeurs
relatives et négatives, n'ayant
d'existence que par l'effet de leur
opposition.

Proposition (x). — Considérée à
n'importe quel point de vue qui
veuille tenir compte de son essence,
la langue consiste, non dans un
système de valeurs absolues ~~ou~~ posi-
tives, mais dans 1 système de valeurs
relatives et négatives, n'ayant
d'existence que par l'effet de leur opposition.

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 26 - 4)

fait secondaire. Le fait primaire et
fondamental, c'est que dans n'importe quel
système de signes qu'on mette en circulation,
il s'établira presque instantanément une synonymie,
car ~~que~~ le contraire est impossible, et reviendrait
à dire qu'on n'accorde pas de valeurs à l'opp
opposées avec signes opposés. Du moment qu'on
leur en accorde une, il est inévitable qu'une
opposition d'idées quelconques se lève dans soit
venant à surprise

27 ④

soit 1 signe par opposition à 1 ou 2 autres
soit 2 ou 3 signes par opp. à 2
ou 3 autres etc.

fait secondaire. Le fait primaire et
fondamental, c'est que dans n'importe quel
système de signes qu'on mette en circulation,
il s'établira presque instantanément une synonymie,
car ~~que~~ le contraire est impossible, et reviendrait
à dire qu'on n'accorde pas de valeurs à l'opp
opposées avec signes opposés. Du moment qu'on
leur en accorde une, il est inévitable qu'une
opposition d'idées quelconque venant à surprise, se lève dans soit
dans 1 signe ^{existant} par opposition à 1 ou 2 autres ^{autre},
soit dans 2 ou 3 signes par opp. à 2 ou
3 autres etc.

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 26 - 4)

Le système d'une langue ne
consiste donc :

Ni dans la coexistence de certaines
formes A, B, C, D, ..., comme le supposent
d'innombrables ouvrages de linguistique.

Ni dans la coexistence de certaines idées
comme a b c d, ce qu'on ^{dès le 1er moment} est x tenté
de croire.

Ni dans la coexistence de rapports tels que
 $\frac{a}{A}, \frac{b}{B}, \frac{c}{C}$; ce qui indique tout fois
un certain progrès sur le point de vue
précédent : en établissant la dualité de chaque terme.

Ni même dans l'union de certaines
idées ^{résultant avec} surs 1 forme abc/A, et de certains
formes simultanément surs une idée cerné a/HHZ.

Mais ce système consiste dans une com-
-plète confusion des idées jointe à une com-
-plète confusion des formes : au milieu x
choisis certaine différence des formes.

Mais ce système consiste en une différence
confuse d'idées courant sur la surface d'une
différence x de formes, sans que jamais
peut-être telle dis donc il y ait peut-être
1 certaine idée différence du 1^{er} ordre corres-
-ponde exactement à 1 différence du 2^{me}, ni
qu'une différence du 2^{me} corresponde à une []

Le système d'une langue ne
consistait donc :

ni dans la coexistence de certaines
formes A, B, C, D, ..., comme le supposent
d'innombrables ouvrages de linguistique.

Ni dans la coexistence de certaines idées
comme a b c d, ce qu'on ^{dès le 1er moment} est x tenté
de croire.

Ni dans la coexistence de rapports ^{entre la forme et l'idée}
tels que $a/A, b/B, c/C$, ce qui indique tout fois
un certain progrès sur le point de vue
précédent : en établissant la dualité de chaque terme.

Ni même dans l'union de certaines
idées ^{résultant avec} surs 1 forme abc/A, et de certains
formes simultanément surs une idée cerné a/HHZ.

Mais ce système consiste dans une com-
-plète confusion des idées jointe à une com-
-plète confusion des formes : au milieu x
choisis certaine différence des formes.

Mais ce système consiste en une différence
confuse d'idées courant sur la surface d'une
différence x de formes, sans que jamais
peut-être telle dis donc il y ait peut-être
1 certaine idée différence du 1^{er} ordre corres-
-ponde exactement à 1 différence du 2^{me}, ni
qu'une différence du 2^{me} corresponde à une []

(SAUSSURE, 1891, *De la essence double du langage*, f. 26 - 4)

Item 3.3 – O sistema e o terceiro curso

Prenant la langue "Il n'y a rien à 1^{re} vue qui empêche
de concevoir la langue comme ~~un syst. pur~~
logique, car le signe est arbitraire et à disp.
Le fait de la masse parlante ne change
lui-même les choses qu'en ce sens que psychologique-
logique, mais ne montre pas iméd.
Mais quand intervient la Durée Temps
combiné avec le fait de la psychologie sociale
c'est alors que nous sentons que la langue n'est pas libre;
la masse parlante X Temps

[Prenant la langue] Il n'y a rien à 1^e vue que empêche
de concevoir la langue comme ~~un système purement~~
logique, car le signe est arbitraire et à disposition []
Le fait de la masse parlant ne change
lui-même les choses qu'en ce sens que psychologique-
logique, mais ne montre pas immédiatement []
Mais quand intervient le Durée Temps
combiné avec le fait de la psychologie sociale
c'est alors qui nous sentons que la langue n'est pas libre ;
la masse parlant X Temps

(SAUSSURE, Notes pour le cours III, 1910-1911, f. 37)

Comme le signe ling. est de sa nature arbitr.
il semble que ~~la langue~~ rien n'empêche d'
à 1^{re} vue
un syst. libre ne dépend que de principes
logiques, et comme une pure science le rapports abstr.
Le fait de la masse parlante empêche-t-il ?
Pas précisément, tant qu'on le prend tt seul
psychologico-logique

Comme le signe ling. est de sa nature arbitraire
il semble que ~~la langue~~ rien n'empêche d' []
à 1^e vue []
Un système libre ne dépend que de principes
logiques, et comme une pure science le rapports abstraits []
Le fait de la masse parlant empêche-t-il ?
Pas précisément, tant qu'on le prend tt seul
psychologico-logiques []

(SAUSSURE, Notes pour le cours III, 1910-1911, f. 38)

24) ^{je me corrige} que déjà avec l'Economie politique, quoique à un moindre degré qu'avec la Linguistique, on est en face de la Valeur (ipso facto : système de valeurs car toute valeur implique un système de valeurs). Or, c'est une chose très remarquable qu'on ait été amené pratiquement à voir, déjà dans une 1^{re} séance de ^{expérimentation} même sans le vouloir, de valeurs, l'impossibilité au moins pratique de mener de front ces deux objets : le système de valeurs pris en soi (ou à 1 moment), et le système de valeurs selon le Temps.

[je me corrige]

que déjà avec l'Economie politique quoique à un moindre degré qu'avec la Linguistique, on est en face de la Valeur (ipso facto : système de valeurs car toute valeur implique un système de valeurs). Or, c'est une chose très remarquable qu'on ait été amené pratiquement à voir expérimenter même sans le vouloir, déjà dans une 1^{re} système de de valeurs, l'impossibilité au moins pratique de mener de front ces deux objets : le système de valeurs pris en soi (ou à 1 moment), et le système de valeurs selon le Temps.
(SAUSSURE, Notes pour le cours III, 1910-1911, f. 35)

Ce qui est inséparable de toute valeur, c'est de faire partie d'un système série juxtaposée de grandeurs formant un système.

ou ce qui fait la valeur, ce n'est pas ni a) d'être inséparable d'une série de grandeurs opposables formant un système ni b) d'avoir mais les deux choses à la fois et inséparablement

mais de trouver composé sa détermination LA FOIS dans un système comparable des grandeurs de même ordre et dans pas dans un

Ce qui est inséparable de toute valeur, c'est de faire partie d'un système série juxtaposée de grandeurs forment un système.

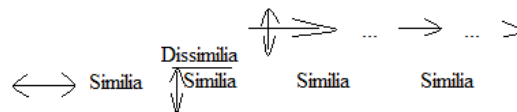
Ou ce qui fait la valeur, ce n'est pas ni a) d'être inséparable d'une série de grandeurs opposables formant un système ni en b) d'avoir [] Mais le deus choses à la fois et inséparablement à leur tour liées entre elles. Mais de trouver composé sa détermination A LA FOIS pas dans le système dans une système = série comparable des grandeurs de même ordre et dans pas dans un []

(SAUSSURE, Notes pour le cours III, 1910-1911, f. 27)

Valeur est ^{éminemment} tout à fait synonyme de terme
 Situé dans un système, ^{de termes similaires} de même qu'il est ~~tout à~~
^{aussi et à fait} fait ^{éminemment} synonyme à chaque instant de chose échangeable
^{certains} ~~Il n'y a point de~~ Prenant la chose échangeable
^{un déterminé} ~~est~~ les termes adjacents à la val de l'autre les
 termes co-systématiques, cela n'offre aucune parenté.
 C'est le propre de la valeur de mettre en rapport
 ces deux choses. Elle les met en rapport d'une
 manière ^{qui va jusqu'à} ~~tel qu'on peut défier qu'on peut dire~~
~~désespérante~~ ~~dangereuse~~ pour l'esprit par l'impossibilité de
 scruter si ces deux faces de la valeur diffèrent, ou
 la seule chose ^{évidente} ~~certaine~~ ^{indiscutable} est que la valeur va dans
 ces deux axes, est déterminée selon ces deux
 axes concurrents:

$\begin{array}{c} \updownarrow \\ \rightarrow \dots \rightarrow \dots \rightarrow \end{array}$
 $\begin{array}{c} \leftarrow \rightarrow \text{Similia} \quad \text{Dissimilia} \quad \text{Similia} \quad \text{Similia} \end{array}$

Valeur est tout à fait ^{éminemment} synonyme à chaque instant de terme
 Situé dans un système ^{de termes similaires}, de même qu'il est tout à
^{aussi et à fait} fait ^{éminemment} synonyme à chaque instant de chose échangeable
^{certaine un x objet XXX fait de temps x} Il n'y a point de Prenant la chose échangeable
^{en fait} X les termes adjacents à la val de l'autre les
 termes co-systématiques, cela n'offre aucune parenté.
 c'est propre de la valeur de mettre en rapport
 ces deux choses. Elle les met en rapport d'une
 manière ^{qui va jusqu'à} ~~tel qu'on peut défier qu'on peut dire~~
~~désespérante~~ ~~dangereuse~~ pour l'esprit par l'impossibilité de
 scruter si ces deux faces de la valeur diffèrent ^{pour elles}, vu
^{en qui,} la seule chose ^{évidente} ~~certaine~~ ^{indiscutable} est que la valeur va dans
 ces deux axes, est déterminée selon ces deux axes concurrents :



(SAUSSURE, Notes pour le cours III, 1910-1911, f. 27)